



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
CURSO DE JORNALISMO

**DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA AO IMPEACHMENT DE
DILMA ROUSSEFF: UMA VIAGEM PELAS PÁGINAS
SECULARES DE *O TAQUARYENSE*, O ÚLTIMO MOICANO DA
TIPOGRAFIA**

Pedro Harry Dias Flores

Lajeado, novembro de 2018

Pedro Harry Dias Flores

**DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA AO IMPEACHMENT DE DILMA
ROUSSEFF: UMA VIAGEM PELAS PÁGINAS SECULARES DE O
TAQUARYENSE, O ÚLTIMO MOICANO DA TIPOGRAFIA**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, na linha de formação específica em Jornalismo, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Micael Vier Behs

Lajeado, novembro de 2018

DEDICATÓRIA

Num preito de gratidão, reconhecimento e admiração, dedico este trabalho a meus grandes inspiradores, Albertino e Plínio Saraiva (*in memoriam*), por despertarem em mim o desejo de fazer o que eles faziam e, de certo modo, ser quem eles eram.

AGRADECIMENTOS

A minha avó, por possibilitar a concretização deste sonho.

A meus pais, que nunca deixaram de me incentivar ao longo da caminhada.

A minhas irmãs, cuja torcida sempre me acompanhou.

A meu orientador, pela atenção dispensada e pelo suporte oferecido.

A todos os professores com quem tive o privilégio de conviver e aprender.

A meus colegas, pelas experiências enriquecedoras comigo compartilhadas.

RESUMO

Fundado em 31 de julho de 1887, o jornal *O Taquaryense* nasceu do idealismo de um jovem de 22 anos, Albertino Saraiva. Do prelo da antiga revista paulista *A Propaganda*, surgiu à luz da publicidade na época em que vigorava no Rio Grande do Sul a imprensa político-partidária. Em seus primeiros passos, entretanto, conservou-se alheio às lutas políticas, tornando-se mais tarde órgão do Partido Republicano, condição que manteve até a década de 1930, quando o declínio desse regime o obrigou a se reinventar. Desde então, circula como folha independente. Fiel à tipografia, ainda é montado letra por letra e rodado numa impressora Marinoni, comprada do *Correio do Povo* no início do século XX. Ostenta o título de segundo jornal mais antigo em atividade no Estado, sendo o sexto mais longo do país. Um profundo mergulho na história desse periódico singular é o que se propõe a fazer o presente trabalho. Qual o papel desempenhado por *O Taquaryense* dentro da imprensa político-partidária? Como ele se reformulou ao término dessa fase para chegar até os dias atuais? De que forma as transformações do jornalismo o impactaram ao longo dos tempos? São perguntas a que esta pesquisa buscará responder, com o objetivo de demonstrar a importância e a contribuição de *O Taquaryense* para a imprensa. Este estudo é de cunho qualitativo e se define como exploratório e descritivo, concretizando-se por meio de levantamento bibliográfico e documental e de entrevistas com pessoas ligadas à história que será contada.

Palavras-chave: *O Taquaryense*. História da imprensa. Jornalismo impresso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FOTOS

Foto1 – Capa da primeira edição de <i>O Taquaryense</i>	26
Foto 2 – Fachada do antigo prédio do jornal.....	28
Foto 3 – Albertino Saraiva.....	29
Foto 4 – Prelo manual de Zweibrücken.....	31
Foto 5 – Impressora Marinoni Universelle	37
Foto 6 – Motor Crioulo	40
Foto 7 – Tristão de Azevedo Viana	44
Foto 8 – Necrológio de Albertino Saraiva	45
Foto 9 – Tratativas para a construção da atual sede de <i>O Taquaryense</i>	55
Foto 10 – Inauguração das oficinas do periódico	59
Foto 11 – Descerramento do busto de Albertino Saraiva	64
Foto 12 – Churrasco da Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul em 1981	70
Foto 13 – Homenagem a Plínio Saraiva pela passagem de seu centenário	84
Foto 14 – Abre-alas da escola de samba Irmãos da Opa no Carnaval de 2004	86
Foto 15 – Necrológio de Plínio Saraiva	86
Foto 16 – Assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta para o tombamento de <i>O Taquaryense</i>	90
Foto 17 – Frontispício da sede do semanário após a reforma em 2018	97

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 MÉTODO	14
3 “Ó TIPOGRAFIA! COMO DISTORCESTES A PAZ DA HUMANIDADE!”	17
3.1 O invento revolucionário de Johannes Gutenberg	17
3.2 As origens do jornalismo impresso	18
4 OS PRIMÓRDIOS DA IMPRENSA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL ..	20
4.1 Um periodismo sob proteção oficial	20
4.2 <i>Diário de Porto Alegre</i>: reedição exitosa de uma iniciativa mal-sucedida ..	22
5 UM JOVEM OBSTINADO EM BUSCA DO SONHO: O TAQUARYENSE	25
5.1 Os primeiros passos (1887-1899)	25
5.2 Folha republicana (1900-1909)	33
5.3 Marinoni Universelle (1910-1919)	36
5.4 Adeus a Albertino Saraiva (1920-1929)	41
5.5 Meio século de história (1930-1939)	46
5.6 Nova fase (1940-1949)	50
5.7 O lustro (1950-1959)	53
5.8 De volta à liça (1962-1969)	58
5.9 Na contramão (1970-1979)	65
5.10 O centenário (1980-1989)	69
5.11 Amor ao ofício (1990-1999)	75
5.12 De pai para filha (2000-2009)	80

5.13 Patrimônio histórico e cultural (2010-2018)	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	107
APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada com Flávia Therezinha Saraiva Dias, diretora do jornal <i>O Taquaryense</i>	108
APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada com João Batista Costa Saraiva, ex-redator e colunista do jornal <i>O Taquaryense</i>	110
APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada com João da Rosa Rodrigues, impressor-gráfico do jornal <i>O Taquaryense</i>	113
APÊNDICE D – Entrevista semiestruturada com Maria Ermi Bastos Praia, colunista do jornal <i>O Taquaryense</i>	115

1 INTRODUÇÃO

O advento da prensa de tipos móveis, método de impressão criado por Johannes Gutenberg em meados do século XV, constitui um divisor de águas na história da humanidade. Dentre as invenções que marcaram o período renascentista, sobressai a do alemão nascido em Mainz, responsável por uma verdadeira revolução no terreno da escrita e da leitura.

Para o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), a quem aludem Briggs e Burke (2006), a prensa móvel compõe, juntamente com a pólvora e a bússola, o trio que mudou todo o estado e a face das coisas no mundo inteiro, ainda que antes o ensaísta francês Michel de Montaigne (1533-1592) tenha lembrado que, há mil anos, os chineses já usufruíssem dos benefícios da impressão. Foi o invento de Gutenberg que tornou tipograficamente possível o jornalismo impresso, surgido, enquanto imprensa periódica, um século e meio depois, espalhando-se pelo mundo e chegando ao Brasil com a corte portuguesa em 1808 (SODRÉ, 1999).

No Rio Grande do Sul, “a gênese da imprensa está ligada ao processo político que desembocaria na Revolução Farroupilha” (RÜDIGER, 2003, p. 18). Fundado em 1827, com o patrocínio do governo, o *Diário de Porto Alegre* foi o primeiro jornal gaúcho. Exatos 60 anos mais tarde, do antigo prelo da revista paulista *A Propaganda*, saía à luz *O Taquaryense*.

Lançado em 31 de julho de 1887 por Albertino Saraiva, à época um jovem de apenas 22 anos, o periódico começou a ir às ruas no período em que

vigorava o jornalismo político-partidário. De acordo com Rüdiger (2003), a imprensa se tornara meio de formação doutrinária da opinião pública. Em seu artigo de apresentação, a folha de Albertino se declarou aos leitores de Taquari, município localizado na região central do Estado, alheia às questões políticas, neutralidade da qual abdicaria posteriormente para se transformar em órgão oficial do Partido Republicano.

Segundo jornal mais antigo em atividade no Rio Grande do Sul e sexto no Brasil, *O Taquaryense* é provavelmente o único na América Latina ainda produzido no sistema de composição manual e impressão tipográfica (PRECHT; ANTUNES, 2009). Testemunhou todas as transformações da área, desde a introdução da linotipia até a invasão dos computadores.

No decurso de seus 131 anos, completados em 2018, a única mudança mais radical que se permitiu fazer foi, em 1910, trocar o prelo de ferro fundido – versão evoluída da prensa de madeira construída por Gutenberg – utilizado desde a fundação por uma máquina Marinoni adquirida do *Correio do Povo*, na qual é impresso até os dias que correm. Seu acervo, que resiste quase integralmente intacto à ação do tempo, constitui um rico manancial de informações para aqueles que buscam perquirir o passado.

Até as oficinas de *O Taquaryense*, amiúde, deslocam-se pesquisadores de diferentes áreas, a fim de consultar sua coleção, composta por 64 cadernos. Inúmeros são os trabalhos acadêmicos publicados que apresentam o semanário entre as fontes consultadas. Poucos, no entanto, são os que o têm como objeto de investigação.

Suas páginas registram de 1887 a 2018, com breves interrupções – salvo a que se estendeu de 1956 a 1962 –, fatos que marcaram não somente a história do país, como também a do mundo. A começar pela Abolição da Escravatura, passando pela Proclamação da República, pelas duas grandes guerras, pela Revolução de 1930, pelo suicídio de Getúlio Vargas, pelo golpe de 1964, pela chegada do homem à Lua, pela redemocratização, pelo ataque de 11 de setembro e por outros acontecimentos de grande repercussão, até o impeachment de Dilma Rousseff.

Dentre os mencionados estudos acerca de *O Taquaryense*, destacam-se mais recentemente os de Precht e Antunes (2009) e Lautert (2013), aos quais pretende se somar o presente trabalho não como mero acréscimo ou complemento, mas como o primeiro a fazer um profundo mergulho no passado do jornal, percorrendo, ano por ano, a trajetória desse centenário veículo, caso único na história da imprensa brasileira.

Lamentavelmente, os livros dedicados à história do jornalismo no país falham ao praticamente ignorá-lo. Raros são os que ao menos o citam. Preencher tal lacuna é imprescindível. Considerando-se o que já se escreveu sobre o “último moicano da tipografia”, imagina-se que ainda há muito por desbravar.

Basta folhear seus números iniciais para perceber que, a despeito da condição de jornal interiorano, com todas as dificuldades que isso significava no século XIX, *O Taquaryense* em pouco tempo já gozava de prestígio e reconhecimento na imprensa da época, circulando em vários pontos do Rio Grande do Sul com boa aceitação. Diante desse cenário, colocam-se como questões centrais:

- Qual o papel desempenhado por *O Taquaryense* no contexto da imprensa político-partidária?
- Como o semanário se reinventou após o declínio desse regime para chegar até os dias atuais?
- De que forma as transformações do jornalismo o impactaram ao longo dos tempos?

Sendo assim, este trabalho tem como problema de pesquisa investigar as circunstâncias que marcaram o surgimento e a consolidação de *O Taquaryense* como órgão doutrinário do periodismo gaúcho e a conjuntura na qual, mais tarde, ele se remodelou para seguir em funcionamento.

Acredita-se que, por terem integrado seu corpo redatorial e seu quadro de colaboradores figuras de grande relevância, cujos nomes estão imortalizados na história da imprensa, *O Taquaryense* se constituiu numa das

mais importantes publicações interioranas gaúchas do final do século XIX e do início do século subsequente. Presume-se que, por terem registrado as principais mudanças que marcaram o jornalismo, notadamente no século XX, suas páginas ajudam a entender como se efetuaram e o que representaram essas modificações não só para ele, como para a imprensa de modo geral.

À vista disso, esta pesquisa objetiva, por meio de um profundo resgate histórico de *O Taquaryense*, demonstrar a importância e valorizar a contribuição do periódico para a história da imprensa do Rio Grande do Sul, do Brasil e, por que não dizer, do mundo. Assim, torna-se indispensável:

- Contextualizar o surgimento da tipografia e do jornalismo impresso no mundo.
- Descrever os primeiros passos da imprensa no Brasil e no Rio Grande do Sul.
- Historicizar *O Taquaryense* desde sua fundação até a atualidade.

As razões que motivaram a escolha do tema deste trabalho se fundamentam na constatação de um espaço vago na literatura da área. Os livros, em sua grande maioria, sequer fazem referência a *O Taquaryense*. Ademais, os estudos já realizados acerca do semanário não retratam, com a profundidade desejada e a abordagem proposta por esta pesquisa, a história e a relevância do veículo. Desse modo, o presente trabalho almeja contribuir para o campo jornalístico fazendo descobertas e agregando novos conhecimentos, a ratificar o caráter original de que se reveste.

Para o pesquisador, a oportunidade de estudar, divulgar e, por consequência, manter viva a obra de seu trisavô é, além de motivadora, gratificante. Foi arriscando alguns comentários esportivos nas páginas do velho semanário, do qual atualmente é redator-chefe, que o jovem inclinado para o Direito se descobriu vocacionado para o Jornalismo.

Mergulhar na história de *O Taquaryense* é, ao mesmo tempo, mergulhar na história do Estado, do país e do mundo. Contá-la é, também, uma

forma de homenagear quem a iniciou, Albertino Saraiva, jornalista visionário, e aqueles que o sucederam na tarefa de continuá-la, possibilitando a preservação desse valioso legado. É, ainda, brindar o Jornalismo com um estudo inédito que ajuda a compreender sua própria história.

Para a realização do presente trabalho, iniciado em 2 de março de 2017 e concluído em 15 de outubro de 2018, examinaram-se os 64 cadernos da coleção de *O Taquaryense* e exemplares de outras publicações que mencionam o semanário. Além disso, consultaram-se livros, artigos e monografias referentes ao tema escolhido. Realizaram-se, ainda, entrevistas com pessoas ligadas à história do jornal.

O estudo se divide em três capítulos. No primeiro, aborda as origens da tipografia e do jornalismo impresso no mundo, a partir dos autores Briggs e Burke (2006), Albert e Terrou (1990), Costella (2002) e Marcondes Filho (2002). No segundo, baseando-se em Sodré (1999), Martins e Luca (2008), Rüdiger (2003), Silva, Clemente e Barbosa (1986) e Macedo (1994), versa sobre a história do jornalismo no Brasil e no Rio Grande do Sul, desde os primórdios até a fase político-partidária.

Então, chega-se ao terceiro e último capítulo, que faz uma incursão, década por década, pela história de *O Taquaryense*. Para isso, vale-se do amplo material colhido por meio da leitura de todas as edições que integram o acervo da publicação. Ampara-se, igualmente, em fontes como Bahia (2009), Galvani (1995), Silva (1972), De Grandi (2005), Barbosa (2017), Silva (2014), Precht e Antunes (2009), Mühlen (2012), Soares (2013) e Etges, Soares e Bencke (2014). Ainda, serve-se das entrevistas de Flávia Therezinha Saraiva Dias (diretora do jornal), João Batista Costa Saraiva (ex-redator e colunista), João da Rosa Rodrigues (impressor-gráfico) e Maria Ermi Bastos Praia (colunista).

Cumprе salientar que a redação de todo o trabalho obedece às normas previstas no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente desde 2009. Por uma questão de uniformização, a grafia original dos textos transcritos não foi conservada, mas atualizada, inclusive a dos nomes próprios, em conformidade com o que recomenda o mencionado acordo.

2 MÉTODO

O presente estudo se configura como qualitativo. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a essência desse tipo de pesquisa não reside na representatividade numérica, mas no aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição ou de uma trajetória, a fim de que se tenha uma visão mais adequada do contexto do problema.

Quanto aos fins, este trabalho se caracteriza como exploratório e descritivo: exploratório porque envolve levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas relacionadas ao tema pesquisado (GIL, 2007) e descritivo porque busca registrar fatos e fenômenos de determinada realidade, não tendo o compromisso de explicá-los, ainda que sirva de base para tal explicação (VERGARA, 2004).

No tocante aos meios, a pesquisa se enquadra como bibliográfica, documental e de caso. Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir de fontes constituídas por material já elaborado, como livros, artigos e monografias, enquanto a pesquisa documental utiliza fontes mais diversificadas, como jornais, revistas, fotografias e gravações sonoras. O estudo de caso, por seu lado, consiste na investigação profunda de um ou de poucos objetos, de modo a permitir seu conhecimento amplo e detalhado (GIL, 2012).

O manuseio do acervo de *O Taquaryense*, para o recolhimento dos dados que tornaram possível esta pesquisa, foi feito em plena tipografia, no período que se estendeu de 2 de março de 2017 a 15 de maio de 2018. Todas as edições

foram consultadas, das quais se extraíram aquelas informações consideradas mais pertinentes e compatíveis com os objetivos do trabalho.

A partir da exploração do arquivo do semanário, analisaram-se desde matérias publicadas por outros periódicos a respeito de *O Taquaryense* até foram consultadas, das quais se extraíram aquelas informações consideradas mais pertinentes e compatíveis com os objetivos do trabalho.

Para a coleta de dados, utilizaram-se, também, entrevistas individuais semiestruturadas com pessoas que participaram e/ou participam da vida do veículo. Essa técnica “se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2012, p. 112), em que as questões predefinidas são uma diretriz, sem delimitar o número de perguntas, nem ditar o modo como a conversa se desenrolará.

Transcritas nos apêndices deste trabalho, as quatro entrevistas que integram o estudo ocorreram no mês de junho de 2018. Com a diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias, a conversa aconteceu em sua residência, no dia 2. Da mesma forma, no dia 10, a colunista Maria Ermi Bastos Praia recebeu em sua casa o entrevistador. Com o tipógrafo João da Rosa Rodrigues, o encontro teve lugar nas oficinas de *O Taquaryense*, no dia 15. Já com o ex-redator e colunista João Batista da Costa Saraiva, residente em Porto Alegre, o contato se deu por telefone, no dia 20.

As respostas foram registradas através da tomada de notas no decorrer do diálogo. “O modo mais confiável de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso do gravador” (GIL, 2012, p. 119).

Para o tratamento de dados, empregou-se a análise textual discursiva. Esse procedimento, segundo Moraes e Galiazzi (2013), envolve identificar, isolar, categorizar, descrever e interpretar os conteúdos a serem analisados. Pode ser entendido como um processo de desconstrução seguida de reconstrução de um conjunto de materiais linguísticos e

discursivos, criando-se, a partir disso, entendimentos acerca dos fenômenos e dos discursos investigados.

Finalmente, a amostragem adotada foi a não probabilística por acessibilidade, em que a seleção dos elementos se dá conforme a facilidade de acesso a eles, sem abarcar procedimento estatístico, e por tipicidade, em que a seleção dos elementos ocorre de acordo com a representatividade que o pesquisador lhes atribui (VERGARA, 2004).

3 "Ó TIPOGRAFIA! COMO DISTORCESTE A PAZ DA HUMANIDADE!"

3.1 O invento revolucionário de Johannes Gutenberg

Os primeiros registros da palavra impressa remetem ao século VIII e ao Extremo Oriente. Na China e no Japão, segundo Briggs e Burke (2006), utilizava-se a impressão em bloco, método que consistia no uso de um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico. Tal procedimento, no entanto, era apropriado para culturas que empregavam, em lugar de um alfabeto de 20 ou 30 letras, milhares de ideogramas. Daí por que provavelmente “teve poucas consequências a invenção de tipos móveis no século XI na China” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24).

Já no início do século XV, os coreanos criaram uma forma de tipos móveis. Mas seria na metade desse século que o invento de um alemão revolucionaria a técnica de impressão, possibilitando a divulgação progressiva do conhecimento em todo o mundo, com a produção e a expansão inicialmente dos livros e posteriormente dos jornais.

Em Mainz, sua cidade natal, Johannes Gutenberg engenhou uma prensa gráfica que funcionava com tipos móveis de metal por volta de 1450. Porém, não há consenso quanto à data. Para Albert e Terrou (1990), por exemplo, a invenção aconteceu antes, em 1438. Do mesmo modo, é controversa a data em que foi impressa a Bíblia conhecida como “B-42”, uma alusão às 42 linhas existentes em cada coluna de texto dos 200 exemplares de sua primeira edição.

Conforme Costella (2002), foi em 1456 que se deu a impressão do livro sagrado. De outra parte, há estudiosos que citam 1455 como o ano da impressão daquele que é considerado o mais importante incunábulo, na medida em que assinala o início da produção em massa de livros no Ocidente. O testemunho mais antigo da tipografia europeia, não obstante, seria o livro *Weltgericht*, atribuído a Gutenberg. Dessa obra foram encontrados dois fragmentos em 1892, isto é, quatro séculos mais tarde, em Mainz (COSTELLA, 2002).

A prática da impressão gráfica, de acordo com Briggs e Burke (2006), espalhou-se pela Europa com a diáspora dos impressores germânicos, de maneira que em 1500 já haviam sido instaladas máquinas de impressão em mais de 250 lugares do continente, mormente na Itália (80), na Alemanha (52) e na França (43). Em torno de 13 milhões de livros estavam circulando à época numa Europa com 100 milhões de habitantes:

Cerca de dois milhões desses livros foram produzidos somente em Veneza, enquanto Paris era um outro centro importante, com 181 estabelecimentos em 1500. Em contraste, a impressão gráfica custou a penetrar na Rússia e no mundo cristão ortodoxo, uma região (incluindo o que hoje são a Sérvia, a Romênia e a Bulgária) onde o alfabeto utilizado era o cirílico e na qual a educação formal estava praticamente confinada ao clero (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 24 e 25).

O fato de os materiais impressos terem chegado tarde à Rússia evidencia que a revolução da impressão gráfica não constituía um fator independente e não se ligava apenas à tecnologia. Essa revolução necessitava de condições e culturas propícias para sua disseminação. De igual forma, no mundo muçulmano, a resistência à impressão gráfica permaneceu forte no início da era moderna (BRIGGS; BURKE, 2006). Os turcos acreditavam ser pecado imprimir livros religiosos e puniam essa prática com a morte, tendo instalado sua primeira prensa somente no século XVIII.

3.2 As origens do jornalismo impresso

A nova tecnologia representava uma ameaça para os homens da igreja, visto que com a propagação dos impressos os fiéis poderiam estudar os textos religiosos sem que fosse necessário confiar no que as autoridades contavam. No século XVII, o advento dos jornais aumentou a ansiedade sobre os efeitos da

impressão gráfica. “Ó tipografia! Como distorcestes a paz da humanidade!”, escreveu o poeta inglês Andrew Marvell em 1672, citado por Briggs e Burke (2006).

Para delimitar a história do jornalismo impresso, Albert e Terrou (1990) entendem que é preciso ressaltar inicialmente sua diferença em relação às produções tipográficas anteriores que influenciaram seu desenvolvimento. “A imprensa periódica impressa só nasceu mais de um século e meio após a invenção da tipografia, tendo sido precedida por um verdadeiro florescimento de escritos de informação dos mais diversos tipos” (ALBERT; TERROU, 1990, p. 5).

De acordo com os autores, era a falta de periodicidade que distinguia os jornais de seus “antepassados”, como gazetas, pasquins, libelos e outras formas primárias de jornalismo. O surgimento das publicações periódicas remonta ao princípio do século XVII, em meados do qual começaram a aparecer folhas mais elaboradas no que concerne a conteúdo e abrangência.

Fundada em 1631, na França, por Théophraste Renaudot, *La Gazette* era uma dessas folhas. Reunia todas as características básicas de um jornal (MARCONDES FILHO, 2002). Na época, o mundo passava por transformações. Eram concebidas novas formas de pensamento. O Renascimento, a Reforma e a Contrarreforma haviam ampliado significativamente a curiosidade e o escopo do debate.

No século subsequente, os veículos começariam a se profissionalizar. A redação surgiria como um setor específico, e o diretor se tornaria uma instância diferente da do editor. Essa fase, definida por Marcondes Filho (2002) como o primeiro jornalismo, teve início em 1789, com a Revolução Francesa, símbolo da conquista do direito à informação, e se estendeu até a metade do século XIX. Todos os grandes periódicos foram fundados nesse período, entre os quais *Neue Zürcher Zeitung* (1780), *The Times* (1785), *New York Herald Tribune* (1835) e *The New York Times* (1851).

Era a época de ebulição do jornalismo político-literário, em que os fins econômicos ficavam em segundo plano, lógica que se inverteria mais tarde. Foi nessa fase inicial, quando o Estado se incumbiu de assegurar à sociedade a circulação de informação (MARCONDES FILHO, 2002), que a imprensa se instalou no Brasil, a partir da chegada da corte portuguesa.

4 OS PRIMÓRDIOS DA IMPRENSA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

4.1 Um periodismo sob proteção oficial

O surgimento da imprensa no Brasil remonta ao início do século XIX. Em 1808, recém-chegado ao país, Dom João VI revogou as medidas que haviam proibido as atividades editoriais durante o período colonial e criou a Imprensa Régia. Instituída pelo decreto de 13 de maio, a editora tinha por finalidade publicar os atos oficiais do governo, instalado no Rio de Janeiro desde 7 de março. Assim, em 10 de setembro, nasceu a *Gazeta do Rio de Janeiro*. “Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nele nada constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado” (SODRÉ, 1999, p. 20).

Redigida inicialmente por frei Tibúrcio da Rocha, a *Gazeta* foi a primeira folha editada no Brasil. Era impressa na tipografia montada por Antônio de Araújo, o Conde da Barca, que trouxera de Portugal, quando da vinda de Dom João e sua corte para o país, os equipamentos adquiridos da Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular.

Com periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas e preço baixo, a *Gazeta do Rio de Janeiro* se aproximava, segundo Sodré (1999), do tipo de periodismo que hoje se conhece como jornal. Por outro lado, o *Correio Brasiliense*, lançado por Hipólito da Costa em 1º de junho de 1808 – portanto, três meses antes da fundação da *Gazeta* –, circulava mensalmente, contendo geralmente 140 páginas, era mais doutrinário do que informativo e tinha um preço elevado. Fundado,

dirigido e redigido de Londres, já que no Brasil a censura não permitia, o *Correio* entrava clandestinamente no país.

É comum, de acordo com Martins e Luca (2008), colocar-se em estudos históricos a contraposição entre a *Gazeta*, enquanto jornal oficial, e o *Correio*, que fazia críticas ao governo:

Porém, uma comparação atenta indica que, além dessa evidente dicotomia oposição/situação, existiam convergências entre esses dois periódicos. Tanto a *Gazeta* quanto o *Correio* defendiam idêntica forma de governo (monárquica), a mesma dinastia (Bragança), apoiavam o projeto de união luso-brasileira e comungavam o repúdio às ideias de revolução e ruptura, padronizado pela crítica comum à Revolução Francesa e sua memória histórica durante a Restauração (MARTINS; LUCA, 2008, p. 31).

A principal característica da fase proto-histórica da imprensa brasileira foi a iniciativa oficial, da qual o aparecimento da *Gazeta do Rio de Janeiro* se constituiu no primeiro fato. Tal iniciativa correspondia a determinadas causas. Conforme Sodré (1999), o absolutismo, em declínio, precisava ver proclamadas suas virtudes, difundidos seus benefícios e, sobretudo, combatidas as ideias que lhe eram contrárias.

Ao mesmo tempo que, com a abertura dos portos, crescia a entrada de impressos clandestinos no país, surgiam jornais que tinham bafejo oficial e buscavam neutralizar os efeitos da leitura dessas publicações contrabandeadas. “O absolutismo luso precisava defender-se. E realizou a sua defesa em tentativas sucessivas de periódicos, senão numerosas pelo menos variadas” (SODRÉ, 1999, p. 29).

Desse modo, depois da *Gazeta do Rio de Janeiro*, apareceu em 14 de maio de 1811, na Bahia, antiga capital colonial e segunda cidade brasileira, o jornal *Idade de Ouro do Brasil*. Entre 1812 e 1813, surgiram *As Variedades ou Ensaio de Literatura*, revista baiana que se propunha a divulgar discursos, extratos de história antiga e moderna, trechos de autores clássicos, viagens e anedotas, e *O Patriota*, periódico do mesmo gênero, fundado no Rio de Janeiro. Ambos, entretanto, tiveram curta existência.

Quando eclodiu, em 1820, a revolução portuguesa, circulavam no Brasil apenas a *Gazeta* e a *Idade de Ouro do Brasil*, folhas típicas da imprensa áulica. A censura era implacável. Antes que o movimento constitucionalista – cujas

consequências, ressalta Sodré (1999), foram favoráveis para o desenvolvimento da imprensa brasileira – dispusesse sobre a liberdade dos órgãos de comunicação, fundaram-se outras publicações.

Em 27 de março de 1821, foi criado o primeiro periódico a funcionar sob os efeitos do movimento portuense: *Aurora Pernambucana*. Outros títulos se sucederam, como o *Diário do Rio de Janeiro*, em 1º de junho daquele ano, e o *Diário Constitucional*, em 4 de agosto, na Bahia. Este último foi o primeiro a defender os interesses brasileiros, quebrando a monotonia da imprensa áulica, nas palavras de Sodré (1999).

Até o histórico dia 7 de setembro de 1822, apareceram outras folhas; entre elas, o *Revérbero Constitucional Fluminense*, que circulou no Rio de Janeiro de 1821 a 1822, tornando-se o órgão doutrinário da Independência brasileira, a cujo advento seguiram-se grandes modificações, “com o surgimento de publicações independentes que tiveram significativo papel nas lutas políticas e no desenvolvimento de nossas instituições” (RÜDIGER, 2003, p. 17).

4.2 *Diário de Porto Alegre*: reedição exitosa de uma iniciativa mal-sucedida

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, a origem da imprensa está associada ao processo político que desaguiaria na Revolução Farroupilha. A economia pastoril, segundo Rüdiger (2003), entrou em relativa estagnação no final dos anos 1820, o que teve ressonância no plano político, saltando à vista da classe dominante local, composta por estancieiros e charqueadores, sua subordinação ao centro de poder do Rio de Janeiro.

A pecuária era uma economia periférica e dependente, e suas demandas, quer políticas, quer administrativas, não encontravam respaldo no governo. “A oligarquia pastoril sequer controlava a província, na medida em que os presidentes eram nomeados arbitrariamente pela corte” (RÜDIGER, 2003, p. 18). Dentro dessa conjuntura, foi fundado o primeiro jornal gaúcho. Em 1827, patrocinado pelo presidente da Província, Salvador José Maciel, apareceu o *Diário de Porto Alegre*:

O governo temia naquela conjuntura as doutrinas que procuravam torná-lo suspeito aos povos e tirar-lhe a reputação e a confiança [...]. Nesse sentido,

aliás, o projeto de criação de um estabelecimento tipográfico na província constituía uma reedição exitosa da tentativa feita com o mesmo propósito pelo presidente Saldanha de Oliveira e Daun em 1821. Nesse ano, Saldanha fez uma subscrição entre o comércio local e adquiriu um prelo para a publicação de comunicados oficiais, mas não chegou a empregá-lo, porque foi afastado do cargo e preso logo após a Proclamação da Independência (RÜDIGER, 2003, p. 20).

O *Diário*, que servia basicamente à publicidade governamental e à publicação dos atos da administração, abriu caminho para o surgimento de outras 32 folhas, que não tardaram a aparecer em resposta a sua própria criação, como O *Constitucional Rio-Grandense*, *Sentinela da Liberdade*, O *Noticiador*, O *Recompilador Liberal e Mercantil do Rio Grande*. Suas tiragens eram pequenas, girando em torno de 400 exemplares, como também eram pequenos seus formatos, medindo em média 28 cm por 18 cm.

Esses periódicos, cujos textos apresentavam forte cunho doutrinário, circulavam duas ou três vezes por semana. Os diários eram poucos e, em regra, tinham duração efêmera nessa fase inicial do jornalismo gaúcho, que se estendeu, segundo Silva, Clemente e Barbosa (1986), até o término da Revolução Farroupilha, em 1845.

Entre o início da imprensa na província e o encerramento do período farroupilha, conforme Macedo (1994), 52 jornais foram publicados no Rio Grande do Sul. As publicações dessa época, contudo, não chegaram a constituir o fundamento de um jornalismo. Na visão de Rüdiger (2003), eram simples meios de difusão ideológica, carentes de entendimento orgânico como parte do campo político, sendo os pasquins, que caracterizaram a imprensa brasileira no século XIX, a melhor expressão desse jornalismo.

Foi mais tarde, no terceiro quartel do referido século, que apareceram as redações, os jornais começaram a ter uma organização editorial e se consolidou a racionalidade em seu funcionamento, quando “os partidos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade” (RÜDIGER, 2003, p. 35).

Surgia, dessa maneira, o jornalismo político-partidário, em 1869, com A *Reforma*, órgão do Partido Liberal, sob a direção de Silveira Martins. Durante a República Velha, a folha teve grande importância no processo de organização do

Partido Federalista, sucessor do Liberal, chegando a tirar edições de 20 mil exemplares, em Porto Alegre. Porém, quem de fato resumiu o modelo desse jornalismo vigente até o Estado Novo foi *A Federação*, que, igualmente editada na capital, desempenhou “significativo papel na articulação do movimento republicano na Província, assumindo desde o princípio o cunho de órgão de combate e propaganda” (RÜDIGER, 2003, p. 43).

Constituída mediante subscrição realizada pelos membros do Partido Republicano, a publicação tornou-se porta-voz oficial do governo, tendo como diretor Júlio de Castilhos. Até 1892, rivalizou com *A Reforma*, quando esta, em decorrência da falta de garantias e da pressão policial movida pelo regime castilhista, fechou suas portas, reabrindo em 1896, sem o êxito de outrora.

Nesse contexto, surgiram mais de 100 periódicos no Rio Grande do Sul. De acordo Silva, Clemente e Barbosa (1986), da fundação de *A Reforma* ao aparecimento de *A Federação*, foram lançados 142 títulos (de curta existência, em sua maioria). Dentre os que tiveram duração mais extensa, destacam-se *Mercantil*, *Correio Mercantil*, *Gazeta de Porto Alegre*, *O Conservador*, *O Século*, *Deutsche Post* e *Gazeta de Alegrete* – esta, fundada em 1882, encontra-se em atividade até os dias que correm, ostentando a condição de jornal mais antigo do Estado.

Foi também nesse contexto que, cinco anos depois da *Gazeta*, apareceu *O Taquaryense*, em circulação até os dias de hoje, sendo o segundo jornal mais antigo no Rio Grande do Sul e possivelmente o único, conforme Precht e Antunes (2009), ainda produzido em tipografia na América Latina.

5 UM JOVEM OBSTINADO EM BUSCA DO SONHO: O TAQUARYENSE

5.1 Os primeiros passos (1887-1899)

A data para o lançamento do quarto jornal que veria a luz na então vila de Taquari estava marcada: 31 de julho de 1887. Albertino Saraiva, idealizador do periódico, com o material tipográfico distribuído e o título paginado desde o dia 25, aguardava os originais prometidos por colaboradores para iniciar a composição das quatro páginas. Até a manhã de 27, no entanto, nenhum texto havia chegado à redação. Alarmado, Saraiva levou o fato ao conhecimento do proprietário da empresa, Tristão de Azevedo Viana, para que este se entendesse com os retardatários.

À tarde, Viana dirigiu-se até a tipografia e, desolado, entregou-lhe apenas um original: o artigo de apresentação de *O Taquaryense*, da pena de Orfelino Tostes. Dos demais colaboradores, nenhuma linha. Albertino compreendeu, então, que não devia mais esperar e pôs-se a escrever notícias, escolher transcrições e, sozinho, montar a primeira edição da folha. Assim, como narrou em crônica Teodomiro Tostes, “o inteligente jornalista conseguiu que, na fria e nevoenta manhã de 31 de julho de 1887, *O Taquaryense* circulasse pela primeira vez” (THEO, 1937, p. 1).

Nascido em 1º de julho de 1865, em São Jerônimo, Albertino Saraiva era filho de Adriano Saraiva da Fonseca e Rita de Souza Saraiva. Começou ainda cedo a luta pela vida, trabalhando na loja de fazenda do pai até descobrir “seu pendor para as artes tipográficas” (ALBERTINO..., 1928, p. 1). Carlos Candal, ali instalado com uma tipografia, foi seu grande mestre. No estabelecimento de Candal, Saraiva iniciou a carreira de tipógrafo, empregando-se em 1886 na oficina de José Rodolfo Taborda, em Taquari.

Homem de imprensa, Taborda foi proprietário e redator de duas publicações que tiveram duração efêmera no município: *A Restauração*, fundada em 5 de outubro de 1886, e *Gazeta de Taquari*, criada precisamente 10 dias depois, em substituição à primeira. De ambas, Albertino foi administrador, função que desempenhou até 25 de janeiro de 1887. Taborda acabou por transferir sua tipografia para a localidade de Encruzilhada, onde fundou um periódico, e Albertino passou a trabalhar com Tristão de Azevedo Viana.

Foto 1 – Capa da primeira edição de *O Taquaryense*



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

O Taquaryense – mesmo nome, suprimindo-se o artigo “o”, da primeira e também efêmera folha editada no município, em janeiro de 1881, de propriedade de Lindolfo Vieira da Rocha – apresentou-se aos leitores como um veículo imparcial, alheio às lutas políticas. “Diante de interesses tão contrários, o jornal, que não quer ser pelourinho, conserva-se neutro” (PROGRAMA, 1887, p. 1). Trilhava, assim, o caminho oposto de muitos dos colegas de imprensa daquele período que, abrindo mão da imparcialidade, clara e firmemente assumiam suas posições.

Se, entretanto, as diferenças políticas dividiam os periódicos de então, uma causa era capaz de uni-los: a luta pelo abolicionismo. Vários jornais fundaram, em meados da década de 1880, clubes de emancipação, levantando fundos e movendo campanhas de alforria por meio de suas colunas (RÜDIGER, 2003). *O Taquaryense*

combateu nas fileiras do movimento, tendo celebrado em suas páginas a assinatura da Lei Áurea, ocorrida em 13 de maio de 1888:

O Brasil exulta jubiloso por ter apagado da sua bandeira essa nódoa infamante da escravidão! [...] Todas as nações cultas estão voltadas para o Brasil, e seus soberanos congratulam-se com o governo imperial por tão magno, solene, majestoso e imponente acontecimento. Uma nova aurora assoma, pois, para a nossa pátria. O trabalho livre e a inteligência despreocupada do látego do feitor darão os sazoados frutos de grandeza e prosperidade à lavoura e a todas as indústrias do país. [...] Glória aos que souberam, nesta santa cruzada do abolicionismo, erguer bem alto o brado de Redenção! (PELA LIBERDADE, 1888, p. 2).

Publicado de cinco em cinco dias, com assinaturas ao custo anual de 10\$000 réis para Taquari e de 12\$000 réis para fora, *O Taquaryense* teve Albertino Saraiva como diretor desde a fundação. Oficialmente, contudo, ele exerceu o cargo a partir de 1º de fevereiro de 1888. Um ano mais tarde, o nome de Albertino apareceu no cabeçalho não só como diretor da folha, mas também como seu proprietário. Em 5 de fevereiro de 1889, Saraiva comunicou a novidade. “Com o presente número assumo a propriedade da empresa de *O Taquaryense*, cujo periódico tem estado, desde sua fundação, entregue à minha direção” (O TAQUARYENSE, 1889, p. 1).

Com o mesmo formato da antecessora *Gazeta de Taquari* – quatro páginas, 36 cm por 24 cm, divididas em quatro colunas –, *O Taquaryense* apresentava uma diagramação linear, ou seja, o texto corria inteiro, o que caracterizava o estilo de diagramação da época, quando:

O uso de tipografias diferentes chegava a ser exagerado em função da falta de outros recursos para diferenciação dos conteúdos, bem como de outras limitações técnicas típicas do processo de impressão, como a falta de letras de uma mesma fonte. Os tipos móveis eram comprados com um número restrito de caracteres [...] e de tamanhos de letras. O tipógrafo compunha as páginas com os caracteres na rama (mesa de composição). Os caracteres, após a impressão do material, seriam reutilizados em outras páginas. Dependendo da quantidade de páginas compostas ao mesmo tempo, isso limitava a construção de frases, obrigando o tipógrafo a variar as fontes à medida que iam acabando as opções (FREIRE, 2009, p. 298).

Adquirido em 30 de janeiro daquele ano, o jornal mudou-se para a casa dos herdeiros de Tristão Gomes da Rosa, defronte à Praça São José, onde também passou a residir o novo proprietário da empresa. No escritório do periódico, foi montado um gabinete de leitura, no qual ficavam à disposição dos assinantes os

mais importantes jornais do Rio Grande do Sul e de outros Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina. Em 10 de agosto, a publicação de Albertino Saraiva tinha seu formato ampliado, medindo agora 39 cm por 26,5 cm, com as mesmas quatro páginas, divididas em cinco colunas.

Foto 2 – Fachada do antigo prédio do jornal



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Diversos jornais da época noticiaram a nova fase de *O Taquaryense*, que àquela altura já circulava em Arroio Grande (Paverama), Conceição do Arroio (Osório), Cruz Alta, Dom Pedrito, Estrela, Margem (General Câmara), Palmeira das Missões, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Quaraí, Santa Cruz do Sul, Santo Amaro, São Borja e Triunfo. Entre eles, *A Federação e Jornal do Comércio*, de Porto Alegre; *Diário de Pelotas*, *Correio Mercantil* e *A Pátria*, de Pelotas; *O Patriota*, de Rio Pardo; *O Clarim*, de Cachoeira do Sul, e *A Razão*, de São Jerônimo. *O Mercantil*, editado na capital gaúcha, também registrou o fato, conforme nota reproduzida em 15 de fevereiro de 1889: “*O Taquaryense*. – O sr. Tristão de Azevedo Viana passou a propriedade de sua tipografia, onde se imprimia aquele periódico, ao sr. Albertino Saraiva. Ao colega desejamos toda sorte de felicidades [...]” (NOTICIÁRIO, 1889, p. 1).

Sem se afastar das diretrizes traçadas quando fundou o jornal, Albertino Saraiva seguiu conduzindo-o, na nova fase, “pelo caminho reto da neutralidade partidária, sem prejuízo de apreciações sobre política geral” (NOTICIÁRIO, 1889,

p. 1). Em junho daquele mesmo ano, o Clube Três de Maio, fundado em Taquari nos albores de 1886, manifestou interesse em contratar um espaço em *O Taquaryense* com a finalidade de propagar o ideal republicano. A proposta partiu do então tesoureiro da entidade, Antônio Porfírio da Costa, que “indicou os cidadãos Manoel Lautert, Fernando Leopoldo Voges e Aprígio Batista para, em comissão, se dirigirem ao proprietário do jornal e realizarem o contrato” (SILVA, 1972, p. 225). Para conservar a folha isenta da simples suspeita de partidarismo, como justificou a direção em nota dirigida ao público em 15 de julho, a proposta, embora vantajosa, acabou por ser recusada.

Foto 3 – Albertino Saraiva



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Em 15 de novembro de 1889, o país alterava seu sistema de governo. A República era proclamada. *O Taquaryense* preencheu duas das cinco colunas de sua capa ao registrar o momento histórico. Na edição do dia 20 daquele mês, a notícia era transmitida aos leitores do jornal:

[...] acaba de operar-se uma mudança radical no sistema de governo do Brasil: o advento, inesperado, da República. As circunstâncias que precederam a esse notável acontecimento, ou por outra, a causa que o apressou é por enquanto desconhecida entre nós. [...] O novo governo promete respeitar todos os compromissos nacionais contraídos durante o regime anterior. Isso nos garante a efetividade dos dois grandes melhoramentos pelos quais os taquarienses tanto se hão esforçado: a estrada de ferro e a Escola Agrícola [...]. *O Taquaryense* faz votos pela prosperidade dos Estados Unidos do Brasil (O ADVENTO, 1889, p. 1).

À proclamação da República seguiu-se um período difícil para a imprensa, notadamente para as folhas de oposição ao governo. Sob o novo regime, os homens do prelo “se viram forçados repentinamente a refrear seus ímpetos e a contar até 10, no mínimo, antes de dar expressão ao pensamento e ao curso de ideias”, de acordo com Ferreira apud Rüdiger (2003, p. 47). Ao eclodir a Revolução Federalista em fevereiro de 1893, a onda de violência se intensificou. Vários jornais foram atacados. Muitos tiveram de fechar. Alguns acabaram sendo completamente destruídos.

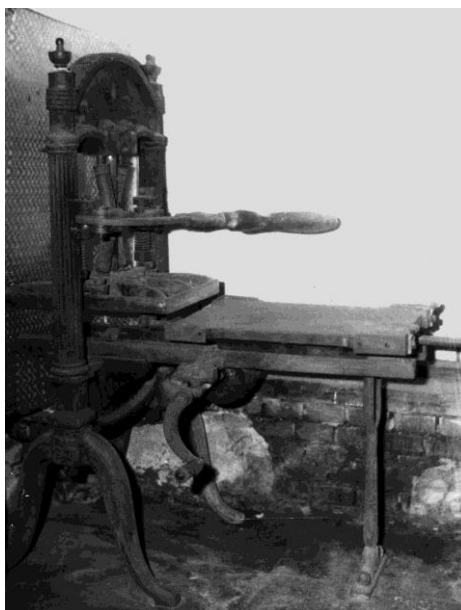
O *Taquaryense* acompanhou o conflito e exerceu, segundo Caye (2012), um papel importante na articulação do movimento das forças republicanas no Rio Grande do Sul, ainda que não assumisse oficialmente sua tendência partidária. Em junho de 1893, chegou a ser ameaçado de empastelamento, como noticiou na edição do dia 18 do mesmo mês. A informação que chegara à direção do semanário dava conta de que um cidadão residente em Estrela estaria disposto a mandar depredar as instalações do jornal, em decorrência de uma contenda cuja origem remontava a 1891, ano em que Taquari fora elevado à categoria de cidade pelo então governador Fernando Abbott, retomando parte do território estrelense que já lhe pertencera. A ameaça, porém, não se confirmou. Em setembro daquele ano, circularam boatos de que a cidade seria atacada pelas forças comandadas por Palmeiro e Elisiário Prestes, o que também não se efetivou.

Quando surgiu à luz da publicidade, do prelo alemão de Zweibrücken, que imprimiu a histórica revista paulista *A Propaganda*, da qual foi colaborador Félix Xavier da Cunha, o *Taquaryense* contava com uma tiragem de 200 exemplares. Nos anos 1890, esse número quase duplicou, em razão da melhor receptividade que passou a ter o jornal não só em Taquari – onde viviam, de acordo com Faria (1981), 11.103 pessoas –, mas em outros municípios, como Estrela, parte componente da comarca local. Ali atuava, como gerente da publicação, José Porfírio da Costa. Em outras localidades, o próprio Albertino Saraiva se encarregava de efetuar as cobranças, sendo, ao mesmo tempo, redator, tipógrafo, impressor e diretor do periódico. O tempo consumido pelas viagens o obrigou, algumas vezes, a diminuir o número de edições mensais, que geralmente eram seis.

A venda de anúncios também era feita por Albertino. Nas páginas do jornal, predominavam propagandas de escritórios de advocacia, farmácias e armazéns.

Taquari era, na época, o polo cultural, comercial e agrícola que representava a região. “Sendo assim, os anúncios veiculados em *O Taquaryense* contribuíram para o desenvolvimento regional, na medida em que anunciavam produtos e serviços informando o consumidor e, muitas vezes, criando novas demandas” (KREUTZ; FERRARI, 2005, p. 2-3).

Foto 4 – Prelo manual de Zweibrücken



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Em 1893, Albertino Saraiva firmou contrato com o então intendente de Taquari, José Rodrigues de Castro, e *O Taquaryense* começou a publicar o expediente municipal e outros serviços relativos, como consta no ato de 1º de janeiro daquela administração (FARIA, 1981). No mesmo ano, em 15 de agosto, era impresso nas oficinas do jornal o primeiro número de *O Perscrutador*, periódico quinzenal de propriedade e redação dos alunos da Escola Agrícola da cidade.

Já em 14 de janeiro de 1894, Albertino Saraiva se viu forçado por uma moléstia nos olhos a suspender a circulação de *O Taquaryense*, deslocando-se até Pelotas e Porto Alegre para tratar do problema de saúde, contra o qual lutava havia um ano. Quatro semanas depois, o periódico retornava, estreando, em 25 de fevereiro, a mudança de material tipográfico prometida. Desde 3 de maio 1891, ele ia às ruas aos domingos, e não mais a cada cinco dias, o que se manteve até 26

de maio de 1895, quando passou a ser publicado aos sábados, em formato maior, medindo 42,5 cm por 26,5 cm.

No ano de 1897, Albertino Saraiva recebeu uma proposta do Partido Republicano de Santa Maria para assentar-se naquela cidade com sua tipografia (SARAIVA, 1965). O coronel Ramiro de Oliveira, chefe da agremiação situacionista, ofereceu-lhe uma alta função pública, além de vantagens para o jornal. A despeito disso, o proprietário, que em 1893 já recusara uma proposta vinda de Cachoeira do Sul, rejeitou novamente. “Não queremos agradecimentos por essa recusa, que tornamos pública unicamente para demonstrar que *O Taquaryense* devia ter melhor acolhimento na terra onde vive e por cujos interesses batalha” (NOVO..., 1897, p. 2). Naquela época, a tiragem do jornal constava de 260 exemplares, dos quais 105 eram distribuídos em Taquari – a maioria, pois, destinava-se a assinantes de fora, donde o apelo aos conterrâneos.

As páginas de *O Taquaryense*, ainda em 1897, deram destaque à Guerra de Canudos. Publicações dos mais diferentes lugares do país acompanharam os desdobramentos do conflito que opôs, no interior da Bahia, os seguidores de Antônio Conselheiro e as tropas do Exército. “Numa iniciativa pioneira, que anuncia novos métodos de imprensa, o *Estado de São Paulo* envia ao teatro dos acontecimentos um correspondente – correspondente de guerra, a rigor, que esclarecerá o problema” (SODRÉ, 1999, p. 269). Refere-se Nelson Werneck Sodré a Euclides da Cunha, que, cinco anos mais tarde, publicaria *Os Sertões*, narrando detalhes da epopeia baiana. Em *O Taquaryense*, as notícias da guerra passaram a ser transmitidas, com regularidade, em julho daquele ano, estando registrado o desfecho na edição de 16 de outubro de 1897:

Para sossego da República e honra do Exército brasileiro, está terminada a questão de Canudos. A cidadela rebelde, considerada inexpugnável, onde o monarquismo entrincheirou-se para ver se conseguia o restabelecimento da instituição que apodreceu por si própria e caiu para nunca mais reaparecer, foi completamente tomada e os jagunços destruídos [...]. O chefe, o famigerado Antônio Conselheiro, foi morto e o seu cadáver desenterrado e fotografado. É de presumir que a República entre agora na fase da paz e de todas as prosperidades que o regime lhe assegura [...] (A VITÓRIA..., 1897, p. 2).

No ano seguinte, quando o falecimento do vigário Manuel Joaquim Tostes enlutaria a comunidade taquariense, sendo amplamente repercutido nas páginas

do semanário, este deixaria de ir às ruas por falta de papel. De Porto Alegre, a livraria Americana não remeteria a encomenda a tempo de ser impressa a edição de 1º de agosto. Culpa de um carteiro desleixado.

5.2 Folha republicana (1900-1909)

O novo século se aproximava. O *Taquaryense* completaria, em 1900, 13 anos de lutas no periodismo gaúcho, com direito a um pequeno concerto da banda musical Lira Taquariense em plena tipografia. Além das crônicas de Coelho Neto e das novelas de Pérez Escrich e Júlio Mary, suas páginas traziam, naquele ano, o registro da conclusão de uma grande obra. Iniciada em maio, a construção do campanário da Igreja Matriz, em favor da qual houve uma intensa mobilização de que fez parte o jornal, foi finalizada em outubro, num belo, elegante e sólido trabalho arquitetônico, como elogiou Albertino Saraiva na edição do dia 27 daquele mês.

Em 12 de janeiro de 1901, O *Taquaryense* tarjava na primeira página a notícia da morte de Bertolino Alves da Costa. “É ainda debaixo de profunda e dolorosa impressão que traçamos estas linhas. Morreu o nosso dedicado e estimadíssimo empregado [...], o nosso honrado companheiro de trabalhos durante uma dezena de anos!” (BERTOLINO..., 1901, p. 1). Referia-se Albertino Saraiva, nos primeiros parágrafos do necrológio, ao jovem que trouxera de São Jerônimo em 1891, quando foi nomeado escrivão interino das coletorias Estadual e Federal. Bertolino acabara por tornar-se seu braço direito, tendo chegado a Taquari com apenas 14 anos. A mesma idade contava, em 1901, o primogênito de Albertino, Palemon Saraiva, que já ajudava o pai na oficina do semanário e, a partir de então, passou a se dedicar mais intensamente aos afazeres de tipógrafo.

Naquele mesmo ano, Palemon fundou um periódico humorístico e literário. Lançado em 1º de setembro e publicado quinzenalmente, O *Petit* circulou até 15 de dezembro de 1904, quando o filho mais velho de Albertino suspendeu sua impressão, criando em 11 de junho de 1905 outro jornalzinho: O *Rosiclér*. A folha literária e crítica, igualmente quinzenal, tinha entre seus colaboradores o futuro jornalista e historiador Otelo Rosa, então com 15 anos, e obedecia à redação de Jacinto Magno, que morreria pouco tempo depois, em plena juventude.

Ainda em 1901, desapareceu do rodapé de *O Taquaryense* o tradicional folhetim, que era mantido desde a primeira edição do semanário, reproduzindo obras de Victorien Sardou (*A Pérola Preta*), Ivan Turguêniev (*Jacques Passincouf*), Pérez Escrich (*História de um Beijo*), José de Alencar (*Cinco Minutos* e *A Viuvinha*), Ludovico Halévi (*Abade Constantino*), Mary Lafon (*Os Cavaleiros do Nevoeiro*), Xavier de Montépin (*Os Dramas da Vida*), Hough Conway (*Trevas e Luz*), A. d'Emery (*A Mártir*) e Edmond Tarbé (*Bernardo, o Assassino*).

Entre os escritores estrangeiros, a preferência era pelos franceses; entre os nacionais, além de José de Alencar, figuravam nas páginas de *O Taquaryense* Machado de Assis, Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Soares de Passos e Tobias Barreto. Bilac era presença constante. “Mais conhecido como poeta, Olavo Bilac dedicou-se também a fixar o chronos, exercendo a atividade jornalística em diversos periódicos brasileiros durante anos” (BULHÕES, 2007, p. 52). O jornalismo mantinha no Brasil, desde seus primórdios, acentuado traço literário, dando espaço ao romance, ao conto, à poesia, à crônica e ao teatro:

O folhetim – e pouco mais tarde a crítica, no espaço próprio do rodapé, além do moderno suplemento literário com o review – é um rio caudaloso cuja nascente e foz têm curso no jornalismo. Nos fascículos diários ou semanais da imprensa, os leitores tomam contato inicial com muitos dos maiores escritores e dos grandes títulos da literatura. Assim por muito tempo – até que o livro adquiere autonomia e se liberta das páginas da imprensa – a técnica do jornal é também a técnica literária, um elenco variado de estilos, e não um estilo comum (BAHIA, 2009, p. 40-41).

Ao encetar seu 16º ano de existência, *O Taquaryense* se apresentou com material tipográfico reformado. A ideia era também aumentar o formato da folha, para evitar as sobras de composição que se davam em todos os números, mas as medidas adotadas em 1895 (42,5 cm por 26,5 cm) eram as máximas que o prelo permitia. O semanário iniciou, em 1902, uma nova e importante fase de sua história. Em 2 de agosto, declarou-se oficialmente como órgão do Partido Republicano, o que, se não de nome, ao menos de fato era desde 1899, quando tomou parte ativamente na luta travada para elevar o coronel João Pereira à chefia do partido. Antes ainda, durante a Revolução Federalista, já se acentuara a feição republicana do periódico. A mudança na linha de conduta foi explicada em editorial:

[...] compreendemos que a época não admitia meio-termo, nem cômodas posições; vimos que era antipatriótica a existência de jornais inteiramente

neutros em face da luta. [...] Passando agora a ser órgão do Partido Republicano, *O Taquaryense* não faz, pois, uma profissão de fé política, nem tampouco é um transviado que se agrega de novo ao partido; vem simplesmente reafirmar, com a responsabilidade de uma posição ostensiva, o que já era de fato há alguns anos (NOVO..., 1902, p. 1).

Um ano mais tarde, em 31 de outubro de 1903, *O Taquaryense*, cobrindo-se outra vez de luto, noticiava o falecimento de Júlio de Castilhos, líder republicano e antigo diretor de *A Federação*, responsável por criar novas concepções jornalísticas, sobretudo o conceito prático de que a imprensa não precisa se limitar ao registro dos acontecimentos políticos, visto que pode modificar seu curso, como afirma Rüdiger (2003). As duas primeiras páginas daquele número foram inteiramente dedicadas à morte do ex-governador do Rio Grande do Sul, o “incomparável político que não encontrava rival entre os mais notáveis do seu tempo” (TREMENDO..., 1903, p. 1).

Os anos subsequentes foram de mudanças em *O Taquaryense*. Palemon Saraiva assumiu a gerência do semanário em 1º de agosto de 1904. Três anos depois, Deodato Oliveira, Manuel Pontes Filho e Luís Antônio Pereira passaram a ser, respectivamente, agentes do jornal em Lajeado, Estrela e Bom Retiro. Ainda em 1907, entre julho e agosto, a publicação deixou de ir às ruas pelo menos duas vezes, em virtude da transferência da tipografia para a casa contígua e das obras a que foram submetidos os prédios onde ficavam as oficinas e o escritório do periódico, na Rua Sete de Setembro, ns. 7 e 8.

Em 29 de agosto de 1908, Leovigildo Coutinho estreou como redator político do periódico. Dois meses antes, Palemon deixara a gerência para fixar residência em Porto Alegre, ocupando interinamente a função Fausto Saraiva, irmão de Albertino. O filho mais velho do diretor, contudo, voltaria para a terra natal em 17 de outubro daquele mesmo ano, reassumindo o cargo e tornando-se, em 1909, coproprietário de *O Taquaryense*, como divulgou Albertino na edição de 3 de janeiro:

Participo aos srs. assinantes e favorecedores de *O Taquaryense* e ao público em geral que, tendo dado sociedade nesta empresa a meu filho Palemon Saraiva [...], passa a propriedade da mesma à firma – Saraiva & Filho. A direção intelectual do jornal continua a meu cargo e sob a mesma orientação até hoje seguida, e a gerência e administração sob a responsabilidade do coproprietário Palemon Saraiva [...] (AO PÚBLICO, 1909, p. 1).

Em meados de 1909, Albertino Saraiva foi alçado à titularidade das coletorias Estadual e Federal. No ano seguinte, em 22 de maio, tomou posse como 1º secretário do Centro Republicano, instalado naquela ocasião, quando coube ao diretor de *O Taquaryense* apresentar, a pedido do chefe do partido local, Manuel Teófilo Barreto Viana, a chapa que concorreria na próxima eleição municipal, encabeçada por Manuel Campo Romero.

5.3 Marinoni Universelle (1910-1919)

Se na primeira década do século XX mudanças importantes marcaram a história de *O Taquaryense*, foi no início do decênio seguinte, todavia, que sucedeu a mais significativa de todas as transformações a que se submetera o periódico, impresso desde a fundação no prelo manual fabricado na Alemanha. Honrando a promessa feita na véspera de completar 23 anos, o semanário transmitia aos leitores, em 5 de novembro, a seguinte notícia:

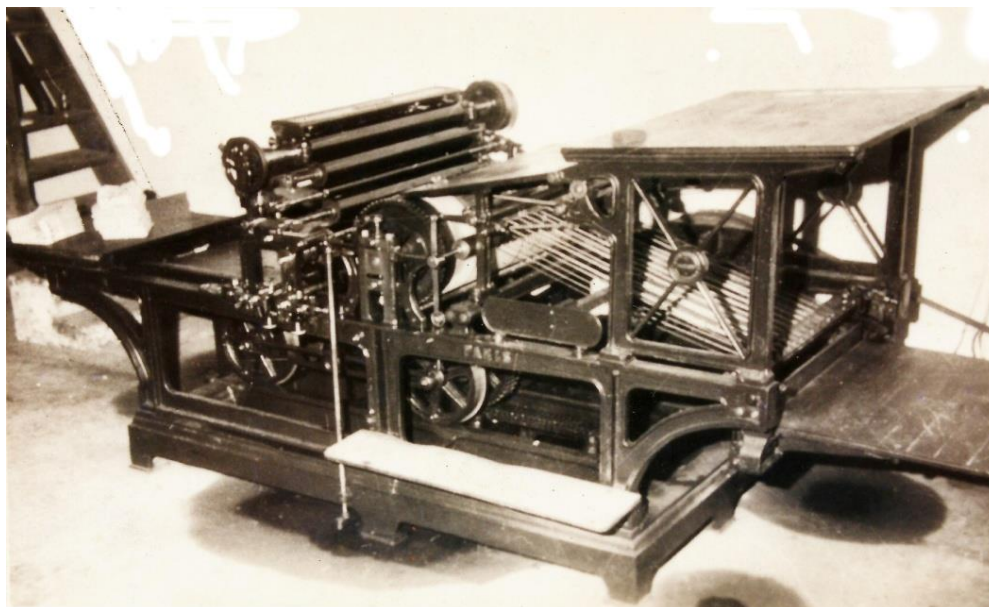
Ao iniciar-se o novo ano, *O Taquaryense* apresentar-se-á em maior formato e com material completamente reformado, para o que fizemos aquisição de uma excelente máquina de impressão do afamado fabricante Marinoni, movida a vapor, a qual já se acha em nosso poder e em breves dias começará a ser montada (NOVAS..., 1910, p. 2).

Vinda da Europa para o *Correio do Povo* em meados de 1897, a máquina francesa imprimiu o Róseo, dando conta de sua tiragem média diária de cinco mil exemplares, até 1902, quando a ela se somou, conforme Galvani (1995), uma moderna Alauzet. Em 1910, o jornal de Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior reformou suas oficinas, mandando vir da Europa outra máquina, agora uma rotativa Marinoni capaz de atender a uma tiragem de 24 mil exemplares no espaço de uma hora. Em 20 de agosto, a nova aquisição já funcionava no prédio localizado na Rua dos Andradas e, de Porto Alegre, dali a dois meses, chegaria a Taquari a antiga impressora do matutino, negociada por Caldas Júnior com Albertino Saraiva, auxiliado pelo amigo João Evangelista de Oliveira na realização da compra e do transporte. Em 26 de novembro, *O Taquaryense* noticiava:

Já se acha montada e funcionando regularmente a nossa Marinoni Universelle, que ultimamente adquirimos [...]. Os trabalhos de montagem da máquina e do motor foram executados pelo estabelecimento de fundição e mecânica dos srs. Alcaraz & Comp., de Porto Alegre. A

inauguração das nossas novas instalações terá lugar a 1º de janeiro próximo (AS NOSSAS..., 1910, p. 2).

Foto 5 – Impressora Marinoni Universelle



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Às 17h de domingo, 1º de janeiro de 1911, eram inauguradas as novas oficinas do periódico. Albertino Saraiva recebia, entre outras autoridades e amigos, o chefe do Partido Republicano local, Manuel Teófilo Barreto Vianna, os intendentes de Taquari e Estrela, Manuel Campo Romero e Manuel Ribeiro Pontes Filho, o presidente do Conselho Municipal, José Antero de Siqueira, e o juiz da comarca taquariense, Antonino Machado. Uma mesa com doces e cerveja foi oferecida aos presentes, que assistiram à Marinoni em ação, ficando montadas para esse fim as duas páginas centrais da edição daquele domingo, que trazia um jornal repaginado e orgulhoso. “Temos prazer em dizer que poucas cidades do interior terão uma empresa tipográfica montada nas condições em que se acha agora a nossa” (O TAQUARYENSE, 1911, p. 1).

Além da Marinoni, figurava entre as novas aquisições de *O Taquaryense* outra máquina, destinada à confecção de cartões, circulares, convites e demais impressos. O semanário também investiu na compra de tipos, vinhetas, orlas, florões e filetes. Devido à reforma, houve um aumento de 1\$000 na anuidade, que passou a custar 10\$000 em Taquari e 11\$000 nos demais municípios. Em

troca, os assinantes ganhavam um jornal totalmente reformado, quer no material de feitura, quer no formato (standard).

As quatro páginas, agora divididas em seis colunas, mediam 50 cm por 33,5 cm, e não mais 42,5 cm por 26,5 cm. E as novidades iam além: naquele 1º de janeiro, assumia como secretário de redação Otelo Rosa, futuro subprocurador-geral do Rio Grande do Sul, jornalista e historiador de renome.

As mudanças repercutiram na imprensa gaúcha, divulgadas por periódicos como *A Federação*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta do Comércio* e o veículo de maior circulação e tiragem do Estado, *Correio do Povo*. Este, a propósito da nova fase de *O Taquaryense*, fez o seguinte registro: “*O Taquaryense*, que há 24 anos se publica na cidade de Taquari, acaba de melhorar a sua feição material. A direção de *O Taquaryense*, em sua nova fase, foi confiada ao nosso colega sr. Otelo Rosa” (NOSSA..., 1911, p. 2).

Mas terminou por ser curta, durando apenas três meses, a passagem do futuro diretor de *A Federação* pelo semanário em que estreara nas letras ainda garoto. Em 25 de março daquele mesmo ano, Otelo Rosa anunciou sua saída do cargo para o qual fora convidado por Albertino Saraiva, alegando motivos de ordem particular. Continuou, porém, a manejar sua pena.

No dia 24 de junho, era levado à cena no teatro São João um drama de sua autoria, *Ressurreição*, cuja apresentação motivou um comentário que Otelo leu com desagrado na edição de 1º de julho. Em carta enviada ao diretor e publicada no número seguinte, ele rebatia, irritado, alguns “senões” apontados pelo comentarista anônimo – provavelmente Albertino, que era um amante e conhecedor do teatro, tendo presidido a casa de espetáculos local na época do erguimento de seu prédio, em 1893. A questão se arrastaria até 15 de julho, com a publicação de nova carta do autor de *Ressurreição*.

Superada a polêmica, Otelo visitava Albertino no dia 31 daquele mês para abraçá-lo pelos 24 anos de *O Taquaryense*. No número que fora às ruas dois dias antes, sobressaíam na capa os extensos artigos de Manuel Campo Romero e Leon Magel, colaboradores assíduos do semanário, sobre a data festiva e a já longa

trajetória do aniversariante. Campo Romero, eleito intendente municipal no ano anterior (SILVA, 1972), sublinhava: “Poucos jornais do nosso Estado se podem gloriar de semelhante longevidade” (ROMERO, 1911, p. 1)

Também em 1911, houve a fundação do Tiro de Guerra de Taquari, incorporado à Confederação do Tiro Brasileiro sob o nº 159, do qual o proprietário de *O Taquaryense* viria a ser eleito secretário em 2 de junho de 1912. A década começara, pois, agitada. E, para sacudi-la ainda mais, estava a caminho a Primeira Guerra Mundial. O conflito, iniciado em 28 de julho de 1914, atraiu a atenção geral dos órgãos de imprensa, em cujas páginas era possível acompanhar regularmente os principais acontecimentos relativos à guerra.

Em *O Taquaryense*, eles passaram a ser publicados no dia 8 de agosto, em espaço intitulado *Conflagração Europeia*. “Um amigo nos enviava telegramas de Porto Alegre com as últimas informações sobre o outro lado do mundo. Nós tínhamos a missão de repassá-las aos leitores” (CUSTÓDIO, 2003, p. 33), conforme Plínio Saraiva, que na época tinha 11 anos e já auxiliava o pai, Albertino Saraiva, na tipografia. À medida que as notícias iam chegando, eram fixadas num mural.

O papel de impressão logo se tornaria um problema; afinal, “os navios com os carregamentos escasseavam e tinham dificuldades em atravessar o Atlântico” (GALVANI, 1995, p. 210). A direção do semanário se preveniu e comprou papel para oito meses, supondo que nesse espaço de tempo estaria encerrada a guerra. Enganou-se, contudo, na previsão. Os estoques da empresa Bromberg & Cia se esgotaram, de modo que em 17 de abril de 1915 o jornal ia às ruas em papel nacional, que substituíra o de precedência alemã no qual costumava ser impresso.

Outro fato sucedido em meados da década de 1910 que teve vasta cobertura da imprensa foi o assassinato do senador José Gomes Pinheiro Machado, ocorrido no Rio de Janeiro. Num grande furo, conforme Galvani (1995), o *Correio do Povo* deu a notícia pouco depois das 13h de 8 de setembro de 1915. Três dias mais tarde, *O Taquaryense* repercutiu a morte do maior líder político gaúcho naqueles tempos: “Para derribar o colosso foi preciso – para vergonha eterna deste país em dissolução e opróbrio da nossa nacionalidade – o punhal homicida de um sicário maldito!” (SENADOR..., 1915, p. 2).

No entanto, também havia espaço para notas festivas. Em 31 de julho de 1915, o jornal completou 28 anos e a data não passou despercebida. À noite, a banda Santa Cecília visitou o escritório de *O Taquaryense*, estando presente um grupo de moços e senhoritas, ocasião na qual foi improvisada uma soirée dançante, que se prolongou até as duas horas da madrugada.

As páginas do periódico registraram, ainda em 1915, a inauguração da usina elétrica Força e Luz Taquariense, ocorrida no dia 13 de maio, em ato no qual se fizeram representar, entre outros órgãos de imprensa, *Correio do Povo* e *A Federação*, por Alcides Gonzaga e Affonso Beck, respectivamente. A chegada da luz elétrica aposentou o "Crioulo", primeiro motor fabricado no Rio Grande do Sul pelo estaleiro Só & Filho, o qual movia a impressora Marinoni (SARAIVA, 1996).

Foto 6 – Motor Crioulo



Fonte: Do autor (2018).

Em 6 de abril de 1916, foi conhecida a nova diretoria do Centro Republicano, na qual Albertino Saraiva figurava como vice-presidente e Palemon Saraiva, como tesoureiro. No ano seguinte, o diretor de *O Taquaryense* se viu pressionado pelas

atividades paralelas a se afastar do jornal por tempo indeterminado, confiando a redação ao gerente Palemon, que era também 2º notário, titular do Registro Eleitoral Estadual e presidente do teatro São João.

A década se aproximava do fim, e a Grande Guerra prosseguia. Enquanto isso, um inimigo silencioso e ainda mais devastador atacava. “É sabido pelos nossos leitores, infelizmente pela mais dura das experiências, a forma violenta e mortífera por que foi esta cidade invadida pela influenza espanhola” (A INFLUENZA..., 1918, p. 1). Assim noticiou *O Taquaryense* ao reencetar sua circulação em 23 de novembro daquele ano, após uma parada de duas semanas provocada pela doença, que acometeu três de seus funcionários. Ainda em 1918, no distrito de Arroio Grande, Homero Canabarro Cunha se tornou agente do periódico, que passaria a ser propriedade de Saraiva & Irmão no ano subsequente, marcado pela assinatura do Tratado de Versalhes.

5.4 Adeus ao fundador (1920-1929)

A crise econômica que se seguiu à Grande Guerra, de acordo com Rüdiger (2003), encareceu de maneira sensível o material de imprensa, sobretudo a tinta e o papel, cujo aumento chegou a 100% durante o conflito mundial. Agravando ainda mais o quadro, a política nacional de valorização do café provocou a depreciação do mil-réis, que, além de sobrecarregar tais despesas, motivou um processo inflacionário e, por conseguinte, uma retração no consumo. Alguns jornais foram forçados a subir seus preços. Outros resolveram diminuir o formato e a periodicidade, reduzindo também suas tiragens. Em 31 de julho de 1920, quando completava 33 anos, *O Taquaryense* comentou a situação:

Na época temerosa que atravessamos, cheia de dificuldades para as artes gráficas, em que o preço de todo o material tipográfico sobe vertiginosamente, é preciso estar-se revestido da melhor boa vontade e bastante arraigado na defesa de um ideal para manter-se um jornal como *O Taquaryense*, na carência, como acontece, de uma forte corrente de auxílio material e intelectual (SEU 33º..., 1920, p. 2).

Em 1922, a crise do papel batia à porta de *O Taquaryense*, forçando-o a circular numa folha menor entre 25 de fevereiro e 5 de agosto, o que não diminuiu, contudo, seu formato – mantinham-se os 50 cm por 33,5 cm. No início

daquele ano, o assunto predominante foi a eleição presidencial. Nilo Peçanha e José Joaquim Seabra, que compunham a chapa da Reação Republicana, tiveram seus retratos estampados na capa do dia 17 de fevereiro, esgotando-se rapidamente os exemplares. Às 9h daquele sábado, não restava mais nenhum, como foi relatado no número seguinte. Em novembro, era a vez de o pleito estadual ocupar as páginas do periódico, que conclamava o eleitorado de Borges de Medeiros: “Às urnas, republicanos, para que a derrota dos adversários seja tão esmagadora quanto foi vil a campanha que fizeram! Às urnas, pois, para que a tunda seja de mestre!” (ÀS URNAS..., 1922, p. 1).

O ano seguinte, mais precisamente o dia 28 de fevereiro de 1923, marcou o retorno de Albertino Saraiva à direção de *O Taquaryense*, confiada desde 1917 ao filho Palemon. Este, que em 1921 fora nomeado vice-intendente de Taquari e ajudara a fundar o Clube Renascença, tendo sido o primeiro presidente da entidade recreativa, fixou residência em Porto Alegre. Ali, a convite do amigo Otelo Rosa, titular do Cartório de Registro Especial, passou a exercer a função de ajudante, desempenhando posteriormente o cargo de oficial, no qual viria a se aposentar.

A gerência do jornal cabia, agora, ao irmão Mário Saraiva. Na redação, Albertino tinha como secretário João Maia Filho. Ao novo time se juntavam, como colaboradores, o ex-intendente municipal de Taquari Antônio Porfírio de Menezes Costa, Adroaldo Mesquita da Costa – que, em 1925, participaria da fundação do *Diário de Notícias*, em Porto Alegre (DE GRANDI, 2005) – e Leonel Teodorico Alvim.

Aquele foi um período em que, segundo Rüdiger (2003), preponderou a violência aberta e sistemática contra a imprensa, em decorrência da Revolução de 1923. Diversas folhas governistas se viram obrigadas a fechar, devido à ação dos revoltosos, que em alguns casos chegaram a espancar os redatores e destruir os estabelecimentos. *O Taquaryense* acompanhou o movimento armado, repudiando em suas páginas o que chamava de “farsa revolucionária”. À falta de sirene, queimava foguetes a cada vitória republicana, tão logo lhe informavam os fonogramas.

Em 30 de junho de 1923, conforme Silva (1972), o coronel Manuel Higino Pereira entrou em Taquari com sua tropa. Naquele dia, o semanário de Albertino Saraiva não foi às ruas e só voltaria a circular um mês depois. O diretor do periódico

era um dos alvos do chefe libertador. Chimango, fora avisado um dia antes por um maragato, o amigo Teobaldo Kern, de que Higino Pereira planejava matá-lo.

No sótão da casa de Alzira Mesquita da Costa, mãe de outro grande amigo, Adroaldo Mesquita da Costa, Albertino manteve-se abrigado com a família até o revolucionário deixar a cidade. “Vi cavalarianos tentando derrubar a porta do jornal, mas impedidos pela população” (CUSTÓDIO, 2003, p. 33), segundo relato de Plínio Saraiva, que na época tinha 20 anos.

O *Taquaryense* reapareceu em 4 de agosto, atribuindo a interrupção a um problema ocorrido no motor da impressora, o qual só teria voltado a funcionar em 28 de julho, após sua restauração nas oficinas da Companhia Arnt. Quanto à passagem de Higino Pereira e sua tropa por Taquari, nenhuma linha.

Daquela data em diante, as notícias antes frequentes acerca do conflito, que opunha os partidários de Borges de Medeiros e os aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil, deram lugar a raros registros. Em outubro, uma força revolucionária recém-organizada por Higino ameaçou voltar a Taquari, fazendo deslocar-se até a cidade o Corpo Provisório de Venâncio Aires, comandado pelo capitão Camilo Teixeira, a fim de guarnece-la. Mas o retorno não aconteceu e, em 14 de dezembro, foi assinado o tratado de paz, o Pacto de Pedras Altas.

Ainda em 1923, no dia 8 de setembro, estreou como colaborador de O *Taquaryense*, sob o pseudônimo “Raul D’Alva”, o jovem tenente que, quatro décadas depois, chegaria à Presidência da República: Artur da Costa e Silva. Natural de Taquari, morava no Rio de Janeiro desde 1918, quando ingressou na Escola Militar do Realengo – daí o título da coluna em que publicava seus textos, *Crônicas do Rio*.

Além disso, o ano de 1923 foi marcado pelo aparecimento de um periódico crítico intitulado *O Bem-Te-Vi*, de cujo corpo redatorial faziam parte Nilo e Plínio Saraiva, filhos de Albertino e tipógrafos de O *Taquaryense*, juntamente com José Martins Bizarro e os irmãos Emanuel e Romulado da Costa e Silva. Aquele também foi o ano da morte do jurista Rui Barbosa, destacada na capa de 10 de março, e de Tristão de Azevedo Viana, primeiro proprietário do jornal, homenageado na edição de 22 de dezembro.

Foto 7 – Tristão de Azevedo Viana



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Em 1925, Otelo Rosa assumiu como diretor de redação do vespertino republicano *A Federação*, em substituição a Décio Coimbra. No dia 4 de abril, o semanário pelo qual tivera curta passagem no início da década passada registrava o fato: “E *O Taquaryense*, onde iniciou ele a sua carreira jornalística, e do qual foi infelizmente por pouco tempo seu redator principal, rejubila-se por vê-lo à frente do velho e ilustrado órgão republicano [...]” (*A FEDERAÇÃO*, 1925, p. 2). No ano seguinte, Ari Martins, redator da revista *Silhueta*, editada em Porto Alegre, passou a ser colaborador de *O Taquaryense*, somando-se a Leonel Teodorico Alvim, Arcádio Leal e Jorge Silveira, este um mineiro que escrevia sob o pseudônimo de “Anselmo, tipógrafo”.

Dois meses antes de se aposentar como coletor estadual em 1927, tendo completado 36 anos e 22 dias no posto em 1º de julho daquele ano, Albertino Saraiva, que já deixara o cargo de coletor federal em 22 de novembro de 1922, confiou a redação de *O Taquaryense* a Leonel Teodorico Alvim, amigo e ex-colega de coletoria. O novo redator assumiu a função em 30 de abril, ocupando o lugar deixado vago por João Maia Filho. Em agosto, uma enfermidade o forçou a ausentar-se do jornal por alguns dias, quando Albertino voltou a responder pela

redação. Já em outubro, quem precisou afastar-se do periódico, em decorrência de uma moléstia nos olhos, foi seu diretor, cabendo a Leonel substituí-lo.

No dia 29 daquele mês, Albertino seguiu para Porto Alegre, a fim de tratar o problema de saúde. Retornou em 19 de dezembro para Taquari, onde faleceu na madrugada de 6 de fevereiro de 1928, às 2h, tendo ao redor do leito a esposa Joanna Gomes Saraiva (que morreria no ano seguinte, em 6 de novembro), os filhos e um grupo de amigos, entre os quais o médico e ex-companheiro de redação João Maia Filho (ALBERTINO..., 1928).

O *Taquaryense* não foi às ruas em 11 de fevereiro, de sorte que apenas na edição do dia 18 registrou a morte do fundador, tarjando de luto sua primeira página. O necrológio de Albertino Saraiva ocupou toda a capa, que estampou um clichê do jornalista falecido aos 62 anos. A notícia repercutiu nas principais folhas do Estado à época, entre as quais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e *A Federação*.

Foto 8 – Necrológio de Albertino Saraiva



Fonte: Acervo de O *Taquaryense*.

Para se dedicar mais ao semanário, Leonel Teodorico Alvim se exonerou dos cargos de correspondente e agente do *Correio do Povo* em 16 de junho de 1928. Até então, seu nome não havia figurado no cabeçalho como redator do periódico, o que

ocorreu em 14 de julho daquele ano. Mário Saraiva continuava como gerente. Em 1929, juntou-se a eles Pontes Filho, ficando a seu cargo a editoria de política.

5.5 Meio século de história (1930-1939)

O movimento armado que culminaria com a deposição do presidente da República Washington Luís, em 24 de outubro de 1930, era o assunto predominante em *O Taquaryense* no limiar da nova década. Embarcava para Porto Alegre em outubro, juntamente com o intendente municipal Lauro Viana, um grupo de reservistas do Exército e voluntários de Taquari. No vapor Itália, que levava hasteada no mastro de proa, além da bandeira nacional, uma flâmula vermelha, rumava para a capital no dia 9 o contingente taquariense.

Desse contingente fazia parte Nardi de Farias Alvim, filho do redator Leonel Teodorico Alvim e futuro diretor do jornal. “Partem no cumprimento de um dever cívico e na defesa de seus ideais, a engrossar as legiões gaúchas que vão levar aos fraudadores do regime o protesto solene do Rio Grande do Sul” (REVOLUÇÃO..., 1930, p. 2). Chefe civil do movimento, o então presidente do Rio Grande do Sul, Getúlio Dornelles Vargas, que em 1928 passara por Taquari, assumiria em 3 de novembro como chefe do Governo Provisório da República.

Em novembro de 1931, visitava a terra natal Palemon Saraiva, oficial do Cartório de Registro Especial de Porto Alegre e ex-diretor de *O Taquaryense*. Também passava pelo município Anita Itália Garibaldi, neta de Giuseppe e Anita Garibaldi, personagens históricos da Revolução Farroupilha. No dia 6, em companhia do prefeito Lauro Viana, ela esteve no local do antigo Passo Real de Taquari, na localidade de Caramujo, “onde se feriu o grande combate de 3 de maio de 1840, que, na opinião de abalizados escritores gaúchos, foi a maior batalha da Revolução Farroupilha e na qual tomou Garibaldi parte saliente” (UMA NETA..., 1931, p. 2).

Circulavam em Taquari, naqueles tempos, dois jornaizinhos: *O Vagalume* (“por isso só faísca quando lhe dão asas”) e *O Leco-Leco* (“jornal independente: por isso sai quando quer”). Ambos eram montados nas oficinas de *O Taquaryense*. O primeiro, vinculado ao Grêmio Recreativo Alvinegro – fundado

no município em 1928 – surgiu a lume em 14 de setembro de 1930; o segundo, em 22 de março de 1931.

A situação política brasileira, que se agravava progressivamente, voltaria com força às páginas de *O Taquaryense*. Conforme Sodré (1999), havia duas correntes: a que defendia a urgente reconstitucionalização do país, pela convocação de eleições para uma Constituinte, e a que almejava prolongar o regime do Governo Provisório. Em São Paulo, a questão ganhava traços específicos, preparando-se um clima propício à eclosão, em 9 de julho de 1932, da Revolução Constitucionalista.

“Na noite de sábado para domingo último, irrompeu um movimento revolucionário no Estado de S. Paulo contra o governo provisório da República” (MOVIMENTO..., 1932, p. 2). Um mês depois, em 20 de agosto, o jornal noticiava a nomeação de seu colaborador Antônio Porfírio de Menezes Costa, então presidente do Conselho Consultivo de Taquari, como inspetor de ensino do Rio Grande do Sul.

Conquanto tenha sido militarmente derrotado, o movimento de 1932, como afirma Sodré (1999), conseguiu alcançar suas finalidades aparentes. Em 3 de maio de 1933, teve lugar a eleição dos deputados à Constituinte. Pela primeira vez, as mulheres iam às urnas em todo o país, para vitória de seus ideais políticos, como sublinhou *O Taquaryense* na edição publicada três dias após o pleito. Em 1934, elaborou-se a nova carta política nacional e elegeu-se Getúlio Vargas presidente do Brasil, com 175 votos, ante 59 de Borges de Medeiros. “Estiveram presentes à eleição 248 deputados; entre eles contava-se o nosso distinto conterrâneo dr. Adroaldo Mesquita da Costa, constituinte eleito pela Frente Única deste Estado” (A VOLTA..., 1934, p. 2).

Em março de 1935, saía a lume na Livraria do Globo a obra *Vultos da Epopeia Farrroupilha*, de Otelo Rosa, por ocasião do centenário da Guerra dos Farrapos. No mês seguinte, elegia-se governador do Rio Grande do Sul José Antônio Flores da Cunha, que visitara Taquari no ano anterior, ainda como interventor federal do Estado. Por ele seria instituída, em junho, a Secretaria da Educação e Saúde Pública, tendo como primeiro titular Otelo, a quem caberia, no

final do ano, presidir em Taquari a solenidade de inauguração da herma de Davi Canabarro.

Ainda em 1935, *O Taquaryense* deixou de ser órgão do Partido Republicano, declarando-se, a partir de 28 de março, folha independente. O jornalismo político-partidário estava em franca decadência, e o golpe de misericórdia, conforme Rüdiger (2003), seria dado dois anos depois pelo Estado Novo, que aboliria oficialmente os partidos e decretaria o fechamento de vários periódicos; entre eles, *A Federação*, *O Estado do Rio Grande*, *O Libertador*, *O Diário Liberal* e *O Echo do Sul*. Também em 1935, circularam como suplemento de *O Taquaryense* o jornal literário e instrutivo *Correio Universal*, do Rio de Janeiro, e *Nossa Revista*, publicação editada pela União Jornalística Brasileira, com sede em São Paulo.

O ano que se seguiu foi marcado por uma polêmica que agitou a opinião pública local e levou aos tribunais o redator Leonel Teodorico Alvim, o gerente Mário Saraiva e o colaborador Antônio Porfírio de Menezes Costa. Um artigo publicado em 27 de junho, sob a epígrafe “A farsa de domingo passado”, criticava a aquisição do patrimônio da empresa Efatim Taquariense Limitada por Leopoldo Jacó Arnt, membro da comissão liquidante, o qual “não se pejou de convocar uma assembleia para receber a sua proposta (que sabia de sobejo que era ÚNICA)” (*A FARSA...*, 1936, p. 2).

Considerando-se injuriado, Leopoldo Arnt requereu a instauração de um processo por delito de imprensa contra Leonel Alvim. Na primeira audiência, em 25 de junho, o redator do semanário revelou a autoria do texto, assinado por Menezes Costa, contra quem passou a correr o processo. Em 27 de novembro, foi proferida a sentença, absolvendo o autor do artigo, defendido pelo advogado Adroaldo Mesquita da Costa.

Ainda em 1936, a tipografia Esperança, estabelecida em Bom Retiro do Sul, transferiu-se para Taquari. Ali, sob a redação do advogado Voltaire de Bittencourt Pires, seria lançado o jornal *Tribuna de Taquari*. Aliás, entre os anos 1920 e 1930, o Vale do Taquari registrou um crescimento no número de periódicos. Em Lajeado, por exemplo, iam às ruas *A Semana* e *O Imparcial*, que era publicado

em dois idiomas (português e alemão) e, mais tarde, foi transferido para Carazinho. *O Paladino* circulava em Estrela; *O Jornal*, em São Jerônimo. Em 1937, foi lançada a *Folha Rural*, em Arroio do Meio. No mesmo ano, completava seu primeiro aniversário a *Voz de Estrela*.

O Taquaryense, por sua vez, festejaria em 31 de julho daquele ano seu cinquentenário, levando às ruas uma edição especial de 12 páginas, com textos de colaboradores como Antônio Porfírio de Menezes Costa, Nestor Azambuja Guimarães, Riograndino da Costa e Silva e Otelo Rosa. O redator Leonel Teodorico Alvim também assinaria um artigo no número comemorativo, fazendo um apanhado histórico a respeito da imprensa local e relembrando a atuação de Albertino Saraiva desde os tempos de *A Restauração*, *Gazeta de Taquari* e *Peroba* (periódico crítico e literário do qual possivelmente foi colaborador) até a criação de *O Taquaryense*.

Ao ensejo dos 50 anos do jornal, o prefeito Lauro Viana rendeu a seu fundador uma homenagem. A antiga Rua 3 de Maio, por ato nº 64, de 16 de agosto de 1937, passou a se chamar Albertino Saraiva. A inauguração da placa ocorreu em 30 de novembro, tendo como orador Adroaldo Mesquita da Costa, convidado pelo chefe do Executivo. Na oportunidade, em nome da família do homenageado, usou da palavra Hélio Saraiva, filho de Mário e neto de Albertino. Àquela altura, o Brasil já vivia sob o Estado Novo de Getúlio Vargas e o Rio Grande do Sul não tinha mais à frente de seu governo o general Flores da Cunha, mas Darci Azambuja.

Um ano depois, Leonel Teodorico Alvim assumiu o cargo de secretário da 3ª Delegacia Regional, sediada em Cachoeira do Sul. Seu nome, entretanto, permaneceu no cabeçalho de *O Taquaryense* como redator. Ainda em 1938, Nestor Azambuja Guimarães tomou posse como prefeito de Taquari. Antigo colaborador do semanário, levou seu abraço, por ocasião do 51º aniversário do periódico, aos continuadores da obra de Albertino Saraiva, em cujo túmulo depositou, num preito de saudade, uma coroa em nome do município.

Em 24 de agosto de 1939, o gerente Mário Saraiva se despediu da esposa Dalila Bizarro Saraiva, que deixava aos 48 anos, além do marido, os

filhos Peri e Hélio, ambos companheiros de trabalho do pai em *O Taquaryense*. Naquele mesmo ano, na edição de 9 de setembro, o jornal registrou o início da Segunda Guerra Mundial e, duas semanas mais tarde, aderiu ao movimento que visava à construção do Hospital São José, reservando um espaço fixo para assuntos relacionados à futura casa de saúde local, que viria a ser inaugurada em 3 de outubro de 1943.

5.6 Uma nova fase (1940-1949)

Sobressaía nas páginas de *O Taquaryense*, em começos de 1940, a visita de duas grandes expressões da intelectualidade brasileira. Os escritores Gilberto Freire e José Lins do Rego percorriam o Rio Grande do Sul, com o objetivo de conhecer as peculiaridades da formação e do desenvolvimento social do Estado, e aportaram em Taquari às 10h do dia 15 de fevereiro, a bordo de uma lancha do governo gaúcho. Recebidos no Paço Municipal, os visitantes foram homenageados, ao meio-dia, com um churrasco servido num dos capões da Estação Apícola.

Em nome do prefeito Nestor Azambuja Guimarães, saudou-os um antigo colaborador do jornal, Oldemar Röhrig, cujo discurso foi reproduzido integralmente em *O Taquaryense* no dia 24. Também em 1940, o município recebeu a visita de Adroaldo Mesquita da Costa, Otelo Rosa e Palemon Saraiva. A eles, um grupo de amigos, entre os quais o prefeito Nestor, ofereceu em 8 de setembro um almoço no Hotel Franke, muito frequentado à época, de propriedade de Jorge Meana.

Quem visitava Taquari, um ano mais tarde, era o poeta Zeferino Antônio de Souza Brasil. No dia seguinte à inauguração da Usina Elétrica Municipal, dotada de um novo e possante motor Diesel de 140 hp, descerrava-se a herma erigida às margens da Lagoa Armênia em honra ao príncipe dos poetas rio-grandenses, inaugurando-se o Parque Zeferino Brasil.

A cerimônia, realizada em 19 de janeiro, teve como orador Otelo Rosa, que discorreu sobre a vida e a obra do taquariense nascido na localidade de Porto Grande. Foi a última visita à terra natal feita por Zeferino. Em Porto Alegre, ele viria a falecer no dia 3 de outubro de 1942, mesmo ano em que Taquari perderia outro filho ilustre, este de coração: Jacó Arnt. Fundador da Navegação Arnt em 1879, morreu em 17 de abril.

Zeferino Brasil, nos primeiros anos de *O Taquaryense*, fora seu colaborador, seguido por outros nomes de peso da poesia gaúcha, como Isolino Leal, Paulo Correia Lopes, Ernani Fornari, Atos Damasceno Ferreira, Augusto Meyer e Teodomiro Tostes. Mais à frente, frequentariam as páginas do periódico Dante de Laitano, Telmo Vergara, Damaso Rocha, Lothar Hessel e Sérgio de Gouveia, que chegaria, no *Correio do Povo*, a diretor-secretário.

Em 1941, o Departamento de Imprensa e Propaganda, criado dois anos antes por Getúlio Vargas com a finalidade de controlar a imprensa, contemplando “todos os aspectos discricionários e de incentivo à produção de um discurso único em torno de aspectos relevantes para o Estado” (BARBOSA, 2017, p. 118), inseriu em seu registro *O Taquaryense*. O gerente do jornal, Mário Saraiva, recebeu o comunicado através de carta enviada em 28 de janeiro pelo diretor-geral da entidade, Lourival Fontes. Ainda naquele ano, o semanário noticiou a grande cheia do Rio Taquari: “As águas do caudaloso tributário do Jacuí provocam a maior enchente desde a de 1873. [...] Os prejuízos montam a mais de mil contos de réis [...]” (A GRANDE..., 1941, p. 2). Diante da situação, o periódico abriu uma subscrição em benefício dos flagelados.

Em 14 de junho, encerrava-se o prazo para a adoção da nova ortografia por todos os órgãos de comunicação do país. “Taquary”, por exemplo, virava “Taquari” nas páginas de *O Taquaryense*, que mantinha, não obstante, o “y” com que surgira na liça da imprensa no século XIX.

As notícias sobre a Segunda Guerra Mundial se intensificaram a partir de 1943. Por meio de clichês da agência Interamericana, o jornal passou a publicar imagens do conflito, que chegaria ao fim dois anos depois, quando “a última nação que fazia parte do malfadado eixo, ao sentir o peso esmagador da bomba atômica, outra coisa não tinha a fazer, para não ser totalmente destruída, senão render-se às armas aliadas” (O JAPÃO..., 1945, p. 2).

A paz voltava a reinar e, em 1º de outubro de 1945, transcorria o cinquentenário do *Correio do Povo*, cumprimentado por *O Taquaryense* na edição do dia 6. “Órgão líder da imprensa gaúcha, o *Correio do Povo* tem prestado ao nosso Estado, no largo período de meio século iniciado a 1º de outubro de 1895, os

mais assinalados serviços à comunhão rio-grandense” (CORREIO..., 1945, p. 2). Um membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ao propor uma homenagem daquela instituição ao jornal porto-alegrense, atribuía-lhe o título de mais antigo do Estado, para advertência de *O Taquaryense*.

Com a deposição de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945, assumiu a chefia da nação o ministro José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal. Em 2 de dezembro, realizar-se-iam eleições gerais. Um dia antes de o general Eurico Gaspar Dutra ser escolhido como novo mandatário do país, *O Taquaryense* anunciava a saída de Leonel Teodorico Alvim de sua redação, da qual estava à frente desde 1928. Para substituir Leonel, cujas atenções se voltavam ao escritório de advocacia, o gerente Mário Saraiva alçou ao cargo o filho e tipógrafo Peri.

Em 27 de abril de 1946, por “motivos diversos, de ordem moral e material” (O TAQUARYENSE..., 1946, p. 2), o semanário interromperia sua circulação. O que era para ser, porém, uma suspensão definitiva não foi senão uma pausa de um ano e oito meses. Em 6 de dezembro de 1947, voltava às ruas *O Taquaryense*, tendo sido o grande animador de seu reaparecimento Adroaldo Mesquita da Costa, nomeado recentemente por Gaspar Dutra como ministro da Justiça e Negócios Interiores.

O retorno do semanário trazia novidades. A direção agora estava a cargo do médico João Carlos Bizarro Teixeira, casado com Sarah Saraiva Teixeira, neta do fundador. Na redação, permanecia Peri Saraiva; pela gerência, passava a ser responsável Plínio Saraiva. O formato era o mesmo: quatro páginas, medindo 50 cm por 33,5 cm, com seis colunas. O cabeçalho mudava. Em vez daquele estreado em 9 de agosto de 1919 após demorada e criticada confecção de Henrique Beck Filho, proprietário de uma oficina de gravação em Porto Alegre, o jornal voltava a utilizar um título em letra serifada, como fora de 1887 a 1889 e, por 12 edições, em 1902.

Nas páginas do *Correio do Povo*, elogios ao colega: “O número que acaba de aparecer traz ótima e bem cuidada matéria de redação, além de escolhida colaboração, o que faz crer volte *O Taquaryense* a viver dias cheios de vitórias,

como sempre sucedeu em sua longa trajetória no cenário jornalístico do Estado” (O TAQUARYENSE, 1947, p. 1).

Ao quadro de mantenedores do periódico se juntaria, em 26 de março de 1949, Nardi de Farias Alvim, como redator, a mesma função que desempenhara seu pai, Leonel Teodorico Alvim, falecido em 7 de maio daquele ano. Estaria, assim, formada a sociedade que garantiria a continuidade de *O Taquaryense* (SARAIVA, 1996). O jornal contava agora com agentes em Bom Retiro do Sul (Ivo Kern), Paverama (Maria Palmeira) e Porto Alegre (Osvaldo Coelho dos Santos) e assinaturas a Cr\$ 40,00 e Cr\$ 50,00 anuais, dentro e fora do município, respectivamente.

Ainda em 1949, visitaram Taquari o patrono do recém-fundado Aero Clube local, Adroaldo Mesquita da Costa – que, no mesmo ano, perdeu o filho Antônio Leite Costa num acidente de avião –, e o governador do Rio Grande do Sul, Valter Jobim. Em julho, o município comemorou seu centenário de emancipação política e, para assinalar a data, *O Taquaryense* preparou uma edição especial, que circulou no dia 2, com 14 páginas. Morreu, naquele mesmo dia, Antônio Porfírio de Menezes Costa, antigo colaborador do semanário e pai de Núbia Costa Saraiva, esposa de Peri Saraiva.

5.7 O lustro (1950-1959)

Chegava-se à metade do século, e o Brasil sediava pela primeira vez uma Copa do Mundo, tentando, também pela primeira vez, vencer o torneio. A imprensa de todo o país se mobilizava para a cobertura. Do Rio Grande do Sul, por exemplo, o *Correio do Povo* enviava ao Rio de Janeiro para cobrir os jogos finais, em julho de 1950, o cronista esportivo Cid Pinheiro Cabral. O clima era de confiança absoluta. “No Rio e em São Paulo, vários jornais circularam na manhã do dia 16 de julho com vistosos títulos apresentando o 'Brasil, Campeão do Mundo'. O jogo seria naquela tarde” (GALVANI, 1995, p. 378). *O Taquaryense* partilhava da euforia. Na véspera do confronto decisivo com o Uruguai, lia-se em suas páginas:

Os estupendos feitos da nossa representação, que se impôs à admiração do consenso esportivo mundial, despertam justo orgulho a todos os seus patrícios, que acompanham sob intensa vibração e

entusiasmo sua segura e ascendente trajetória, cujo coroamento terá seu desfecho amanhã, face aos uruguaios, seus aguerridos e derradeiros adversários (COPA..., 1950, p. 1).

Findo o certame, cuja taça acabou sendo erguida pelo Uruguai, a pauta passou a ser o pleito que seria ferido em outubro daquele ano. Em 2 de setembro, *O Taquaryense* destacava em sua capa a candidatura a deputado federal de Adroaldo Mesquita da Costa, que chegara a ser cogitado para a disputa presidencial: “Sufragai o nome deste eminente conterrâneo que tudo tem empreendido em prol de nossa terra e que tem dado a Taquari, ao Rio Grande e ao Brasil todo o esforço e dedicação, não com palavras, mas, sim, com fatos concretos” (O TAQUARYENSE, 1950, p. 1).

A mensagem dirigida ao eleitorado local figurou no topo da primeira página até 30 de setembro. A eleição ocorreria em 3 de outubro, e Adroaldo obteria mais um mandato na Câmara dos Deputados. À Presidência da República retornaria, agora democraticamente, Getúlio Vargas, enquanto seu primo Ernesto Dorneles assumiria o governo do Rio Grande do Sul.

Em 1951, o assunto ainda era política. Pelo Partido Social Democrático (PSD), Nardi de Farias Alvim, redator de *O Taquaryense*, concorreu ao cargo de vice-prefeito. O lançamento das candidaturas dele e de Álvaro Haubert, postulante à chefia do Poder Executivo pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), aconteceu no dia 2 de setembro, em comício na Praça São José, do qual participaram João Goulart, então secretário do Interior e Justiça do governo gaúcho, e Leonel Brizola, líder da bancada estadual do PTB. Álvaro e Nardi seriam eleitos em 1º de novembro – o primeiro com 2.998 votos e o segundo com 3.284. Candidato a vereador pelo PSD naquele pleito, Peri Saraiva não se elegeu, somando 122 votos.

Ao ingressar em seu 66º ano de circulação, em 31 de julho de 1952, *O Taquaryense* reuniu seus funcionários e colaboradores para celebrar a data em jantar na churrascaria Centenário. Já se esboçava à época o projeto de uma nova sede para o jornal. O terreno estava adquirido, contíguo ao da velha oficina, na Rua Sete de Setembro. Em 18 de outubro, era apresentado aos leitores o desenho do futuro prédio do semanário, idealizado pelo diretor João Carlos Bizarro Teixeira, que

tinha forte inclinação para a arquitetura (SARAIVA, 1996). Somente na década seguinte, todavia, o projeto saíria do papel, com alterações.

Foto 9 – Tratativas para a construção da atual sede de *O Taquaryense*



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*. Na foto acima, veem-se João Carlos Bizarro Teixeira e Nardi de Farias Alvim (segundo e quarto, da esquerda para a direita).

Ainda em 1952, o governador do Estado, Ernesto Dorneles, visitou Taquari para presidir o ato de inauguração da Escola Normal Regional Pereira Coruja, antigo Colégio Distrital, fundado no município em 21 de fevereiro de 1902 (SOUZA, 2015). O município também recebeu, naquele ano, a visita de Adroaldo Mesquita da Costa, então vice-presidente da Câmara dos Deputados, homenageado pelo vice-prefeito Nardi de Farias Alvim com a entrega de um diploma de sócio benemérito do Clube Renascença, do qual o redator de *O Taquaryense* era presidente.

No ano seguinte, era Luís Gonzaga quem visitava Taquari. Sob o patrocínio de Urodonal e Colírio Moura Brasil, o Rei do Baião se apresentou na cidade em 16 de março, arrancando “calorosos aplausos da pequena multidão que se comprimiu na frente da sede do Serviço de Alto-Falantes, na Praça São José” (VISITOU..., 1953, p. 1). O ano de 1953 também foi marcado pela morte do prefeito Álvaro Haubert, em 9 de novembro. Coube a seu vice, Nardi de Farias Alvim, assumir o comando do município.

O Taquaryense, que em 1954 passou a ter como agente em Porto Alegre José Carlos Alvim Saraiva, filho do gerente Plínio Saraiva, acompanhava a crise

que fervilhava no país e desembocaria nos agitados dias de agosto, com o suicídio do presidente Getúlio Vargas:

Na manhã de 24 do corrente, o país foi abalado com a infausta notícia do suicídio do dr. Getúlio Vargas, presidente da República, em consequência da grave crise política desencadeada pelos deploráveis acontecimentos ocorridos recentemente no Rio de Janeiro. O trágico e imprevisto desfecho causou profunda consternação no seio do povo brasileiro, tendo também intensa repercussão em todo o mundo civilizado, onde seu nome era conhecido como um dos maiores estadistas da América (PRESIDENTE..., 1954, p. 1).

Com a morte de Getúlio, cuja carta de despedida foi reproduzida por *O Taquaryense* na edição de 4 de setembro de 1954, frustrou-se o golpe de Estado que, segundo Sodré (1999), era arquitetado. Um ano depois, em 3 de outubro, Juscelino Kubitschek se elegeu presidente da República. Em Taquari, Prudêncio Franklin foi o preferido do eleitorado, que lhe deu 3.280 votos. Nardi de Farias Alvim e João Carlos Bizarro Teixeira foram eleitos vereadores pelo PSD e pelo PTB, com 388 e 352 votos, respectivamente. Nardi obteve a maior votação dentro de seu partido, perdendo apenas para Adroaldo Mesquita da Costa, que recebeu 586 votos.

Na edição seguinte à eleição, os assuntos nas páginas do jornal não se resumiam, entretanto, ao pleito. *O Taquaryense* destacava o 60º aniversário do *Correio do Povo*, que dois anos antes inaugurara a moderna rotativa Hoe, importada dos Estados Unidos, como conta Galvani (1995). Quando, em 1º de outubro de 1953, a nova máquina rodava pela primeira vez o diário porto-alegrense, saía uma reportagem de Arquimedes Fortini trazendo a sequência de impressoras do *Correio* desde 1895; entre elas, a negociada por Caldas Júnior com Arlbertino Saraiva em 1910. A propósito, cabe um esclarecimento: reza a lenda que a Marinoni adquirida por *O Taquaryense*, capaz de imprimir de 1.000 a 1.200 exemplares por hora, foi a primeira máquina do *Correio do Povo*, quando na verdade a antecedeu uma Alauzet, que rodava de 1.200 e 1.400 jornais por hora (GALVANI, 1995).

Em 1955, inaugurou-se o Ginásio Nossa Senhora da Assunção, após a longa mobilização iniciada em 1948 sob a liderança de João Carlos Bizarro Teixeira, e veio a lume o primeiro número do mensário *O Regional*, que se destinava divulgar as atividades da Escola Normal Regional Pereira Coruja, sendo impresso na tipografia de *O Taquaryense*. Este, lutando contra a falta de tipógrafos, viu-se

impedido de circular em setembro daquele ano. Os assinantes não o receberam no dia 10, normalizando-se a situação na semana seguinte.

Não obstante, uma nova e longa interrupção estava por vir. Plínio Saraiva, que se dividia entre o semanário e a Exatoria Estadual de Taquari, encontrava dificuldades para conseguir jovens que pudessem auxiliar na tipografia. Por sua vez, Peri Saraiva, que trabalhava como escrivão de polícia, não conseguia mais se dedicar como antes ao jornal. Essa dupla, conforme Saraiva (1996), era quem tocava efetivamente *O Taquaryense*. João Carlos Bizarro Teixeira e Nardi de Farias Alvim faziam mais um trabalho de sustentação.

Além disso, as dificuldades financeiras continuavam, obrigando a direção a elevar o preço das assinaturas. Em dezembro, o aumento era comunicado: a anuidade subia para Cr\$ 60,00 em Taquari e Cr\$ 80,00 nos demais municípios, devido ao constante encarecimento do papel, da tinta e do material tipográfico. No final daquele ano conturbado, as páginas de *O Taquaryense* registraram uma homenagem ao ex-redator Leonel Teodorico Alvim, que passava a dar nome à antiga Rua 10 de Novembro, numa iniciativa do vereador Rubens Souza.

Em 20 de janeiro de 1956, começou a circular em Taquari o jornal *A Voz do Povo*, fundado e dirigido por Ângelo Praia Irugui. Duas semanas antes, em 7 de janeiro, João Carlos Bizarro Teixeira deixara o posto de diretor de *O Taquaryense*, alegando motivos particulares. Plínio Saraiva passara a conciliar o cargo com o de gerente. Em 3 de março, o periódico se apresentou aos leitores com novos tipos e um cabeçalho repaginado, em que figurava, abaixo do título, a reprodução das assinaturas do diretor-gerente, do fundador e dos redatores. A qualidade da impressão melhorava sensivelmente. O momento, entretanto, ainda era difícil. Às vésperas dos 69 anos do jornal, a direção usava da franqueza com os assinantes:

Nesta altura de sua longa vida, enfrenta este jornal uma série de obstáculos, como toda a pequena imprensa do interior, que não deixa esperanças nem ilusões de poder resistir por muito tempo, tragado pela voragem de uma época em que só há clima para os grandes e poderosos, cumulados de favores e facilidades. As contínuas altas do papel, mão de obra e outras despesas inevitáveis tornam-se asfixiantes, absorvendo totalmente a receita, já de si reduzida e ainda mais desfalcada pela indiferença de não pequeno número em satisfazer seus débitos de assinaturas [...] (AOS NOSSOS..., 1956, p. 1).

Era o prenúncio do que, menos de dois meses depois, aconteceria. Em 1º de setembro, *O Taquaryense* não foi às ruas, em virtude de reparos que se faziam necessários em sua impressora, reaparecendo pela última vez na semana que se seguiu. Com a edição do dia 8, que destacava na capa a oferta de uma bandeira farroupilha pelo historiador gaúcho Eduardo Duarte ao recém-fundado CTG Pelego Branco, o jornal interrompia suas atividades. Durante pouco mais de cinco anos, Taquari ficaria sem seu tradicional órgão de imprensa.

5.8 De volta à liça (1962-1969)

As quatro primeiras décadas do século XX haviam sido caracterizadas por um processo de transição para a modernidade, através do qual se formara “um novo regime jornalístico em detrimento não só da imprensa político-partidária, mas da própria imprensa literário-noticiosa [...]” (RÜDIGER, 2003, p. 72), prevalecendo a racionalidade econômica. No interior, o florescimento desse regime, consolidado com a proclamação do Estado Novo em 1937, fora contido pela pregnância da atividade ao campo político e pela falta de sustentação econômica para a montagem e a gerência de empresas jornalísticas modernas. O espaço dos veículos interioranos, por conseguinte, passara a ser ocupado progressivamente pelos grandes jornais da capital do Estado.

A solução da crise que se abatera sobre as publicações menores só viria nos anos 1960, quando teve início efetivamente um movimento de organização da imprensa interiorana. As origens desse movimento remontam à fundação, em 1962, da Associação dos Jornais do Interior (RÜDIGER, 2003). Foi quando a Marinoni voltou a trabalhar. *O Taquaryense* reapareceu no dia 13 de janeiro, em formato reduzido (tabloide, 40,5 cm por 28 cm), por motivos técnicos e econômicos, deficiência que seria compensada pelo aumento de quatro para seis páginas a partir de junho.

O semanário passara a ser propriedade da Empresa Gráfica O Taquaryense Ltda. Na direção, figuravam João Carlos Teixeira, Peri Saraiva, Nardi de Farias Alvim e Plínio Saraiva. O corpo redatorial contava com Rubens Felipe de Souza, Harry Brito Dias e José Marino Gregory. Pela chefia técnica era responsável José Luís Wildner. A anuidade custava agora Cr\$ 400,00 em Taquari e Cr\$ 500,00 nos outros municípios.

Eram agentes da folha em Lajeado, Paverama e Porto Alegre, respectivamente, Rui Azambuja, Avelino Flach e Miguel Nascimento. No Rio de Janeiro, *O Taquaryense* tinha como representante a Sucursal dos Jornais Sul-Rio-Grandenses.

Um dia antes de o jornal retomar suas atividades, inaugurava-se a Hidráulica de Taquari. A solenidade teve a presença de diversas autoridades; entre elas, o secretário estadual de Obras Públicas, João Caruso, representando o governador Leonel Brizola. Ao meio-dia, foi oferecido a Caruso e sua comitiva um churrasco na Estação de Pomicultura. Na oportunidade, em nome do secretário, o deputado Sereno Chaise fez uso da palavra, saudando em seu discurso a mobilização que culminava com o retorno de *O Taquaryense* e prometendo um auxílio de Cr\$ 100.000,000 para a manutenção do semanário.

A inauguração da nova sede do periódico, construída no terreno adquirido em 1952, na Rua Sete de Setembro, 1849, defronte à Praça São José, ocorreu em 14 de janeiro. A obra ficara concluída em 1961, “graças ao apoio da comunidade e do prefeito João Eduardo Bizarro” (JORNAL..., 1999, p. 11), a quem coube desatar a fita simbólica. Na ocasião, o diretor João Carlos Bizarro Teixeira usou da palavra, reafirmando a conservação da antiga linha de conduta de *O Taquaryense* e dirigindo um agradecimento especial àqueles que haviam concorrido para o reerguimento do jornal, homenageados posteriormente na “Coluna de Honra”.

Foto 10 – Inauguração das oficinas do periódico



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*. Na foto acima, veem-se (atrás, da esquerda para direita) Peri Saraiva, José Luís Wildner, João Carlos Bizarro Teixeira, Plínio Saraiva e (na frente) Nardi de Farias Alvim.

Em nome do Executivo e do Legislativo locais, falou o vereador Leonel Alvim Filho, que expressou a alegria de ver o reaparecimento do semanário a que fora profundamente ligado seu pai, Leonel Teodorico Alvim. Por fim, foi servido um coquetel no bar Vitória. Otelo Rosa, falecido em 4 de dezembro de 1956, quando a circulação do periódico estava interrompida, foi um nome reverenciado na volta de *O Taquaryense*, cuja capa trouxe o necrológio do antigo colaborador.

O corpo de redatores, em 16 de junho de 1962, ganhou um novo membro: Sofia da Costa e Silva, irmã do futuro presidente da República. Marino Gregory deixara a equipe, à qual ainda em janeiro se somara César Torres Goulart. Em julho, quando era inaugurada a nova sede Câmara Municipal, Adroaldo Mesquita da Costa conhecia as novas instalações de *O Taquaryense*. Era o mês do aniversário de 75 anos do periódico, o primeiro após o lustrô. No dia 28, a direção do jornal manifestava sua gratidão ao prefeito João Eduardo Bizarro, pela grande colaboração, e aos técnicos Válder Augusto Schiling e Francisco Aquino, pelo auxílio na montagem e no reajustamento do maquinário. As fotografias dos três foram estampadas na primeira página.

Desde que voltara às ruas, o semanário contava com uma coluna social. Iran Azeredo e Antônio Carlos Vasconcelos se revezavam no espaço intitulado *O Taquaryense em Sociedade*, que passaria a ter a assinatura de Helena Santos da Silveira em 12 de janeiro de 1963, transformando-se em *Sociais em Destaque*. Também no princípio de 1963, Hélio Musskopf se tornou correspondente e agente do jornal no município de Bom Retiro do Sul, distrito desanexado de Taquari em 1959. José Luís Wildner, em junho, deixou a direção técnica do periódico, que perdia assim seu principal tipógrafo; em agosto, Nilo Saraiva assumiu como agente da publicação em Porto Alegre.

O mês de novembro foi marcado pela vitória de Libório Fregapani e Artur Schenk, eleitos prefeito e vice de Taquari com 3.215 e 2.925 votos, respectivamente. João Carlos Teixeira (PTB), com 430 votos, e Nardi de Farias Alvim (PSD), com 231, elegeram-se vereadores. Ainda em novembro, *O Taquaryense* mancheteou o assassinato de John Fitzgerald Kennedy, presidente dos Estados Unidos.

Chegava-se, então, ao conturbado ano de 1964. Por falta de publicidade, editais e publicações forenses, as finanças do jornal estavam debilitadas: “Neste andar, talvez mais cedo do que se possa esperar, *O Taquaryense* terá que voltar ao proverbial rol do já teve” (AOS LEITORES, 1964, p. 1). Devido à constante elevação do material tipográfico e a outras despesas, a anuidade subia para Cr\$ 1.000,00. Em 11 de janeiro, deixou a redação César Torres Goulart, ex-diretor da Estação Experimental de Pomicultura, tendo transferido residência para Porto Alegre. Ingressou em seu lugar a colunista social Helena Santos da Silveira.

O golpe de Estado que derrubaria João Goulart da Presidência da República se avizinhava. Em Porto Alegre, nos porões da prefeitura, onde fora improvisado um estúdio de rádio, reeditava-se a Rede da Legalidade, numa tentativa de resistência. À frente do movimento, Leonel Brizola não colheria, contudo, o mesmo êxito da campanha que em 1961, quando ele governava o Rio Grande do Sul, impedira a tomada do poder pelos militares após a renúncia de Jânio Quadros. Em 4 de abril de 1964, *O Taquaryense* noticiava a queda de Goulart, deposto, no entendimento de Silva (2014), com a colaboração da imprensa, que serviu como intelectual legitimador do golpe:

Eclodiu terça-feira última, em Minas Gerais, sob a chefia do general Olímpio Mourão Filho, comandante da guarnição de Juiz de Fora, um movimento de rebeldia contra o governo federal [...]. O pronunciamento militar, segundo proclamação dos seus responsáveis, foi feito em defesa da Constituição e dos princípios democráticos e cristãos do povo brasileiro, ameaçados pelas manobras comunistas dos elementos infiltrados no governo [...]. Na madrugada de quarta-feira, foi empossado no governo da República, pelo sr. Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso, o deputado Ranieri Mazzilli, presidente da Câmara dos Deputados [...] (DEPOSTO..., 1964, p. 1).

Segundo Mühlen (2012), *O Taquaryense* deu apoio irrestrito ao novo governo, principalmente pela ligação com Artur da Costa e Silva. O general nascido em Taquari, que assumiu o Ministério da Guerra, desempenhara relevante papel nos acontecimentos, como enfatizou o semanário na matéria que ocupou metade de sua capa na edição de 4 de abril. A posse do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco foi noticiada no dia 18. Do novo governo fazia parte, além de Costa e Silva, outro taquariense ligado ao jornal: Adroaldo Mesquita da Costa, consultor-geral da República.

As comemorações do bicentenário de Taquari tiveram início em maio daquele ano, culminando com a realização da 2ª Festa Nacional da Laranja, que contou com a presença do governador Ildo Meneghetti. Na capital gaúcha, saía à luz o jornal *Zero Hora*, cujas páginas trouxeram em agosto uma crônica de Dante de Laitano alusiva aos 77 anos de *O Taquaryense*. Nela, o articulista recordava o começo de sua atuação na imprensa como colaborador do semanário e cumprimentava o quarteto responsável pelo reerguimento do periódico, fazendo uma referência especial a Plínio Saraiva, com quem cursara o ginásio no colégio Júlio de Castilhos, na capital do Estado.

Em dezembro, dois meses depois que a China comunista explodira sua primeira bomba atômica, quem citava *O Taquaryense* era o vereador Celso Luís Martins, em declaração polêmica feita em plenário. A publicação, disparava ele, “nem sempre [...] espelha os assuntos políticos de Taquari com correção e honestidade”, para protesto do diretor Nardi de Farias Alvim, colega de Legislativo: “Infeliz, injusto e sem base o aparte do vereador Celso Martins, que muitas vezes me representa um Dom Quixote, investindo contra moinhos de vento” (NARDI..., 1964, p. 1).

Rompia 1965. Com ele, a elevação da taxa postal, motivando mais um aumento nas assinaturas. A anuidade para os leitores de fora tinha agora o custo de Cr\$ 1.500. Em Bom Retiro do Sul, Geni Augustin assumia como agente de *O Taquaryense*. Da chefia técnica passava a estar à frente Gilberto Conceição.

No novo ano, transcorreria o centenário de nascimento de Albertino Saraiva. Em 1º de julho, uma quinta-feira, o jornal tributou sua homenagem ao fundador, estampando na capa um clichê de Albertino juntamente com sua biografia. Na edição seguinte, quem o homenageou, em crônica, foi Luís Carlos Verzoni Nejar, promotor de Justiça e professor da então Escola Normal Álvaro Haubert, o qual ocuparia duas décadas mais tarde, como poeta consagrado, a cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Letras. Em 31 de julho, quando *O Taquaryense* completou 78 anos, foi a vez de Palemon Saraiva prestar seu tributo ao pai. Já em 9 setembro, Albertino foi reverenciado por Dante de Laitano em *Zero Hora*.

Após transferir residência para Porto Alegre, Sofia da Costa e Silva deixou o corpo redatorial de *O Taquaryense* em 1966, nele ingressando Luís

Noschang. Naquele ano, Artur da Costa e Silva, que assumiria a Presidência da República pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), visitou a terra natal em 5 de julho. Os deputados João Calmon, diretor dos Diários e Emissoras Associados, e Solano Borges, presidente da Arena, integravam sua comitiva, que passou pela redação de *O Taquaryense* na oportunidade.

Também em julho, um almoço organizado pela família Saraiva no Amparo São José, inaugurado em 1948, marcaria o 79º aniversário do periódico, com a presença do chefe do clã, Palemon Saraiva, alvo de homenagem conduzida pelo sobrinho Hélio Saraiva, futuro diretor-presidente do Instituto de Previdência do Estado. O ano de 1966 seria marcado, ainda, pela morte ocorrida em 7 de outubro, na capital do Estado, de Nardi de Farias Alvim, codirigente do jornal, tarjando de preto a capa da edição que foi às ruas dois dias depois.

À direção de *O Taquaryense*, em janeiro de 1967, chegava um ofício assinado por Ari Ferreira da Costa com o título de Honra ao Mérito, conferido em fins de 1966 pela Rádio Bandeirantes de São Paulo, como continuação das homenagens prestadas ao jornal por aquela emissora através do programa *Clube da Amizade*.

Em julho, a família Saraiva se reunia novamente no Amparo São José para celebrar o aniversário do periódico, quando o redator Luís Noschang revelou que estava em curso um movimento pró-ereção de uma herma em honra a Albertino Saraiva, constituindo-se já em setembro a comissão responsável: João Maia Filho, mentor da ideia, era o presidente de honra; Luís Noschang, o presidente; Euclides Vieira Teixeira, o vice-presidente, e João Carlos Voges Cunha, o secretário-geral.

No dia 2 de abril de 1968, Artur da Costa e Silva, acompanhado do governador Válder Peracchi de Barcelos, fez sua primeira visita a Taquari como presidente do Brasil e aproveitou para colaborar na construção do monumento de Albertino Saraiva com NCr\$ 100,00, destinando também NCr\$ 200,00 para as obras da torre da Igreja Matriz, atingida por incêndio um ano antes. Em julho, Palemon Saraiva escrevia sua tradicional crônica cumprimentando o aniversariante do mês: “Mais uma oportunidade se oferece, quem sabe se será a última, para vir trazer-te o meu significativo abraço fraternal, por motivo de atingires mais um marco na árdua vida que iniciaste no ano longínquo de 1887”

(SARAIVA, 1968, p. 1). Em dezembro, Costa e Silva baixava o Ato Institucional nº 5 e a cápsula da Apollo 8 era lançada à Lua.

A chefia técnica de *O Taquaryense* estava entregue, desde março de 1968, a João de Souza Rolim. Já a direção, em julho de 1969, passou a ser ocupada unicamente por João Carlos Bizarro Teixeira, tendo Peri Saraiva assumido a função de redator-chefe e Plínio Saraiva retornado à gerência.

Em agosto daquele ano, teve lugar na Praça São José a inauguração da herma de Albertino Saraiva. O orador da cerimônia foi Adroaldo Mesquita da Costa. Ao ato compareceram diversas autoridades; entre elas, o deputado Otávio Germano, presidente da Assembleia Legislativa, a quem tocou descerrar o monumento ao lado do prefeito João Carlos Voges Cunha. Hélio Saraiva, neto do homenageado, falou em nome da família, ainda consternada pelo falecimento de Palemon Saraiva em 18 de julho.

Foto 11 – Descerramento do busto de Albertino Saraiva



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Nos dias que se seguiriam, uma junta governativa provisória passaria a dirigir os destinos do país, tomando posse em novembro Emílio Garrastazu Médici, devido à doença que acabaria por levar à morte o taquariense Artur da Costa e Silva em 17 de dezembro.

5.9 Na contramão (1970-1979)

O movimento de organização da imprensa no interior do Rio Grande do Sul estava consolidado. Baseando-se em investimentos em maquinário e concentração de capitais, várias empresas conquistaram posição destacada no mercado de jornais do Estado. Segundo Rüdiger (2003), o Grupo Editorial Sinos, de Novo Hamburgo, deu o primeiro exemplo para a reestruturação empresarial dos jornais do interior, com a instalação da segunda rotativa offset do Sul do país, sendo seguido por outros grupos ao longo dos anos 1970.

Tais empresas apostavam na concentração da produção industrial em modernos parques gráficos, na centralização das atividades jornalísticas numa única redação e na renovação dos padrões gráficos e editoriais do jornalismo regional. Fiel ao sistema tipográfico, *O Taquaryense* ia no sentido oposto. Continuava a ser montado letra por letra e impresso na veterana Marinoni adquirida do *Correio do Povo* em 1910, mantendo o formato tabloide (40,5 cm por 28 cm) implantado na década passada, com quatro páginas.

No dia 21 de junho de 1970, o Brasil sagrou-se tricampeão mundial, feito que não passou em branco nas páginas do semanário: “Em nossa cidade, o grande acontecimento foi festejado [...] com um imenso préstito de automóveis, conduzindo bandeiras nacionais e de agremiações esportivas e espocando foguetes, sob intensa vibração popular” (BRASIL..., 1970, p. 1). Em julho, *O Taquaryense* filiou-se à Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul e, no ensejo de mais um aniversário, o 83º, foi prestado um tributo a Albertino Saraiva, por iniciativa do poder público, da União Taquariense de Estudantes Secundários e do Movimento Independente Taquariense de Jovens. A homenagem aconteceu na Praça São José, junto ao monumento do fundador.

Enquanto se desenrolava a construção da nova sede do Taquari Tênis Clube, cujas atividades eram divulgadas nas páginas do semanário, terminavam as obras da Sociedade Anônima Taquariense da Indústria de Papel. A inauguração do grande empreendimento ocorreu em outubro daquele ano, com a presença do presidente Emílio Garrastazu Médici e do governador Válter Peracchi Barcelos,

sucedido em 1971 por Euclides Triches, que, em seu primeiro ano à frente do governo gaúcho, também passaria pelo município.

Em 1972, chegava às livrarias *São José de Taquari: a História de Minha Terra*, o novo trabalho de Riograndino da Costa e Silva. Em março, o escritor esteve na terra natal para lançá-lo. Três anos antes, em meio à elaboração da obra, o autor brindara *O Taquaryense* com trechos já finalizados, para que fossem divulgados em primeira mão.

Já em 1973, a redatora e colunista social Helena Santos da Silveira transferiu residência para Porto Alegre e, de 21 de julho em diante, *Sociais em Destaque* ficou a cargo de Danilo Lux. O novo titular do espaço também passou a integrar o corpo redatorial de *O Taquaryense*, que figuraria, entre 2 e 8 de dezembro, na 1ª Exposição de Jornais e Revistas do Interior, promovida pelo periódico *2001*, editado na cidade baiana de Alagoinhas, e organizada por Getúlio Machado Cândido.

A anuidade foi elevada para Cr\$ 25,00 em 1974, o que se repetiria no ano seguinte, subindo para Cr\$ 30,00 em Taquari e Cr\$ 35,00 nos demais municípios, devido à alta do preço do papel. Peri e Plínio Saraiva voltaram à direção, e Zalmiro de Araújo Ramos passou a ser o responsável pelas cobranças em Paverama. Em 29 de junho daquele ano, *O Taquaryense* presenteou seus leitores com uma edição especial de 16 páginas, impressa em offset e distribuída na abertura da 5ª Festa Nacional da Laranja, com uma variedade de matérias relacionadas a Taquari e sua história, exibindo na segunda página a programação completa do evento.

Um mês depois, o jornal celebrava seus 87 anos, com direito a felicitações do governador Euclides Triches. “Tenho a satisfação de cumprimentar seus integrantes, desejando a esse órgão de imprensa sucesso sempre maior em sua importante missão”, escreveu Triches em mensagem reproduzida na capa do dia 10 de agosto, dois meses antes de o Estado eleger seu novo comandante, Sinval Guazzelli. À frente do país, desde março, estava também um gaúcho, Ernesto Geisel.

Por motivo de seu terceiro aniversário, a *Folha do Mate*, de Venâncio Aires, havia preparado uma série de atos festivos para 1975. Entre eles, uma exposição de

jornais do interior do Rio Grande do Sul, realizada em 3 de outubro. *O Taquaryense* foi um dos convidados. Ainda naquele mês, Ondina Bizarro Saraiva, viúva de Palemon Saraiva, doou ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado as coleções completas de *O Petit* e *O Rosiclér*. Irmão de Palemon, Gontran morreria aos 81 anos em dezembro, depois de Lélío (1970) e Décio (1974).

As assinaturas subiram novamente em 1976, chegando a Cr\$ 40,00, e *O Taquaryense* confiou sua chefia técnica, vaga desde 1971 com a saída de João de Souza Rolim, a José Glênio Goethel da Silva, responsável pela paginação e pelos acabamentos gráficos. Em fevereiro, passou a fazer parte da equipe de redatores João Batista Costa Saraiva, filho de Peri Saraiva. Orientado pelo tio Plínio Saraiva, ele fazia a cobrança das assinaturas e dos anúncios desde os 12 anos. Agora, estreava como colunista de *Informe*. Danilo Lux, por sua vez, parava de escrever *Sociais em Destaque* e se afastava do corpo redatorial, retornando nove meses mais tarde, para novo afastamento no ano seguinte.

O periódico voltava a ter seis páginas, nas quais também havia espaço para assuntos futebolísticos. Carlos Roberto de Oliveira escrevia *Nas Quatro Linhas*. Em abril, foi a vez de Paulo de Tarso Pereira estrear como colunista com *Roda Viva*, seguido por Júlio César Redecker em agosto, quando apareceu a coluna *Opinião*. O futuro deputado federal já vinha colaborando com artigos esporádicos, em que tratava de assuntos variados, desde política até futebol.

Naquele ano, visitou a redação de *O Taquaryense* Osvaldo Van Leuven, diretor do jornal *O Informativo*, fundado em Lajeado no início da década. Ele estava em Taquari com sua equipe para realizar uma reportagem sobre os asilos Pella e Bethânia. Ainda em 1976, por iniciativa da administração municipal, foi lançada uma campanha em prol da construção de um busto do ex-presidente Artur da Costa e Silva, da qual o jornal participou ativamente, arrecadando contribuições e registrando em suas páginas os nomes dos colaboradores.

Os 89 anos do semanário, transcorridos em 31 de julho, foram lembrados na Assembleia Legislativa, que acatou a proposta do deputado Edgar Marques de Matos e aprovou um voto de congratulações pela passagem da data. O aniversariante, três

meses mais tarde, seria homenageado em Maringá, no Paraná, dentro da 13ª Exposição-Mostra de Jornais Brasileiros, organizada por Urbano Cordeiro.

No princípio de outubro, ventos fortes causaram destruição e deixaram desabrigadas cerca de 800 pessoas em Taquari. A inauguração do monumento de Costa e Silva, prevista para o dia 3, acabou sendo transferida para o dia 24. Coube a Sofia da Costa e Silva e Adroaldo Mesquita da Costa descerrá-lo. No dia seguinte, a direção do jornal entregava na prefeitura um cheque de Cr\$ 21.465,00, resultante das contribuições que arrecadara para o erguimento do busto.

Um ano depois, era chegado o momento de festejar o 90º aniversário de *O Taquaryense*, sendo para isso confeccionada uma edição especial com 12 páginas, quatro delas impressas em offset. O número comemorativo foi às ruas em 30 de julho, com artigos de Riograndino da Costa e Silva, Adroaldo Mesquita da Costa, Nestor Azambuja Guimarães e José Martins Pereira, colaboradores de longa data. Um dia antes, era entrevistado na Rádio Gaúcha, pela jornalista Maria do Carmo, o redator e colunista João Batista Costa Saraiva, o “Jotabê”, para falar sobre os 90 anos de *O Taquaryense*.

O aniversário foi mais uma vez lembrado na Assembleia Legislativa, cujo plenário aprovou unanimemente o voto de congratulações requerido pelo deputado Guido Moesch. Na véspera do Dia da Imprensa, a banda marcial da Escola Estadual Pereira Coruja visitou a redação do jornal para presenteá-lo com uma serenata. Uma das canções executadas na ocasião, composta pela professora Marlene Pastro, homenageava o nonagenário órgão de imprensa.

Em 1978, o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore deu início à preparação do livro *O Rio Grande - 1904 - Visto por Dentro*. A obra constaria de crônicas publicadas em *O Taquaryense* no começo do século, com relatos de andanças pelo Estado de um misterioso viajante que se ocultava sob o pseudônimo “O. M.”. Pelo recolhimento dos textos ficou responsável o escritor Lothar Hessel, que recorreu à coleção do jornal mantida por João de Menezes Costa em Porto Alegre. O livro foi lançado no dia 25 de abril de 1979, em Taquari, com a presença de Hessel, que também era colaborador do semanário. No evento, *O Taquaryense* esteve representado pelo diretor Peri Saraiva e pelo articulista José Martins Pereira.

O ano de 1979 assinalaria, ainda, o retorno do redator Danilo Lux às páginas do periódico, com *Sociais em Destaque*, e a estreia de Sérgio Pereira da Silva, com *Tópicos*, que depois se transformariam em *Pinceladas*. Ao time de colonistas já haviam se juntado Augusto Becker, com *O Ponto*, e a dupla José Glênio Goethel da Silva e Gilmar Rosa Dutra, com *Informe Esportivo*.

5.10 O centenário (1980-1989)

O *Taquaryense* elevava mais uma vez as assinaturas em 1980, agora para Cr\$ 200,00 anuais em Taquari e Cr\$ 250,00 nas demais cidades. A paginação e os acabamentos gráficos ficavam a cargo de Gladiomir da Rosa Dutra, em lugar de Gilmar da Rosa Dutra, este precedido por Edson Bittencourt Goethel em meados de 1979. Na última página, a coluna *Sociais em Destaque* voltava a ter a assinatura de Helena Santos da Silveira:

Fugi da agressão do asfalto, da fúria das máquinas, do individualismo crescente, e procurei me afastar, buscando maior tranquilidade [...]. Escrever nesta coluna não constava em minha agenda. Assistir ao espetáculo é muito mais cômodo do que organizar e participar. Como estou eu aqui então? Talvez porque cedesse aos convites de Plínio e Consuelo Saraiva, talvez porque não é o momento de cerrar completamente as cortinas ou porque exercitar a massa cinzenta, na hora atual, seja ainda uma necessidade vital! (SOCIAIS..., 1980, p. 6).

Além do retorno da antiga colunista social, uma entrevista polêmica do prefeito Celso Luís Martins, atacando *O Taquaryense* e um de seus cronistas, marcou o mês de junho de 1980. Na Rádio Açoriana, fundada em Taquari no ano de 1964, o chefe do Executivo rebateu críticas feitas a sua administração por João Batista Costa Saraiva na coluna *Informe*, chamando o semanário de jornalzinho. Este, segundo ele, só se mantinha em funcionamento graças a um contrato firmado com o Legislativo local. Na edição do dia 21, veio a resposta:

Falando terça-feira última, ao microfone da Rádio Açoriana, como amiudadamente costuma fazer, o sr. prefeito municipal ocupou-se mais uma vez com este jornal, usando sempre ao referir-se a ele o diminutivo, como é de seu gentil feitio, assim como a um nosso cronista. [...] Sustentou sua excelência que este jornal se mantém em circulação exclusivamente pelo produto do contrato de prestação de serviço que mantém há mais de 20 anos com a Câmara de Vereadores, publicando as atas das sessões. [...] Deixou entrever em suas palavras que lamentava não estar em suas mãos poder realizar essa grande economia, que, na realidade, seria até o mês de maio último de Cr\$ 1.800,00 mensais [...].

Deixou, porém, sua excelência de revelar o quanto gasta a prefeitura para manter em outros veículos de comunicação espaço para divulgação de suas grandes realizações administrativas e de suas arengas de autoelogio e de ataques indiscriminados. Paciência, afinal, o que se pode mais esperar do prefeitinho? (PAROLA..., 1980, p. 1).

Sob direção de Lotário Armando Bender e gerência de Valdir Fritz de Souza, circulava em Taquari desde 1978 outro semanário, *O Açoriano*, sendo seu jornalista responsável Astor José Reckziegel. Em 1980, ia às ruas do município o *Novo Sul*, tendo à frente Augusto Becker, Gilmar do Amaral Couto, José Alaor Silveira e Rubens Felipe de Souza. Naquele ano, a direção de *O Taquaryense* adotou uma série de medidas com vistas a reformulá-lo editorial e comercialmente.

Em 1981, apareceu no expediente do jornal o nome de José Artêmio Portz, que integrava o corpo de redatores e, desde 9 de agosto de 1980, assinava a coluna *Esportes*. Apareciam, também, os nomes de Helena Santos da Silveira, que voltava à redação, e Raul Becker, que até 1983 seria o responsável pela paginação e pelos acabamentos gráficos.

No Galpão Crioulo do Palácio Piratini, em 9 de setembro, foi oferecido um churrasco aos veículos filiados à Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul, com a presença do governador José Augusto Amaral de Sousa, que fez uma homenagem especial aos 10 órgãos mais antigos da imprensa gaúcha. Participaram do evento o diretor Plínio Saraiva e o redator Harry Brito Dias.

Foto 12 – Churrasco da Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul em 1981



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Ao completar 95 anos em 1982, o semanário foi alvo de nova homenagem do governador. Dessa vez, recebeu de Amaral de Sousa uma placa de bronze, cuja inauguração ocorreu no dia 28 de dezembro, em cerimônia presidida pelo jornalista Lino Brum Filho, do Gabinete de Imprensa do Piratini. Juntamente com Plínio Saraiva, Lino descerrou a placa fixada no frontispício do prédio, seguindo-se com a palavra Peri Saraiva: “É este um momento de singular relevo na longa vida deste jornal, pois esta é uma das mais altas provas de apreço que recebe do poder público, sintetizada nessa placa de bronze” (INAUGURADA..., 1983, p. 1).

Marcou presença no ato inaugural o jornalista Luís Pauletti, representando a Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul e a Associação Brasileira de Jornais do Interior. Ao final da solenidade, foi servido um almoço no Grêmio Recreativo Alvinegro.

As páginas de *O Taquaryense*, ainda em 1982, registraram o centenário de nascimento de Leonel Teodorico Alvim, transcorrido em 1º de julho, rendendo ao antigo redator um preito de saudade e gratidão. Já em 1983, noticiaram a morte do ex-prefeito de Taquari Nestor de Azambuja Guimarães, colaborador do jornal desde a mocidade, falecido em 1º de dezembro, mês em que foi publicada pela última vez a coluna *Informe*. Na edição do dia 24, João Batista Costa Saraiva se despedia dos leitores para se dedicar à magistratura.

Até o ano seguinte, porém, “Jotabê” continuaria a fazer parte do corpo redatorial de *O Taquaryense*, que perderia Rubens Felipe de Souza, falecido em Porto Alegre. Articulista desde os tempos de “F. Delmar”, pseudônimo que utilizava em seus textos, Rubens colaborara também fazendo a cobertura dos trabalhos da Câmara de Vereadores para o semanário.

“Necessitamos, com urgência, de aprendiz de tipógrafo. Exigências: bom comportamento. Idade: entre 15 e 18 anos” (O TAQUARYENSE, 1985, p. 1). A escassez de mão de obra qualificada com que o semanário se via às voltas em 1985 permaneceria até 1987, forçando seus diretores a tirá-lo de circulação nos dois primeiros meses do ano de seu centenário, “dada a necessidade de uma reformulação técnica deste jornal, que vem encontrando muitas dificuldades na sua confecção nos atuais moldes” (COMUNICAÇÃO, 1986, p. 1).

Ainda em 1985, o semanário tarjou de luto a primeira página para noticiar, em 30 de março, o falecimento repentino de seu diretor João Carlos Bizarro Teixeira, aos 66 anos, dos quais 38 dedicados ao periódico. Natural de Rio Pardo, João Carlos era casado com Sarah Saraiva Teixeira, neta de Albertino Saraiva, tendo fixado residência em Taquari na década de 1940, após se formar em Medicina. Também em 1985, faleceu Adroaldo Mesquita da Costa e o Brasil perdeu seu presidente, Tancredo Neves.

A parada de dois meses anunciada para 1987 acabou durando um mês e meio. Em 14 de fevereiro, *O Taquaryense* retornava às ruas. Desde o ano anterior, o país tinha como moeda oficial o cruzado, que substituíra o cruzeiro com o corte de três zeros. As assinaturas custavam agora anualmente Cz\$ 80,00 dentro de Taquari e Cz\$ 100,00 fora do município.

Assumia a parte de publicidade, a cargo anteriormente da Propal Propaganda e Representações, de Porto Alegre, José Harry Saraiva Dias, neto do diretor Plínio Saraiva. Ele também fazia as vezes de cronista esportivo no espaço que, em 9 de maio daquele ano, voltaria a ser ocupado por José Artêmio Portz, após três anos de ausência, período em que também foram seus substitutos Harry Brito Dias e José Marçal Pereira.

Em 31 de julho de 1987, a velha Marinoni não trabalhou. *O Taquaryense* foi impresso inteiramente em offset e circulou com 32 páginas. A edição comemorativa ao centenário trouxe na capa a foto de Albertino Saraiva e uma síntese da história iniciada no século passado pelo jovem idealista de apenas 22 anos. No princípio, Albertino foi tudo. Atuou como redator, tipógrafo, paginador e impressor, sendo nessa última tarefa auxiliado pela esposa, Joana Gomes Saraiva, que também o ajudava a dobrar os exemplares:

Mais tarde, Albertino foi iniciando seus filhos Palemon, Mário, Lélío, Gontran, Nelson, Décio, Plínio e Nilo na composição do jornal, contando também com a colaboração de suas filhas e noras no trabalho de dobrar e colar sobrescritos no jornal, tarefa realizada em reuniões às sextas-feiras em sua residência, por longos anos. Formou assim, com seus familiares e amigos, uma mística de continuidade (CEM ANOS..., 1987, p. 1).

O número festivo contou com textos de Francisco Riopardense de Macedo, Rui Rodrigo Brasileiro de Azambuja, Riograndino da Costa e Silva e Dante de Laitano.

Este, à época presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, em alentado artigo na terceira página, saudava a “data magna”, discorria sobre Albertino Saraiva, mencionava as várias gerações de escritores que passaram por *O Taquaryense* e falava acerca da amizade que o unia a Plínio Saraiva desde os 15 anos.

Os ex-colunistas João Batista Costa Saraiva e Paulo de Tarso Pereira retornavam às páginas do semanário para homenageá-lo. O radialista Kurt Pedro Freitag dava prosseguimento à série de artigos sobre o jornal, elencando fatos marcantes registrados pelo semanário desde a fundação. Ilustravam as matérias fotos de locais, personagens e momentos históricos de Taquari e de seu secular órgão de imprensa.

Às vésperas do aniversário, em 27 de julho, o Lions Clube local promoveu um jantar comemorativo no Grêmio Recreativo Alvinegro, logo após o descerramento da placa que ofertara a *O Taquaryense*, colocada na fachada da sede. O historiador Riograndino da Costa e Silva proferiu, na ocasião, uma palestra a respeito do jornal. A convite do presidente do Lions, Paulo Roberto Silveira, os diretores Plínio e Peri Saraiva cortaram o bolo do centenário, tendo o último agradecido as deferências.

No dia 31, foi a vez de os poderes Executivo e Legislativo municipais homenagearem o periódico com uma placa de bronze, descerrada pelo prefeito Namir Luiz Jantsch e pelo vereador João Coutinho, presidente da Câmara, acompanhados dos diretores de *O Taquaryense*. Em seguida, sob a presidência do vereador João Coutinho, foi realizada uma sessão solene, na qual estiveram presentes os jornalistas Firmino Sá Brito Cardoso, Mário Emílio de Menezes e Dante de Laitano, os historiadores Lothar Hessel e Francisco Riopardense de Macedo e o advogado João Batista Costa Saraiva, que falou em nome do semanário. Mais tarde, ocorreu o Baile do Século, no Alvinegro, quando a diretoria do clube fez a entrega de uma placa de prata ao semanário.

Já em 2 de agosto, os familiares de Albertino Saraiva prestaram um tributo ao fundador de *O Taquaryense*, diante de seu monumento, na Praça São José. Seguiu-se ao ato uma missa em ação de graças na Igreja Matriz, ao cabo da qual foi realizado um almoço no Alvinegro, reunindo membros e amigos da

família Saraiva, num total de 300 pessoas. Usaram da palavra Nelson Michel Saraiva, neto de Albertino, e Lauro Pereira Guimarães, ex-procurador-geral de Justiça e colaborador da folha.

Em 18 de agosto, a Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul e a Associação Brasileira de Jornais do Interior renderam sua homenagem ao periódico, com a oferta de uma placa alusiva ao centenário. Na oportunidade, estiveram representados os seguintes veículos: *Jornal do Povo* (Cachoeira do Sul), *Folha do Mate* (Venâncio Aires), *A Plateia* e *Folha Popular* (Santana do Livramento), *A Região* (Sarandi), *Informativo do Vale* (Lajeado), *Correio Rio-Grandense* (Caxias do Sul), *O Açoriano* (Taquari), *O Alto Taquari* (Arroio do Meio), *Gazeta do Sul* (Santa Cruz do Sul) e *Folha de Teutônia*.

O advogado e historiador paulista Edmundo Zenha, em 21 de novembro, repercutia a efeméride em artigo escrito especialmente para *O Taquaryense*, em cujas páginas estrearam, em 1988, as colunas *Fatos sem Fotos* e *Conversando com a Comunidade*, de Lênio Cardoso Fregapani e Manuel Pereira, respectivamente. As mesmas páginas registraram em março de 1988 a morte de Mário Saraiva, gerente do jornal entre 1923 e 1945. Um mês depois, noticiaram o episódio das aparições de Nossa Senhora na localidade de Rincão São José, em Taquari, fato que repercutiu na grande imprensa. Mais à frente, em outubro, informaram a promulgação da nova Constituição da República Federativa do Brasil.

Em 1989, as assinaturas passaram a ser trimestrais. "O nosso livro caixa está 'doente'. Ali, o Haver, desconforme com os custos de material e serviços indispensáveis, corruptamente elevados cada mês, perturbou, sobremodo, a vida do pobre *O Taquaryense* [...]" (*O TAQUARYENSE*, 1989, p. 1). Com a adoção do cruzeiro novo em 16 de janeiro, o primeiro semestre custaria NCz\$ 1,50 para assinantes locais e NCz\$ 1,80 por via postal.

Naquele início de ano, Vítor Pereira Agra lançava uma coletânea de crônicas publicadas em *O Taquaryense* e na *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul, sob o título *Notas Dissonantes*, e o jornalista Carlos Soares juntava-se ao time de colunistas do semanário, no qual ingressaria mais adiante Adrienne Santos da Silveira, com sua *Força Jovem*.

As homenagens pelo centenário transcorrido em 1987 prosseguiram. O governo estadual, ainda em 1989, homenageou *O Taquaryense* com uma placa de bronze. No dia 11 de abril, o chefe da Assessoria de Relações Públicas do Piratini, Lino Brum Filho, visitou a redação do semanário para a entrega da condecoração. Já em outubro, a homenagem partiu da Associação Brasileira de Jornais do Interior, em seu oitavo congresso, sediado em Niterói, no Rio de Janeiro.

Durante o evento, ocorrido entre os dias 26 e 29, *O Taquaryense* recebeu mais uma placa comemorativa, juntamente com os colegas gaúchos *Gazeta de Alegrete* e *Diário Popular* (este, editado em Pelotas, completaria 100 anos em 1990). Na ocasião, coube ao jornalista Luís Pauletti representar o semanário, cujas páginas destacariam no mês seguinte o retorno dos brasileiros às urnas, após o fim do regime militar, para a escolha do novo presidente da República, que seria Fernando Collor de Mello.

5.11 Amor ao ofício (1990-1999)

A hegemonia do jornalismo impresso gaúcho, desde a década de 1980, já não pertencia mais ao *Correio do Povo*, mas a *Zero Hora*, primeiro diário da região Sul a adotar a tecnologia offset, em 1969. A Rede Brasil Sul (RBS), em 1970, assumiu totalmente o controle da publicação, que passou por uma série de reformas no sentido de modernizar os métodos de gestão e adequar a linha editorial às novas condições do mercado local (RÜDIGER, 2003). Tal estratégia, somada à estagnação editorial e mercadológica do concorrente, alçou o veículo do Grupo RBS à condição de líder do mercado, posição que se consolidou nos anos 1990.

Na imprensa interiorana, a última década do século XX foi caracterizada pelo surgimento de novas tendências. A expansão dos periódicos maiores e a criação de novas fontes de informação forçaram os jornais do interior a rever suas concepções editoriais, havendo uma inclinação para o jornalismo comunitário. Em 27 de abril de 1992, foi fundada a Associação dos Diários do Interior. Ficava, segundo Rüdiger (2003), cada vez mais nítida a divisão das folhas interioranas.

De um lado, estavam aquelas publicações que buscavam sobreviver como empresas de informação; do outro, aquelas que sobreviviam enquanto simples

jornais, como exemplificavam as dezenas de pequenos semanários que circulavam no Rio Grande do Sul. Era o caso de *O Taquaryense*, que na época figurava entre os 14 veículos que ainda não haviam aderido ao sistema offset no Estado. A modernização, no caso do periódico de Taquari, chegou a estar em pauta:

Plínio Saraiva reconhece que o jornal é mantido pelo amor ao ofício, pois ele gasta entre 50 e 60% do seu ordenado de exator aposentado para cobrir as despesas do periódico. 'É um jornal deficitário, mas a tradição grita alto para que continuemos'. As palavras são endossadas pela filha Flávia Therezinha Saraiva Dias, que garante que vai se esforçar para assumir a função do pai quando este não puder mais. [...] Flávia Saraiva Dias disse que já conversou com o pai sobre a modernização da oficina, facilitando o trabalho, 'mas ele continua empurrando com a barriga'. No ano do centenário do jornal, a Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI) doou uma máquina de linotipia que ainda não foi transferida de Porto Alegre, pois há certo receio de que o trabalho com esse equipamento possa inviabilizar o jornal [...] (UMA HISTÓRIA..., 1993, p. 4).

Com a morte de Peri Saraiva, em 25 de outubro de 1990, após um curto período de enfermidade, o fechamento de *O Taquaryense* chegou a ser cogitado. Tipógrafo desde os 14 anos, tendo depois ocupado os postos de redator e diretor do jornal – funções que desempenhou paralelamente ao exercício de atividades públicas, como as de escrivão de polícia, delegado do Instituto de Previdência do Estado e secretário municipal –, Peri era um dos esteios do semanário. Além de diretor, atuava como chefe de redação. Em suas *Pílulas Urbanas* e, por último, em *Resenha*, exercitava o espírito crítico de um jornalista combativo e preocupado com a coletividade. *O Taquaryense*, entretanto, não saiu de cena. Manteve-o de pé seu outro pilar: Plínio Saraiva.

As dificuldades financeiras persistiam. Em 1989, as despesas haviam quintuplicado, na comparação com o ano anterior, ao mesmo tempo que o número de assinantes quitados mal atingira 40%. Por isso, as trimestralidades subiram mais uma vez em 1990, quando a moeda brasileira voltou a ser o cruzeiro. Em Taquari, o valor era Cr\$ 300,00 e, nos demais municípios, Cr\$ 400,00. No ano seguinte, em consequência do aumento salarial e da constante majoração da tarifa postal, impôs-se nova revisão na tabela de preços de publicidade e assinaturas. O trimestre passou a custar Cr\$ 500,00 na cidade e Cr\$ 700,00 por via postal.

Em 13 de março de 1991, o diretor Plínio Saraiva, acompanhado dos filhos Flávia Therezinha Saraiva Dias e José Carlos Alvim Saraiva, esteve em Porto

Alegre prestigiando a inauguração da Galeria dos Fundadores e Diretores de Jornais do Rio Grande do Sul, a convite do governo do Estado. A cerimônia ocorreu no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa. *O Taquaryense* figurava com destaque nos painéis ao lado de *A Federação*, *Gazeta de Alegrete*, *O Progresso*, *Diário Popular*, *Correio do Povo* e *Zero Hora*.

Outras homenagens marcaram o ano de 1991. Em 22 de junho, Lauro Pereira Guimarães, ex-procurador-geral de Justiça do Estado e colaborador do semanário, reverenciava a memória de Mário Saraiva em artigo alusivo ao centenário de seu nascimento. Terceiro filho de Albertino Saraiva, Mário fora o responsável por dar prosseguimento à obra do pai quando este faleceu, em 1928. Já em 14 de dezembro, foi a vez de Helena Santos da Silveira ser homenageada em jantar-baile, no Clube Félix da Cunha, em Júlio de Castilhos. No evento, organizado por Evandro Novak em comemoração ao centenário do município, a colunista social de *O Taquaryense* recebeu o troféu Destaque em Jornalismo.

As homenagens continuariam em 1993. Em 18 de abril, os 90 anos de Plínio Saraiva foram celebrados em almoço com a participação de figuras importantes do jornalismo gaúcho, no Grêmio Recreativo Alvinegro. O mestre de cerimônias foi Lauro Pereira Guimarães. Entre os presentes, estiveram Antônio Firmo Gonzales, presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa; Gerson Galvão Filho, presidente da Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul; Dante de Laitano, ex-presidente da Academia Rio-Grandense de Letras; Rui Rodrigo Brasileiro de Azambuja, ex-presidente do Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul; Jaime Copstein, comunicador da Rádio Gaúcha, e Lothar Hessel, membro da Academia Rio-Grandense de Letras. Compondo a mesa principal, estavam também Renato Batista dos Santos, prefeito de Taquari; Cláudio Brito, jornalista e promotor de Justiça, e Sílvio Brune, diretor-presidente da Rádio Popular e da *Folha Popular*, de Teutônia.

Entre 21 e 23 de maio daquele mesmo ano, teve lugar em Santo Ângelo o 31º Congresso da Associação dos Jornais do Interior do Rio Grande do Sul. No último dia do evento, o diretor de *O Taquaryense* foi homenageado pelo nonagésimo aniversário

com um troféu em reconhecimento a seu trabalho à frente do periódico, entregue ao jornalista Marcelo Miranda, que representava Taquari no evento.

Em 1993, o Brasil vivia o auge da hiperinflação, que alcançara 2.500%. Ocupava a Presidência da República Itamar Franco, que herdara de Fernando Collor, de quem era vice até este ser denunciado por corrupção e renunciar, um país cuja economia estava desgovernada. Em 1º de agosto, a unidade monetária brasileira passara a ser o cruzeiro real. *O Taquaryense* sofria os efeitos da crise:

O ano de 1993 tem corrido difícil para todos nós [...]. E, para esta folha, o mês de outubro foi simplesmente calamitoso; no balanço do caixa, verificou-se o déficit de CR\$ 114.600,00 devido à acanhada receita e à elevada despesa de CR\$ 208.848,87. Agora, em novembro, a despesa – até a data presente – está na casa de CR\$ 88.817,49 e a receita, lá embaixo: CR\$ 22.708,77 (DIFÍCIL..., 1993, p. 1).

A cobrança das assinaturas, em 1994, passou a ser mensal. “Justifica-se: é que, impatrioticamente, a exemplo de nossos órgãos públicos – sem exceção –, todos estão interessados na manutenção, 'pelas nuvens', da decantada inflação” (REVERSÃO..., 1994, p. 1). Tornava-se impossível qualquer tabelamento de preços. A cada dia, uma nova alta. O custo das mensalidades ficava em CR\$ 200,00 e CR\$ 300,00, respectivamente, para Taquari e para as demais cidades.

Com o intuito de ajudar o semanário diante das dificuldades que enfrentava, Rui Rodrigo Brasileiro de Azambuja, conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional do Rio Grande do Sul, falecido no ano subsequente, e Salvador Horácio Vizzotto, membro do Tribunal de Justiça do Estado, remeteram dois cheques de CR\$ 50.000,00 ao diretor Plínio Saraiva.

Em 3 de outubro, Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente da República. Desde 1º de julho, a moeda corrente oficial do Brasil era o real, implantado durante o mandato de Itamar Franco, estabilizando a economia. As mensalidades custavam agora R\$ 1,00 e, por via postal, R\$ 1,50.

No final de 1994, *O Taquaryense* foi visitado por Júlio Ribeiro e Cristiane Ostermann, repórteres da Rádio Bandeirantes de Porto Alegre; ela, filha do também jornalista gaúcho Ruy Carlos Ostermann e integrante do Grupo Mídia 1 Comunicações. Em 14 de dezembro, a dupla esteve em Taquari para entrevistar

Plínio Saraiva. Dessa entrevista, nasceu a reportagem “Um velho homem de imprensa”, escrita por Júlio e publicada em abril de 1995 na recém-surgida *Radar*, revista mensal que era editada na capital paulista.

Com fotos de Leonid Streliaev, a matéria detalhava a rotina do nonagenário diretor do periódico, que, a despeito da idade, fazia questão de entregar de porta em porta, toda semana, parte dos exemplares. “Sua receita para tamanha disposição é um tomar um cálice de 'elixir da longa vida' no almoço e outro no jantar – um vinho tinto de garrafão – e namorar bastante” (UM VELHO..., 1995, p. 35-36). Na reportagem, figuravam também a colunista Helena Santos da Silveira e a redatora Núbia Costa Saraiva, que se unira à equipe de colaboradores do semanário após a morte do marido, Peri Saraiva.

Em 27 de maio de 1995, o diretor voltou a tarjar de preto a primeira página de *O Taquaryense* para registrar o falecimento de um irmão – em 1991, despedira-se de Clélia; agora, de Nilo, ex-tipógrafo e agente do jornal. E, a dois dias de completar 108 anos, o periódico noticiou a morte de outro membro da família e antigo colaborador: Hélio Saraiva, filho de Mário, ex-gerente da publicação.

Aquele também foi o ano da despedida de Harry Brito Dias, genro de Plínio Saraiva. Redator do semanário desde 1962, Harry morreu em setembro, mês no qual Núbia Costa Saraiva ingressou oficialmente no corpo redatorial de *O Taquaryense* e o filho Antônio Costa Saraiva passou a ser agente do jornal em Porto Alegre. Por sua vez, José Harry Saraiva Dias assumiu como gerente e Jaime Alfeu Kerber, como gráfico-impressor.

Liderada pela jornalista Cristiane Finger, a equipe do SBT de Porto Alegre esteve em Taquari, no dia 13 de dezembro de 1995, para gravar uma matéria sobre *O Taquaryense*, captando imagens em suas oficinas e no museu Casa Costa e Silva, que desde 1990 abrigava o prelo em que o semanário fora impresso inicialmente. Um ano depois, em 11 de dezembro de 1996, foi a vez de a TV Bandeirantes deslocar sua reportagem da capital do Estado até o município, para ver de perto aquilo que vinha despertando a curiosidade e a admiração dos jovens profissionais da imprensa falada e escrita, como registrou a redatora Núbia Costa

Saraiva, entrevistada na ocasião juntamente com o diretor Plínio Saraiva e a colunista Helena Santos da Silveira.

Em 9 de abril de 1997, completava 100 anos Olívia Saraiva, irmã do diretor. A data especial foi destacada na capa da edição que circulou três dias depois. Naquele ano, Davi Saraiva Schaffer reforçaria o time de redatores de *O Taquaryense*, ao passo que Núbia Costa Saraiva o deixaria, permanecendo, todavia, como colaboradora.

As visitas à redação continuavam. Em 19 de setembro, a caminho de Encantado, a jornalista Maria do Carmo, que se mobilizava pela reeleição como deputada estadual, parou em Taquari para uma rápida passada pelo periódico, sendo recebida com coquetel. Dois meses mais tarde, em 14 de novembro, o visitante da vez foi Paulo Antônio Fogaça de Medeiros, então produtor do “Jornal da Globo”, de São Paulo.

O ano que fecharia a década seria marcado pela morte da titular de *Sociais em Destaque*, coluna que aparecera pela primeira vez nas páginas de *O Taquaryense* em 26 de janeiro de 1963, com a assinatura de Helena Santos da Silveira. A professora nascida em Bagé e radicada em Taquari desde 1946 – conhecida popularmente como “Tia Helena” – faleceu em 8 de maio de 1999, aos 79 anos, deixando incompleta sua última coluna, que, mesmo assim, foi publicada.

A primeira página da edição de 15 de maio trouxe seu necrológio. Coubera àquela que a sucederia escrevê-lo, a também professora Maria Ermi Bastos Praia. Colaboradora esporádica desde 1986, Maria Ermi estreou em 12 de junho daquele ano a coluna *Noticiando*, na última página, passando a integrar também o corpo de redatores. Desde 27 de março, *O Taquaryense* tinha como chefe das oficinas João da Rosa Rodrigues, que nele ingressara como aprendiz de tipógrafo em 1992.

5.12 De pai para filha (2000-2009)

A chegada do computador, nos anos 1980, eliminara das redações a papelada e o barulho excessivos. Na década seguinte, com a proliferação da

internet, o substituto das máquinas de escrever tornara possível o “acesso rápido e silencioso às mais variadas fontes de informação” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 250). Não obstante, a virada do milênio se avizinhava e o segundo jornal mais antigo do Rio Grande do Sul continuava a ser montado artesanalmente e rodado na impressora adquirida do *Correio do Povo* em 1910.

Em princípios de 2000, *Zero Hora* enviou até as oficinas de *O Taquaryense* o repórter Thiago Copetti e o fotógrafo César Machado para uma entrevista com o diretor do periódico, que seguia deficitário. Plínio Saraiva, no ano anterior, gastara mais de R\$ 4 mil de sua aposentadoria como ex-funcionário da Exatoria Pública do Estado para mantê-lo com uma tiragem de 540 exemplares – 130 deles distribuídos como cortesia – e assinaturas a R\$ 3,00 por mês.

Daquela entrevista resultou a reportagem publicada pelo diário porto-alegrense na página 31 da edição dominical de 5 de março de 2000, sob o título “Impresso à moda antiga”, com direito a uma chamada na contracapa que trazia a imagem da tipografia com Plínio Saraiva no centro. Em abril, foi a vez de o *Jornal ANJ*, órgão oficial da Associação Nacional de Jornais, editado em Brasília, entrevistar o diretor de *O Taquaryense*, publicando na página 22 de seu número mensal a matéria intitulada “Composição manual ainda em uso no Sul” e ilustrada com fotos de Plínio e da impressora do semanário.

Ainda em abril, o Rotary Club de Taquari instituiu um prêmio destinado a homenagear pessoas e empresas com atuação destacada no município. Na primeira edição, o Troféu Destaque Comunitário foi para aquele que passaria a emprestar seu nome ao evento anual: Plínio Saraiva.

Em outubro daquele ano, *O Taquaryense* figurava na galeria especial de jornais brasileiros centenários, em exposição paralela ao 5º Encontro Latino-Americano de Escolas de Comunicação Social, a qual integrava o projeto “Imprensa de Língua Portuguesa: Cinturão Cultural ao redor do Mundo”, da Universidade de Taubaté. O semanário, também em 2000, fora objeto de pesquisa das jornalistas Cristiane Barbosa Saraiva e Luciana Saraiva Baptista, que, por solicitação do Instituto Cultural Português, presidido por Santa Inêze Domingues da Rocha, elaboraram um trabalho a respeito do periódico, sintetizando seus 113

anos em 42 páginas, com transcrições de textos históricos e fotos de passagens e figuras importantes que marcaram a existência da publicação. As páginas de *O Taquaryense* registraram, ainda naquele ano, o falecimento de Dante de Laitano e Sofia da Costa e Silva.

Ao raiar do século XXI, estava em pauta a comemoração dos 114 anos do semanário. À frente dos preparativos, achava-se o jornalista Vasco Pinto de Azevedo Neto. Uma intensa divulgação do evento programado para 31 de julho de 2001 motivou o deslocamento de diversos veículos da imprensa gaúcha até Taquari. No dia 4 daquele mês, sob a coordenação de Nilton Schüller, a TVE realizou filmagens na sede de *O Taquaryense*. Já no dia 25, o SBT esteve nas oficinas do periódico com a repórter Caroline Mello e o cinegrafista Sérgio Costa para entrevistar Plínio Saraiva e Núbia Costa Saraiva, além do organizador da festa.

Também deram cobertura ao evento *Zero Hora*, *Correio do Povo*, *Jornal NH*, os semanários locais *O Açoriano* e *O Fato Novo* (recém-fundado), as rádios FM Cultura e Açoriana e as TVs Guaíba e Bandeirantes, através dos programas *Guerrilheiros da Notícia* e *Fogo de Chão*. O aniversariante recebeu, ainda, a visita da TVCOM, para a gravação de uma matéria conduzida pela repórter Merlise Brenol, acompanhada dos cinegrafistas Clóvis Maciel e Felipe Silveira.

Na noite do dia 31, no Renascença Taquari Tênis Clube, teve lugar a festa dos 114 anos. Compuseram a mesa principal Eraci Rocha, diretor do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore e ex-tipógrafo de *O Taquaryense*; Santa Inêze Domingues da Rocha, presidente do Instituto Cultural Português; Benigno Rocha, diretor da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI); José Carlos Torves, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul (que, junto com a ARI, conferiu a Plínio Saraiva o título de jornalista emérito, gravado em placa), e Jorge Chaves, membro da Associação dos Jornais do Interior do Estado.

Igualmente, tomou assento à mesa principal, entre outras autoridades locais, o prefeito de Taquari, Cláudio Martins. Representando a música gaúcha, ao lado de Eraci, estiveram presentes os cantores Telmo de Lima Freitas e Marlene Pastro. O mestre de cerimônias foi Antônio Moacyr de Azevedo, pai de

Vasco Pinto de Azevedo Neto, que em 18 de agosto passou a ser também redator de *O Taquaryense*.

Em 1º de setembro de 2001, Maria Ermi Bastos Praia deixou o corpo redatorial e, em seu lugar, entrou Danilo Lux, que retornava após 22 anos afastado das páginas do periódico, do qual também voltava a ser colunista. No topo da última página, já na semana seguinte, lia-se novamente o título *Sociais em Destaque*, resgatado por Danilo em homenagem à amiga e antiga titular do espaço, Helena Santos da Silveira. Ganhou destaque, na coluna do dia 15, “a espetacular tragédia ocorrida na maior cidade do mundo” (SOCIAIS..., 2001, p. 4), uma referência ao ataque ao World Trade Center, ocorrido em 11 de setembro, nos Estados Unidos.

O ano subsequente marcaria o início das tratativas entre *O Taquaryense* e a Universidade do Vale do Taquari (Univates), de Lajeado, referentes a um projeto que culminaria com a inauguração, em 2005, do Museu Vivo de Comunicação. Estiveram no jornal, em 10 de janeiro de 2002, Elizete de Azevedo Kreutz, Leonel José de Oliveira e Sérgio Rosa, professores daquela instituição de ensino. Durante a visita, discutiram-se tentativas possíveis de uma melhor preservação do acervo do jornal.

Um convênio de mútua colaboração foi firmado com a Univates durante as festividades dos 115 anos de *O Taquaryense*. Caberia à universidade obter recursos para garantir a manutenção do semanário. Este seria transformado em entidade sem fins lucrativos, ficando seu acervo fraqueado à comunidade acadêmica para a realização de pesquisas. A instituição de ensino também se comprometia a fazer a microfilmagem e a digitalização do acervo, bem como adquirir novas fontes tipográficas e restaurar tanto o mobiliário quanto o prédio. Na assinatura do acordo, a Univates esteve representada pelos professores Elizete de Azevedo Kreutz e Paulo Steiner; o jornal, pelo diretor Plínio Saraiva, acompanhado dos dois filhos, José Carlos Alvim Saraiva e Flávia Therezinha Saraiva Dias, revisora do periódico.

O ano de 2002 chegava ao fim e, com ele, despedia-se Núbia Costa Saraiva, falecida em 19 de dezembro. “A lacuna que sua falta abre neste jornal

será difícil de ser preenchida, mas sua memória nos servirá de estímulo para que continuemos sua caminhada" (PROFESSORA..., 2002, p. 1). Em janeiro do ano seguinte, *O Taquaryense* ganhou uma página na internet. O site, idealizado por Mateus Hassen de Jesus, disponibilizava aos internautas, no endereço www.otaquaryense.taquari.com, informações e imagens do semanário. Ainda naquele mês, foi aprovado o Projeto Cultural O Taquaryense, elaborado pelo curso de Comunicação Social da Univates e concluído em fins de 2002.

Já em abril, os holofotes estiveram todos voltados para Plínio Saraiva. O diretor completou 100 anos no dia 1º, quando, em frente à sede do periódico, uma homenagem lhe foi prestada, com a organização do redator e colunista Danilo Lux e o apoio de diversos segmentos da sociedade. Houve apresentações de escolas e da Banda Marcial de Taquari, cuja estreia ocorrera justamente nas dependências do jornal, em 1987, ao ensejo de seu centenário. Além de familiares e amigos do aniversariante, estiveram presentes várias autoridades, entre as quais o prefeito Cláudio Martins. Plínio manteve-se de pé, durante todo o tempo, ao lado do amigo e colaborador Francisco Lothar Hessel.

Foto 13 – Homenagem a Plínio Saraiva pela passagem de seu centenário



Fonte: Acervo de *O Taquaryense*.

Reunindo cerca de 300 pessoas, realizou-se em 5 de abril, no Renascença Taquari Tênis Clube, um almoço comemorativo ao centenário de

Plínio Saraiva. Na oportunidade, o diretor do semanário recebeu mais homenagens. O amigo Lauro Pereira Guimarães, ex-procurador-geral de Justiça e colaborador de longa data do periódico, falou em nome da comunidade taquariense. Seguiu-se com a palavra o prefeito Cláudio Martins, que ofereceu a Plínio uma placa alusiva à data especial. Depois, discursou o jornalista Antônio Carlos Porto, conselheiro da Associação Rio-Grandense de Imprensa. Em nome do homenageado, falou o filho José Carlos Alvim Saraiva, seguido pelo vice-reitor da Univates, Roque Danilo Bersch.

O almoço esteve a cargo da Sociedade Carnavalesca Irmãos da Opa, que aproveitou a ocasião para lançar o enredo do Carnaval de 2004: “A Opa apresenta: orgulho, tradição! O Taquaryense, uma história de paixão!”. Pelo aniversário, Plínio Saraiva também recebeu as felicitações do governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, que destacava em mensagem a importância do trabalho de Saraiva à frente do jornal fundado pelo pai.

No dia 4 de outubro, a Certaja e a Certel eram anunciadas como patrocinadoras da obra de preservação e recuperação do acervo de *O Taquaryense*, por meio da Lei dos Incentivos Culturais, da Secretaria Estadual de Cultura. Já em 8 de novembro, a coluna *Sociais em Destaque* passava a se chamar *Variedades*, dando lugar, no ano seguinte, a *Crônicas e Notícias*. Danilo Lux saíria da equipe redatorial um ano depois, vindo a falecer no dia 12 de abril de 2006, em Porto Alegre.

Em março de 2004, após o desfile em homenagem a *O Taquaryense* ocorrido em fevereiro ao longo da Rua Sete de Setembro, a capa do semanário estampava um clichê do abre-alas da escola de samba Irmãos da Opa, juntamente com uma mensagem que preenchia a página inteira, terminando com a tradicional saudação de Plínio Saraiva à terra natal, “Viva Taquari!”, e um especial “Viva a Opa!”:

Foram momentos de alegria e de júbilo que muito nos comoveram e fizeram lembrar a trajetória e o trabalho sério e comprometido de nossa família e de nossos colaboradores, a partir do ideal e da dedicação de Albertino Saraiva, para que *O Taquaryense* se tornasse realidade e perpetuasse, através de suas páginas, a história de um povo (MUITO..., 2004, p. 1).

Foto 14 – Abre-alas da escola de samba Irmãos da Opa no Carnaval de 2004



Fonte: Acervo de O Taquaryense.

Aos 101 anos – longevidade superada na família somente pela irmã Olívia Saraiva, falecida em 2002 aos 105 anos –, o decano do jornalismo rio-grandense morreu em 9 de agosto de 2004. Precisamente às 14h15 daquela segunda-feira, em Taquari, após breve internação no Hospital São José provocada por uma isquemia, Plínio Saraiva encerrava sua missão, passando o bastão para a filha Flávia Therezinha Saraiva Dias, a “colaboradora anônima”.

Foto 15 – Necrológio de Plínio Saraiva



Fonte: Acervo de O Taquaryense.

Entregador do jornal na infância e tipógrafo da juventude à vida adulta, Plínio assumiu a direção de *O Taquaryense* em 1956, quando exercia paralelamente a função de gerente, pela qual se tornara responsável em 1947. Nomeado escrivão em 1927, aposentou-se no cargo em 1959. A partir de 1990, com a morte de Peri Saraiva, a direção esteve inteiramente a seu cargo.

Em fevereiro de 2005, quando entraram em férias os tipógrafos Jaime Alfeu Kerber e João da Rosa Rodrigues, houve uma série de reformas na sede de *O Taquaryense*, que desde dezembro de 2004 já contava com novo material tipográfico. Os móveis antigos foram substituídos por réplicas, e o madeiramento do assoalho, trocado. O teto e o mezanino também receberam atenção.

Tudo para que, em 16 de abril, fosse inaugurado o Museu Vivo de Comunicação, como passava a denominar-se o semanário. A solenidade aconteceu dentro da programação do 3º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Organizado pela Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, em parceria com a Univates, o evento tinha como tema “Preservando a memória da imprensa e construindo a história da mídia no Brasil”.

Antes do ato inaugural, foi apresentado no teatro São João um documentário de 26 minutos sobre a história de *O Taquaryense* e a vida de Plínio Saraiva, com imagens captadas no início de 2003 e depoimentos de colaboradores do jornal e familiares do ex-diretor. Em seguida, todos se dirigiram até as oficinas do periódico para a inauguração.

Na cerimônia, fizeram-se presentes a diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias e o irmão José Carlos Alvim Saraiva; Ney José Lazzari, reitor da Univates; Luís Humberto Marcos, diretor do Museu Nacional da Imprensa, de Portugal, entidade parceira da instituição de ensino no projeto; José Marques de Melo, presidente da Rede Alfredo de Carvalho, e Paula Puhl, coordenadora do curso de Comunicação Social da Feevale. À sede de *O Taquaryense*, após 15 anos em exposição no museu Casa Costa e Silva, retornava o prelo no qual o semanário fora impresso de 1887 a 1910.

A parceria, no entanto, durou pouco tempo. Em 16 de dezembro de 2006, *O Taquaryense* comunicava a decisão da Univates de rescindir o protocolo de

intenções firmado em 10 de agosto de 2002, pelo qual a instituição de ensino aportava recursos materiais necessários à manutenção e à revitalização do jornal. Lia-se na primeira página:

Sem pretender, aqui e agora, discutir as razões que teriam levado a tal decisão, a direção de *O Taquaryense* vem manifestar de público sua extrema preocupação com as graves consequências que a extinção desta parceria acarretará a sua manutenção, sem tempo hábil para a retomada eficaz do comando administrativo-financeiro e a busca de outras fontes de sustentação econômica a esta folha – sabidamente voltada ao serviço da comunidade taquariense, sem aspirar a resultados materiais ou dividendos políticos (COMUNICADO, 2006, p. 1).

Assim, sob a liderança de Lauro Pereira Guimarães, iniciava-se uma forte mobilização em prol do jornal, cuja circulação seria interrompida ao término daquele ano. Foi criado o Comitê Pró-Revitalização, à frente do qual estava Lauro, coluna vertebral da ação. Integravam-no Flávia Therezinha Saraiva Dias, Davi Saraiva Schaffer, Luiz Fernando Vilanova Alvim, Wanda Saraiva Kern, Luzia Regina Pereira Herrmann, Vera Maria Lopes Pinho e Renato de Souza Bender.

O Taquaryense voltou a ser impresso em 28 de julho de 2007, quando “os aplausos e as lágrimas misturavam-se ao barulho da velha máquina, numa sinfonia de alegria e saudade” (EDITORIAL, 2007, p. 1). A edição que marcou o retorno contou com texto da governadora do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, no qual ela se associava às comemorações do 120º aniversário do jornal. As assinaturas passavam a ser semestrais, ao custo de R\$ 30,00 em Taquari e R\$ 45,00 nos demais municípios. O semanário continuava sob a direção de Flávia Therezinha Saraiva Dias, tendo como jornalista responsável Suzana Hartmann Guimarães.

Na última página, surgiam a coluna *Noticiando* e a seção *Perfil*, a cargo de Maria Ermi Bastos Praia, que voltava a colaborar, integrando também o Comitê Pró-Revitalização. O ano seguinte marcaria o retorno de outro antigo articulista. Redator de *O Taquaryense* na década de 1960, José Marino Gregory estreou, em 26 de janeiro de 2008, a coluna *De Comune*.

Em abril do mesmo ano, a Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas, por intermédio de seu presidente, Jorge Drumm, doou três armários com fontes tipográficas ao jornal, transformado no mês anterior em entidade civil de fins não econômicos. Também em abril, no dia 19, a diretora Flávia Therezinha Saraiva

Dias recebeu das mãos de Fernando Malheiros e Fernando Malheiros Filho, advogados e colaboradores da folha, a doação de um computador para *O Taquaryense*. A modernidade chegava à tipografia.

Ainda em 2008, o periódico foi homenageado pela Associação Rio-Grandense de Imprensa e pelo Grande Oriente do Rio Grande do Sul, em cuja sede teve lugar, em 3 de junho, um ato solene alusivo ao Dia da Imprensa. O *Taquaryense* e *Gazeta de Alegrete*, os dois jornais mais antigos do Estado, receberam o troféu Brasão Imprensa Livre, criado no bicentenário do *Correio Brasiliense*, em homenagem a seu fundador, Hipólito da Costa. Representando o semanário, Maria Ermi Bastos Praia participou da cerimônia.

Em 2009, Lauro Pereira Guimarães precisou se afastar da presidência do Comitê Pró-Revitalização para ser submetido, em abril, a uma cirurgia cardíaca, retomando os trabalhos no ano seguinte.

5.13 Patrimônio histórico e cultural (2010-2018)

Em 31 de outubro de 2010, chegava à Presidência da República, eleita em segundo turno com 55,7 milhões de votos, Dilma Rousseff, a primeira mulher a ocupar o cargo. O *Taquaryense* circularia na véspera do pleito, mas um imprevisto na impressora Marinoni impediu. “Um dente no trilho quebrou e, por ser 'um pouco antiga', o conserto de seu mecanismo torna-se difícil. Difícil, mas não impossível” (VELHA..., 2010, p. 1), explicou a direção no número que foi às ruas em 6 de novembro, quando a manchete informava: “Jornal *O Taquaryense* é patrimônio cultural”. A referência era à assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta entre o Ministério Público Estadual, o município de Taquari e a família Saraiva, em que o prefeito Ivo dos Santos Lautert assumia o compromisso de dar o encaminhamento necessário para tomba o periódico, o que não se efetivou (SOARES, 2013).

O ato ocorreu na manhã de 26 de outubro, na sede do semanário, com a presença do promotor de Justiça Júlio Almeida, coordenador do Centro de Apoio Operacional de Defesa do Meio Ambiente do MP; da promotora pública da Comarca de Taquari, Andrea Almeida Barros, autora do inquérito; da diretora de *O Taquaryense*, Flávia Therezinha Saraiva Dias; de funcionários e de

colaboradores. Três anos depois, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado tombaria o acervo de edições e os bens móveis relacionados ao processo produtivo do jornal.

Foto 16 – Assinatura do Termo de Ajustamento de Conduta para o tombamento de *O Taquaryense*



Fonte: Ministério Público do Rio Grande do Sul (2010).

No final de 2010, a impressora Marinoni voltou a parar. Agora, devido a um problema em sua engrenagem de acionamento. *O Taquaryense* apareceu pela última vez naquele ano em 11 de dezembro, retornando apenas em 22 de janeiro de 2011, graças ao trabalho da empresa VL Usinagens, de Álvaro Luís Moreira. A antiga máquina do *Correio do Povo*, somente em 2011, impossibilitou a circulação do semanário em quatro oportunidades: uma em abril, outra em maio e duas em julho, tendo quebrado, por último, seu eixo principal.

Ainda em 2011, o jornal foi tema de reportagem publicada em junho pela revista *Expansão*, de Novo Hamburgo. A matéria, escrita por Vera Fernandes e intitulada “O vovô da imprensa”, nascera de uma visita feita pela jornalista a *O Taquaryense* em 15 de abril, com o objetivo de conhecer a história do periódico e o sistema de produção mantido desde sua fundação.

Em 2012, Davi Saraiva Schaffer deixou o corpo de redatores do jornal, lançando, em 29 de junho, o livro *Crônicas*. Com prefácio de Maria Ermi Bastos Praia, a obra constava de uma coletânea de textos publicados em *O Taquaryense*

e *O Açoriano*, semanário local em que assinava a coluna *Segunda Persona*, além de crônicas inéditas.

Ainda naquele ano, a Marinoni, que entre janeiro e março tornara a parar, fez com que visitassem as oficinas do periódico, em 21 de novembro, o jornalista João Baptista, diretor de *O Progresso*, de Montenegro, e os técnicos mecânicos Rafael Hoffmann e Everton Wey, da Prodromus Automação, empresa de São Sebastião do Caí. Os viajantes tinham por finalidade observar a impressora em funcionamento, pois planejavam recolocar em operação a máquina (também uma Marinoni) em que por longos anos fora rodado *O Progresso*.

Chega-se a 2013 e, então, passo a escrever em primeira pessoa. Desde o começo de 2012, mais precisamente 21 de janeiro, assinava a coluna *Conexão Esportiva*, que mais tarde virou *Fora das 4 Linhas* e, por fim, *Resenha Esportiva*. Estava no último ano do ensino médio, quando fui convidado pela diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias, minha avó, para colaborar em *O Taquaryense*. Com apenas 16 anos, ainda indeciso entre o Direito e o Jornalismo, topei o convite e, em pouco tempo, já não tinha mais dúvidas: minha vocação era ser jornalista. Foi em 2013, todavia, que comecei a participar mais intensamente da vida do periódico. Até então, limitava-me aos assuntos esportivos. Ingressei no corpo redatorial do semanário naquele ano, marcado pela perda de Lauro Pereira Guimarães:

Taquari amanheceu tristonho e vestiu-se de pesado luto, em 18 de janeiro. Na capital, aos 84 anos, faleceu Lauro Pereira Guimarães, ilustre taquariense. [...] Apesar de sua extensa agenda – possuiu, até o final, em Porto Alegre, escritório de advocacia –, era constante seu envolvimento com Taquari. No projeto para revitalização do jornal *O Taquaryense*, foi peça essencial, liderando um grupo de taquarienses no movimento pró-revitalização do jornal [...] (LAURO..., 2013, p. 1).

Em maio de 2013, as páginas de *O Taquaryense* registraram o centenário de Francisco Pereira Rodrigues, seu mais antigo assinante. Articulista do *Correio do Povo* entre 1937 e 1988, tendo lançado em 2011 o livro *O Correio do Povo e Eu*, era também colaborador do semanário.

Já em 2014, o projeto “Jornalismo à moda antiga na internet: um resgate da história e da memória do jornal *O Taquaryense*”, idealizado por Cristiane Lautert Soares e Juliana Bencke, graduandas em Jornalismo da Universidade de Santa

Cruz do Sul, e por Hélio Afonso Etges, mestre em Comunicação Social, resultou na criação de um site para a publicação, com o intuito de “resgatar a história e a memória do periódico e disponibilizá-las em um site: otaquaryense.tk” (ETGES; SOARES; BENCKE, 2014, p. 2).

Naquele início de ano, Taquari foi homenageado no Carnaval de Porto Alegre pela escola de samba Império da Zona Norte. A agremiação levou a história do município para a avenida, dedicando seu abre-alas a *O Taquaryense*. Nele, trazia uma réplica da impressora Marinoni e um telão que projetava a capa do número confeccionado especialmente para a ocasião. O tipógrafo João da Rosa Rodrigues, a quem estava confiada a chefia técnica do jornal desde 2008, voltou mais cedo das férias em fevereiro para montar e imprimir as duas páginas daquela edição especial, distribuída ao longo do desfile, contendo a letra do samba e a sinopse do enredo.

Ainda em 2014, as páginas de *O Taquaryense* repercutiram a goleada por 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil na Copa do Mundo que se realizava no país:

Ver a Seleção sofrer o vexame histórico diante dos alemães, manchando uma história tão luminosa e destruindo da maneira mais triste possível o sonho do hexacampeonato, foi seguramente doloroso para o torcedor brasileiro. Assim como a ferida de 1950, que passados 64 anos permanece aberta, a derrota inesperada do dia 8 de julho de 2014 talvez demore a cicatrizar (APRENDAMOS..., 2014, p. 1).

O relatório final da Comissão Nacional da Verdade, apontando responsáveis diretos ou indiretos pela prática de tortura e assassinatos durante a ditadura militar, chegou às mãos da presidente reeleita Dilma Rousseff em 10 de dezembro de 2014. Seis dias depois, por determinação do prefeito de Taquari, Emanuel Hassen de Jesus, uma retroescavadeira derrubava o busto de Artur da Costa e Silva na Lagoa Armênia, “em virtude da comprovação [...] das atrocidades cometidas pelo ex-presidente durante o regime militar” (HISTÓRIA..., 2014, p. 1). Em nota, o semanário se manifestava sobre o fato, noticiado pela imprensa de todo o país:

O Taquaryense participou ativamente da campanha para a construção do monumento em 1976, divulgando, semanalmente, o nome de cada pessoa que se irmanava à homenagem a Artur da Costa e Silva. Fiel aos princípios norteadores da caminhada de Albertino Saraiva, que sempre primou pela verdade e pela imparcialidade em tudo o que publicava nas despretensiosas páginas de *O Taquaryense*, o jornal registra, hoje,

honrando o ideal de seu fundador, um novo episódio da história dessa homenagem (NOTA..., 2014, p. 1).

Através de mensagens enviadas ao jornal e publicadas nas edições que se seguiram ao episódio, leitores expressavam, em sua maioria, contrariedade à decisão do chefe do Executivo. Em 31 de janeiro de 2015, Antônio Gonçalves Meira, membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, repudiava em carta aberta a derrubada do busto.

Passada a polêmica, realizou-se em Gramado, entre 10 e 12 de junho, o 20º Festival Mundial de Publicidade, promovido pela Associação Latino-Americana de Agências de Publicidade. O *Taquaryense*, representado pela diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias e pela redatora Maria Ermi Bastos Praia, participou da Exposição de Jornais Centenários Latino-Americanos, que fazia parte da programação do evento. Além disso, foi distinguido com o Mérito Publicitário Latino-Americano.

Em julho, o semanário completaria 128 anos. Na pauta, estava uma reforma gráfica e editorial. A proposta de aperfeiçoar o visual e o conteúdo de O *Taquaryense* foi discutida em reunião na residência da diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias. Estivemos ali eu, a redatora Maria Ermi Bastos Praia, a colaboradora Luzia Regina Pereira Herrmann e o tipógrafo João da Rosa Rodrigues tratando, juntamente com a diretora, das mudanças que seriam estreadas em 1º de agosto.

Entre essas mudanças, estavam novas colunas, como *Umas e Outras...* e *Educação em Foco*, a cargo, respectivamente, de Maria Ermi e Luzia. *Opinião* e *Saúde* eram outros espaços que surgiam, destinados à contribuição de articulistas. A seção *Perfil* e as colunas religiosas, por sua vez, eram mantidas, enquanto *Noticiando* e *Remexendo o Passado* retornavam às páginas do periódico. O *Taquaryense* mudava sem perder a essência, conforme seu editorial:

Um dia após completar mais um ano de existência, O *Taquaryense* estreia sua reforma gráfica e editorial. O jornal com o qual o leitor se depara apresenta uma roupagem diferenciada e assuntos mais diversificados, voltados especialmente para Taquari. [...] O propósito da reforma não é outro senão levar até o leitor um jornal ainda mais completo e atrativo, que cumpra seu papel de informar com independência, apartidarismo e espírito crítico, fundamentos que sempre pautaram a conduta de O *Taquaryense* (MUDANDO..., 2015, p. 1).

O formato era praticamente o mesmo adotado em 1962 (tabloide), com um aumento de meio centímetro nas quatro páginas (28,5 por 41 cm), divididas em três colunas, padrão mantido desde 1968. A principal novidade residia na diagramação. Unificamos as fontes dos títulos das matérias, sem serifa, visando a uma uniformização. De igual forma, elaboramos um manual de redação, com vistas a normatizar os textos, que continuavam a ser compostos com a fonte Antiga Oficial, serifada, tamanho 10 (à exceção do editorial, que ganhava um espaço fixo na primeira página, sendo montado em corpo 12).

Modificamos, igualmente, tanto a linguagem quanto a estruturação das notícias, eliminando os adjetivos e as aferições subjetivas, em nome da objetividade. Além do mais, alteramos a data de circulação: em 12 de agosto, *O Taquaryense* começou a ser distribuído às quartas-feiras, e não mais aos sábados, como era desde 1895. As assinaturas subiam para R\$ 60,00 em Taquari e R\$ 100,00 nos demais municípios.

Em fevereiro de 2016, *Zero Hora* publicou em seu *Almanaque Gaúcho*, ocupado interinamente por Antônio Goulart, uma matéria sobre o “jornal que não muda de cara”:

Enquanto o mundo inteiro vive conectado de forma digital, um semanário do interior gaúcho, com mais de 100 anos, teima, por amor à tradição, em manter-se fiel ao primitivo sistema tipográfico, muito próximo daquele criado por Gutenberg, o 'pai da imprensa', em 1456. Estamos falando de *O Taquaryense*, fundado por Albertino Saraiva em 31 de julho de 1887. [...] O periódico, declarado patrimônio histórico do Rio Grande do Sul em 2013, passou recentemente por uma reforma gráfica e editorial, sem perder a forma (tamanho tabloide, quatro páginas) e a essência. Recebeu novos espaços e novos colaboradores. Tem hoje em torno de 300 assinantes, inclusive em outros Estados [...] (O JORNAL..., 2016, p. 44).

Os protestos contrários e favoráveis ao governo de Dilma Rousseff pululavam em todo o Brasil naquele início de ano. Em dezembro de 2015, a Câmara Federal acolhera o pedido de abertura do processo de impeachment contra a presidente da República. *O Taquaryense*, em 30 de março de 2016, comentava o ambiente de antagonismo vivido pelo país.

Em abril, os deputados autorizaram, por 367 votos a 137, a abertura do processo de impeachment e, em maio, os senadores mantiveram a decisão,

instaurando o processo. “Foram 55 votos a favor e 22 contra. [...] Doravante, caberá ao vice-presidente Michel Temer conduzir o país. Ainda que não tenha respaldo popular, seu governo é legítimo à luz da Constituição” (MUDANÇA..., 2016, p. 1).

O Brasil sediava os Jogos Olímpicos. No editorial de 10 de agosto, *O Taquaryense* exaltava a cerimônia de abertura e registrava as vaias endereçadas ao presidente interino da República, Michel Temer, que no dia 31 daquele mês assumiria definitivamente a chefia do Poder Executivo, com a decisão do Senado de destituir Dilma Rousseff, por 61 votos a 20. “Resta esperar que o novo governo enfrente os problemas que assolam o Brasil com a mesma energia empreendida para levar a cabo a cassação de Dilma” (TROCA..., 2016, p. 1). No ano seguinte, denúncias de corrupção atingiriam em cheio o mandatário brasileiro, levando *O Taquaryense* a defender sua renúncia.

Em 2017, assumi oficialmente a função de redator-chefe da publicação, posto que vinha exercendo desde 2015, quando da estreia do novo projeto gráfico e editorial. Na edição comemorativa a seus 130 anos, que foi às ruas em 2 de agosto, *O Taquaryense* apresentou mudanças em seu aspecto gráfico e um reforço em sua equipe de colaboradores. O radialista Valmor Pereira, que assinava uma coluna esportiva em *O Açoriano*, que encerrara sua circulação no ano anterior, aparecia na página 3 com *Na Cara do Gol*. Ali figurava também *Túnel do Tempo*, substituindo *Remexendo o Passado*. *Umas e Outras...*, de Maria Ermi Bastos Praia, e *Perfil* permaneciam na contracapa. “A nova cara velha de *O Taquaryense*” foi destaque no *Almanaque Gaúcho*, de Ricardo Chaves, em *Zero Hora*:

Fundado em 1887 por Albertino Saraiva e ainda produzido em tipografia, o jornal *O Taquaryense*, que completou 130 anos no último dia 31 de julho, é o segundo mais antigo do Estado (o primeiro é a *Gazeta de Alegrete*, que circula desde 1882). Uma edição comemorativa, que foi às ruas do município de Taquari na quarta-feira, 2 de agosto, recordou a longa caminhada do veículo, possivelmente o único ainda produzido por meio das técnicas tipográficas na América Latina. [...] A edição festiva também foi marcada pela estreia da reforma gráfica do jornal. Segundo o redator-chefe, Pedro Harry Dias Flores, o novo aspecto visual do semanário busca resgatar características do passado (A NOVA..., 2017, p. 44).

O resgate de características do passado consistia no retorno dos clichês e dos ornamentos, que tinham perdido espaço no projeto gráfico anterior, destinado a dar uma aparência mais limpa e moderna a *O Taquaryense*. Em lugar do uso padronizado, havia agora a utilização diversificada de fontes, como nas diagramações antigas, em que cada título era composto numa letra diferente.

Porém, o resgate não se limitou ao aspecto visual. Nos textos, também procuramos recuperar o estilo que, segundo Ribeiro (2003), imperou nos jornais brasileiros até a segunda metade do século XX, quando a técnica de escrita era muito próxima da literária, caracterizada pelo uso regular de adjetivos e advérbios, e os gêneros predominantes eram aqueles mais livres e opinativos.

Além de *Zero Hora*, os jornais *O Informativo do Vale* e *A Hora*, editados em Lajeado, registraram o aniversário de *O Taquaryense* e as mudanças executadas. O primeiro, na edição de 12 e 13 de agosto, dedicou ao jornal uma matéria que ocupou metade da página 16. Já o segundo entrevistou o impressor-gráfico João da Rosa Rodrigues, chefe das oficinas e funcionário do periódico taquariense desde 1992, deslocando até a redação do semanário a repórter Marieli Rosa da Silva. A entrevista, na qual o tipógrafo falava acerca de sua trajetória no jornal e da profissão quase extinta que exerce, foi divulgada na seção *Abre Aspas*, no mesmo fim de semana. Naquele ano, faleceu o antigo agente e colaborador de *O Taquaryense* José Carlos Alvim Saraiva, irmão da diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias.

Em 2018, com a finalidade de viabilizar melhorias nas instalações do periódico, foi lançada a campanha “Ajude o Vovô da Imprensa”. Assinantes e comunidade em geral eram convidados a colaborar. Com o sucesso da iniciativa, foi possível realizar a pintura de toda a sede durante o mês de maio, quando *O Taquaryense* parou por três semanas, retornando no dia 31:

Volta a circular, tendo ido às ruas pela última vez a 2 do corrente, este ancião da mídia impressa. [...] Aos inestimáveis assinantes, que por três semanas se viram privados da leitura de seu companheiro das quartas, o velho mourejador da comunicação se confessa profundamente grato pela compreensão e pela parceria no decorrer dos tempos. Também agradece cordialmente aos prezados anunciantes, cujo time ganhou reforços de peso. Obrigado! Muito obrigado! (O REGRESSO..., 2018, p. 1).

Foto17 – Frontispício da sede do semanário após a reforma em 2018



Fonte: Do autor (2018).

A edição que marcou o retorno de *O Taquaryense* trazia um agradecimento especial aos colaboradores da campanha, cujos nomes foram destacados na capa. Trazia, também, um jornal remodelado. Mantinham-se os 41 cm por 28,5 cm e as quatro páginas, divididas agora em cinco colunas. As fontes dos títulos foram modificadas, e o cabeçalho, repaginado. Além disso, na página 4, aparecia ao lado de *Umas e Outras...* uma nova coluna: *Painel Esportivo*, de Bruno de Azevedo, que assumira o posto deixado em março por Valmor Pereira.

Em 14 de junho, *O Taquaryense* começou a ser publicado às quintas-feiras, medida adotada pela direção com o objetivo de agilizar a distribuição dos exemplares – sob minha responsabilidade desde março, quando Edson Claiton Lopes deixou de ser o entregador do jornal, após 40 anos de serviços prestados. Um mês depois, as páginas do semanário registraram o lançamento da série *Nomes que Fizeram a Imprensa Gaúcha*, da revista *Press*, de Porto Alegre. O livro, em seu quarto volume, trazia a biografia de 10 jornalistas já falecidos com atuação marcante no Rio Grande do Sul; entre eles, Plínio Saraiva. A solenidade de lançamento

ocorreu no Palácio Piratini, em 18 de julho, com a presença da diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias, filha do biografado.

Os 131 anos de *O Taquaryense* foram comemorados no final daquele mês com edição especial. O semanário circulou com seis páginas no dia 31, uma terça-feira, estampando na capa a foto de seu fundador. Um fac-símile do primeiro número do jornal, clichês de momentos e figuras marcantes da história do periódico e textos alusivos à vida e à obra de Albertino Saraiva preencheram as seis páginas da edição festiva.

Hoje, a tiragem de *O Taquaryense* é de 300 exemplares, dos quais 177 são distribuídos em Taquari e 63 remetidos a outros municípios do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Norte e do Distrito Federal. Os demais exemplares ficam à disposição de assinantes e visitantes, não sendo comercializados em bancas. Localizado na Rua Sete de Setembro, 1849, em frente à Praça São José, o periódico funciona de segunda a sábado, das 9h às 12h e das 14h às 20h, tendo como único funcionário remunerado o tipógrafo João da Rosa Rodrigues.

A confecção do jornal obedece semanalmente à seguinte programação: na sexta-feira, ocorre a montagem das páginas internas, corrigidas, impressas e desmontadas no dia seguinte; já na segunda, tem início a composição da capa e da contracapa, estendendo-se até quarta, quando acontece a revisão; um dia depois, a Marinoni volta a operar e o jornal é impresso, dobrado e entregue aos assinantes locais e enviado por correio aos assinantes de fora.

Atualmente, *O Taquaryense* conta com 240 assinantes e 12 anunciantes fixos. Cada anúncio tem o preço de R\$ 50,00 mensais; as assinaturas, por sua vez, custam anualmente R\$ 60,00 em Taquari e R\$ 120,00 nos demais municípios. Daí provêm basicamente os recursos com os quais sobrevive o jornal, que permanece deficitário, tendo encerrado 2017 com um saldo negativo de aproximadamente R\$ 1.500,00. Para mantê-lo, a diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias, a exemplo do que fazia seu pai, arca com parte das despesas e, assim, conserva acesa a chama que, desde o longínquo ano de 1887, não se apaga, fazendo de *O Taquaryense* um caso singular na história da imprensa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mergulhar nos 131 anos de *O Taquaryense*, imergindo ao mesmo tempo no passado da imprensa e na própria história do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo, este trabalho se propôs a investigar o papel desempenhado pelo semanário dentro do periodismo político-partidário, o modo como se reinventou após o declínio desse regime no segundo quartel do século XX e a maneira como sobreviveu até os dias que correm, tendo passado pelas inúmeras transformações que marcaram o jornalismo ao longo de mais de um século.

Várias gerações de importantes escritores, como revelou esta pesquisa, frequentaram as páginas de *O Taquaryense*, nas quais muitos deles ensaiaram seus primeiros passos na literatura. A começar por Zeferino Brasil e seus companheiros de andanças em poesia e prosa, como Isolino Leal, Paulo Correia Lopes, Ernani Fornari, Atos Damasceno Ferreira, Augusto Meyer e Teodomiro Tostes. Depois, Dante de Laitano, Telmo Vergara, Damaso Rocha e Lothar Hessel.

Imperioso se faz lembrar também o nome de Otelo Rosa, que se iniciou nas lides jornalísticas pelas mãos de Albertino Saraiva para, mais tarde, ocupar a direção daquela que durante a imprensa político-partidária foi a principal publicação do Estado, *A Federação*, vinculada ao Partido Republicano. Sem esquecer, é claro, Sérgio de Gouveia, que, antes de chegar às páginas do *Correio do Povo* e deste se tornar diretor-secretário, ilustraria as colunas de *O Taquaryense*.

Caberia mencionar ainda um certo Raul D'Alva e suas apreciadas *Crônicas do Rio*. Era Artur da Costa Silva, futuro presidente da República,

deixando espalharem-se seus arroubos de jovem tenente nas páginas do semanário da terra natal. Sem falar em nomes consagrados da literatura brasileira, como Olavo Bilac, que durante largos anos atuou na imprensa, enviando seus textos a diversos jornais do país. *O Taquaryense* era um deles.

Em suma, a lista é extensa e só evidencia a relevância do periódico fundado em 31 de julho de 1887 por um jovem de 22 anos, cuja obra, após mais de uma centúria, permanece viva. Segundo jornal mais antigo em circulação no Rio Grande do Sul e sexto no Brasil, *O Taquaryense* se mantém fiel à tipografia. Em plena era digital, segue contando e fazendo história, letra por letra.

A comunidade de Taquari pode considerar-se privilegiada por ter um órgão de divulgação que mantém suas características de origem e sobrevive à avalanche de tecnologia dos dias atuais, o que motiva visitas frequentes de estudantes, jornalistas e outros interessados a suas oficinas.

Ao realizar o profundo resgate histórico a que se propôs, este trabalho atingiu, acredita-se, sua finalidade central: demonstrar a importância daquele que foi, sem exagero, um dos mais destacados jornais interioranos do Rio Grande do Sul na fase político-partidária. A contribuição de *O Taquaryense* para a imprensa foi e continua a ser, historicamente, preciosa.

Visitar sua tipografia é ver o passado se misturando com o presente. Consultar seu acervo é viajar no tempo e constatar o que esta pesquisa buscou retratar, oferecendo ao campo jornalístico um estudo inédito acerca da trajetória de um veículo singular da mídia impressa brasileira, o qual, infelizmente, é ignorado por aqueles que assinam os principais livros da área.

Assim, espera-se que este estudo, ao preencher tal lacuna, incentive a realização de futuras pesquisas que possam colaborar para a divulgação, a valorização e a preservação da história de *O Taquaryense*. Este é, também, um pontapé inicial para a elaboração de um livro que o pesquisador planeja dedicar ao “último moicano da tipografia”.

REFERÊNCIAS

- A FARSA de domingo passado. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 27 jun. 1936.
- A FEDERAÇÃO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 4 abr. 1925.
- A GRANDE cheia do Rio Taquari. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 10 mai. 1941.
- A INFLUENZA espanhola. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 23 nov. 1918.
- A NOVA cara velha de O Taquaryense. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44, 23 ago. 2017.
- A VITÓRIA de Canudos. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 16 out. 1897.
- A VOLTA do país ao regime legal. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 21 jul. 1934.
- ALBERT, P.; TERROU, F. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ALBERTINO Saraiva. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 18 fev. 1928.
- AO PÚBLICO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 3 jan. 1909.
- AO PÚBLICO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 5 fev. 1889.
- AOS LEITORES. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 4 jan. 1964.
- AOS NOSSOS leitores. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 28 jul. 1956.
- APRENDAMOS com a adversidade. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 12 jul. 2014.
- AS NOSSAS oficinas. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 26 nov. 1910.
- ÀS URNAS, republicanos! **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 25 nov. 1922.
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: as técnicas do jornalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BERTOLINO Costa. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 12 jan. 1901.

BRASIL inteiro festejou conquista invicta da Copa do Mundo. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 27 jun. 1970.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: África, 2007.

CAYE, Márcio Marquette. A imagem dos maragatos através do jornal O Taquaryense no período da Revolução Federalista (1893-1895). **Revista Signos**, Lajeado, ano 33, n. 1, p. 45-51, 2012. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/720/710>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

CEM ANOS de luta e história. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 31. jul. 1987.

COMUNICAÇÃO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 27 dez. 1986.

COMUNICADO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 16 dez. 2006.

COPA do Mundo. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 15 jul. 1950.

CORREIO do Povo. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 6 out. 1945.

COSTELLA, Antonio F. **Comunicação – do grito ao satélite**: história dos meios de comunicação. 5. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2002.

DE GRANDI, Celito. **Diário de Notícias**: o romance de um jornal. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DEPOSTO presidente Goulart pelas Forças Armadas. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 4 abr. 1964.

DIFÍCIL caminhada. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 20 nov. 1993.

EDITORIAL. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 4 ago. 2007.

ETGES, Hélio Afonso; SOARES, Cristiane Lautert; BENCKE, Juliana. Jornalismo à moda antiga na internet: um resgate da memória e da história do jornal O Taquaryense. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, UFSC, 2014. Disponível em: <http://www.alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/gt-história-da-mídia-impressa_hélio_etges.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FARIA, Octávio Augusto de. **Monografia do município de Taquari**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1981.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 291-310, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/2658/1703>>. Acesso em: 14 mai. 2018.

GALVANI, Walter. **Um século de poder**: os bastidores da Caldas Júnior. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HISTÓRIA de uma homenagem: 1976/2014. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 20 dez. 2014.

INAUGURADA placa alusiva aos 95 anos de O Taquaryense. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 1 jan. 1983.

JORNAL Taquaryense – o segundo jornal mais antigo do Rio Grande do Sul completou 112 anos. **Jornal da Adjori**, p. 11, set. 1999.

KREUTZ, Elizete de Azevedo; FERRARI, Suzana. Reconstrução da História da Publicidade veiculada no Jornal O Taquaryense no período de 1900 a 1909. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 4., 2006, São Luís. **Anais...** São Luís: AMI, 2006. Disponível: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/4o-encontro-2006-1/Reconstrucao da Historia da Publicidade veiculada no Jornal O Taquaryense.pdf/at_download/file>. Acesso: 2 mar. 2018.

LAURO Pereira Guimarães. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 2 fev. 2013.

MACEDO, Francisco Riopardense de. **Imprensa farroupilha**. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2013.

MOVIMENTO revolucionário em S. Paulo. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 16 jul. 1932.

MUDANÇA de comando. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 18 mai. 2016.

MUDANDO sem perder a essência. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 1 ago. 2015.

MUITO obrigado, Irmãos da Opa! **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 6 mar. 2004.

NARDI Alvim reafirma orientação apartidária de O Taquaryense. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 12 dez. 1964.

NOSSA folha. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 28 jan. 1911.

NOTA da redação. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 20 dez. 2014.

NOTICIÁRIO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 15 fev. 1889.

NOVAS assinaturas. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 5 nov. 1910.

NOVO ano, nova fase. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 2 ago. 1902.

NOVO ano. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 7 ago. 1897.

O ADVENTO. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 20 nov. 1889.

CUSTÓDIO, Aline. O decano do jornalismo gaúcho. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 33, 31 mar. 2003.

O JAPÃO rendeu-se incondicionalmente aos governos aliados, pondo assim termo à guerra no Pacífico. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 18 ago. 1945.

O JORNAL que não muda de cara. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44, 25 fev. 2016.

O REGRESSO do velho mourejador da boa imprensa. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 31 mai. 2018.

O TAQUARYENSE suspende hoje, em caráter definitivo, a sua publicação. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 27 abr. 1946.

O TAQUARYENSE, Taquari, p. 1, 2 set. 1950.

O TAQUARYENSE. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 1 jan. 1911.

O TAQUARYENSE. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 13 dez. 1947.

O TAQUARYENSE. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 7 jan. 1989.

O TAQUARYENSE. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 9 mar. 1985.

PAROLA oficial. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 21 jun. 1980.

PELA liberdade. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 30 mai. 1888.

PRECHT, Anna, L; ANTUNES, Gabriela. O Taquaryense com seus 122 anos. **Revista Eletrônica de Jornalismo Investigativo**, Porto Alegre, ano 6, n. 10, 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

PRESIDENTE Getúlio Vargas. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 28 ago. 1954.

PROFESSORA Núbia Costa Saraiva. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 28 dez. 2002.

PROGRAMA. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 31 jul. 1887.

REVERSÃO necessária. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 1 jan. 1994.

REVOLUÇÃO brasileira. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 11 out. 1930.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186/1325>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

ROMERO, Manoel Campo. O Taquaryense. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 29 jul. 1911.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SARAIVA, Núbia Costa. **Rádio Açoriana**, Taquari, RS, 20 ago. 1996. Cidade Aberta. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida a Kurt Pedro Freitag.

SARAIVA, Palemon. Meu preito de saudade. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 31 jul. 1965.

SARAIVA, Palemon. Minha saudação. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 27 jul. 1968.

SENADOR Pinheiro Machado. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 11 out. 1915.

SEU 33º aniversário. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 31 jul. 1920.

SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-rio-grandense**. Porto Alegre: Corag, 1986.

SILVA, Juremir Machado da. **Golpe midiático-civil-militar**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SILVA, Riograndino da Costa e. **São José de Taquari: a história de minha terra.** Porto Alegre: Flama, 1972.

SOARES, Cristiane Lautert. **Imprensa à moda antiga:** um estudo da recepção dos leitores do jornal O Taquaryense. 2013. 126 f. Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.

SOCIAIS em Destaque. **O Taquaryense**, Taquari, p. 6, 14 jun. 1980.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Simone Vitalina de. **Revirando os baús:** a história do Instituto Estadual de Educação Pereira Coruja em Taquari/RS. 2015. 61 f. Monografia (Graduação) - Curso de História, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2015.

THEO. Recordar... **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 31 jul. 1937.

TREMENDO golpe. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 31 out. 1903.

TROCA de comando. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 7 set. 2016.

UM VELHO homem de imprensa. **Radar**, São Paulo, p. 35-36, abr. 1995.

UMA HISTÓRIA de amor ao jornalismo. **Gazeta do Sul**, Santa Cruz do Sul, p. 4, 17 abr. 1993.

UMA NETA de José Garibaldi. **O Taquaryense**, Taquari, p. 2, 7 nov. 1931.

VELHA guerreira. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 6 nov. 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VISITOU Taquari o rei do baião. **O Taquaryense**, Taquari, p. 1, 21 mar. 1953.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista semiestruturada com Flávia Therezinha Saraiva Dias, diretora do jornal *O Taquaryense*

Conversa com duração de 23 minutos e 27 segundos, ocorrida em 2 de junho de 2018, em Taquari

Como foi seu primeiro contato com *O Taquaryense*?

Muito cedo. Desde sempre, eu diria. Quando nasci, papai já participava intensamente da vida do jornal. Para se ter uma ideia, com oito anos ele já era entregador. Depois, tipógrafo, gerente e diretor. *O Taquaryense* era seu irmão mais velho, como costumava dizer. Natural, então, que o jornal fizesse parte de nosso dia a dia. Era como se fosse de fato alguém da família. Lembro-me de ir à tipografia ainda criança. As oficinas ficavam anexas à casa do tio Mário, onde morava o vovô Albertino.

Chegou a conhecer Albertino Saraiva?

Não. Vovô morreu em 1928. Nasci em 1931.

O que seu pai falava dele? Quais histórias contava sobre Albertino?

Ele era, segundo papai, um homem muito inteligente. Jornalista nato. Como chefe de família, muito dedicado e carinhoso. Uma das histórias que papai contava era o episódio da Revolução de 23, quando as tropas de Higino Pereira vieram a Taquari para matá-lo. Vovô era borgista, ximango. E, vejam como são as coisas, foi um maragato que o salvou. Teobaldo Kern era muito seu amigo e, logo que soube da intenção de Higino, avisou. Vovô se escondeu com a esposa e os filhos no sótão da casa de dona Alzira Mesquita da Costa até Higino deixar a cidade.

Você se envolvia com o jornal? Escrevia para ele?

Não. No princípio, não me envolvia. Era só leitora. Mais tarde é que passei a participar. Auxiliava papai. Lembro que certa vez escrevi interinamente *Sociais em Destaque* para a querida Tia Helena. Mas não era algo frequente. A partir dos anos 90, quando Peri morreu, papai teve de tocar sozinho o jornal. Na medida do possível, tentava ajudá-lo. Fazia a revisão.

Fale mais sobre Plínio Saraiva.

Papai era muito correto e organizado. Tinha um temperamento tranquilo, mas sabia ser duro quando preciso. Era um homem de convicções fortes. Fiel a seus princípios e valores. Conservador. Gostava de ser chamado de jornalista, e não de jornalista, pois não era formado. Leitor assíduo do Correio do Povo. Achava a Zero Hora muito espalhafatosa. Saudades dele. Foi um pai maravilhoso. Viveu até os 101 anos lúcido e fazendo o que mais gostava: trabalhar em *O Taquaryense*.

Foi ele quem a elegeu como sucessora?

Antes de partir, ele me fez esse pedido. Que eu assumisse o jornal e desse continuidade à obra de vovô Albertino. Prometi que daria. Foi uma missão que recebi. Em memória dele e de vovô, cumprirei até o fim.

Qual a situação atual do semanário?

Financeiramente, segue deficitário. As receitas oriundas das assinaturas e dos anúncios não são suficientes para pagar todas as despesas. Ajudo com meu salário. Em 2017, fechamos o ano com um saldo negativo de aproximadamente R\$ 1.500,00. Costumo dizer que matamos um leão por dia.

A saída seria sua modernização?

Talvez sim, embora atualmente até mesmo grandes empresas jornalísticas estejam enfrentando sérias dificuldades. Mas, enquanto for possível, *O Taquaryense* conservará as características que desde a fundação são preservadas. Assim defendiam aqueles que me antecederam. Papai, Peri...

Quantos assinantes e anunciantes o jornal tem hoje?

São 240 assinantes: 177 em Taquari e 63 em outros municípios. Para os assinantes locais, o custo anual é de R\$ 60,00. Para os que moram fora é de R\$ 120,00. Os anunciantes são 12 e pagam mensalmente R\$ 50,00.

APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada com João Batista Costa Saraiva, ex-redator e colunista do jornal *O Taquaryense*

Conversa com duração de 30 minutos e 18 segundos, ocorrida em 20 de junho de 2018, por telefone

Como foi o início de sua trajetória em *O Taquaryense*?

Olha, o jornal fazia parte da rotina de nossa família. O pai ficava até tarde na sexta-feira fechando o jornal, junto com o tio Plínio. Com 12 anos, orientado pelo tio Plínio, eu era o cobrador de assinaturas e anúncios. Girava a cidade. Assim iniciou minha história, até o dia em que comecei a escrever. A tia Helena, Helena Silveira, havia parado de escrever sua coluna social, na última página. Eu deveria ter uns 17 anos. Disse que topava escrever. Começou o *Informe*.

Sua rotina como colunista e redator era organizada de que forma?

A ideia era escrever tópicos. Montava isso com muito carinho.

Como era Peri Saraiva, seu pai, e o que o jornal representava para ele?

Meu pai era uma pessoa maravilhosa. Serena, inteligente, um autodidata. Lia muito. O jornal era para ele uma espécie de extensão de sua vida, junto com o tio Plínio.

Do que você se lembra de mais marcante em relação a Peri e o trabalho dele no semanário?

O pai tinha uma relação de amor com o jornal e compartilhava isso com o tio Plínio. Talvez o dia de maior alegria tenha sido quando da festa do centenário do jornal.

A ligação dele com o jornal vinha desde muito cedo. Com 14 anos, Peri já era tipógrafo. Ele contava muitas histórias daquele tempo?

Sim, seguidamente recordava os momentos antigos, desde o vovô Mário e antes de todos os antepassados. Meu pai era um nostálgico, um homem de outra época.

E a rotina de seu pai? Você escreveu certa vez que ele ficava até altas horas da madrugada em *O Taquaryense*? Fale sobre isso.

As noites de sexta-feira eram dedicadas ao fechamento do jornal. Era um ritual. Aprendi a conviver com isso desde muito pequeno. O pai se manteve sempre muito

discreto. Raramente se pronunciava, a não ser nas *Pílulas Urbanas*, onde assinava “Ripe”. Mas eram pronunciamentos raros. Meu pai era um homem sempre muito discreto e sutil. Sempre foi minha referência.

Em muitas de suas colunas, nota-se o estilo de escrita de Peri. Ele o ajudava a escrever ou você se inspirava nele?

O pai sempre me deu muita autonomia. Havia entre nós uma relação muito especial de confiança e respeito. Sinto muita saudade do pai. Pouco ou quase nada interferia nas coisas que eu fazia.

De Plínio Saraiva, quais as recordações que você guarda? Como era sua relação com ele e a dele com Peri?

O tio Plínio era um homem extraordinário, muito organizado. Tudo absolutamente correto. Apreendi muito com ele. O tio Plínio e meu pai tinham uma perfeita relação. Apesar de tio e sobrinho, pareciam irmãos. Talvez a única diferença deles era que o tio Plínio, por influência do tio Nilo, se inclinava para o Inter e o pai sempre muito gremista.

A coluna *Informe* apareceu pela última vez em dezembro de 1983. No ano seguinte, você também deixou o corpo de redatores. O que motivou essa saída?

Na época, ingressei na magistratura. Não havia como compatibilizar as atribuições. Foi o final de um ciclo muito bom.

Em 1990, com a morte de Peri, chegou a ser cogitado o fechamento de *O Taquaryense*?

Toda morte de alguém que integra o núcleo de uma ação produz crise. Mas tio Plínio tocou o jornal, com o auxílio da Flávia e mesmo de minha mãe.

Naquela década, sua mãe tornou-se redatora. Você acompanhou o trabalho dela?

À distância. A mãe amava Taquari.

Antes de se tornar redatora, ela já participava da vida do jornal?

Na realidade, a mãe sempre foi uma mulher forte e atuante, mas nas atividades do jornal sempre respeitou aquele como um espaço do pai. Após a morte dele, ela se envolveu em *O Taquaryense* em sua memória.

Depois de sair em 1984, você algum dia pensou em voltar a colaborar?

Pensei esporadicamente. Na realidade, o compromisso permanente é um desafio e tanto.

O que *O Taquaryense* representa para Taquari e que valor histórico ele tem na sua opinião?

Muito importante. Tem em sua coleção o repositório da história de nossa cidade. Uma trajetória que se inicia como veículo do Partido Republicano e de luta abolicionista. Tudo isso ao tempo do Império. Uma história que é a própria história.

Como você vê o semanário hoje e como gostaria de vê-lo no futuro?

Acho que *O Taquaryense* cumpriu uma trajetória e agora deve se adaptar aos novos tempos. Vivemos uma época em que o próprio jornalismo tradicional está sendo questionado. Gigantes como *NY Times* e a *Folha* estão em crise. É um tempo de mídia eletrônica. Temos que pensar nisso.

APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada com João da Rosa Rodrigues, impressor-gráfico do jornal "O Taquaryense"

Conversa com duração de 15 minutos e 42 segundos, ocorrida em 15 de junho de 2018, em Taquari

Como começou sua história em *O Taquaryense*?

Eu trabalhava como jardineiro nos fins de semana na casa de nossa atual diretora, dona Flávia. O marido dela, tenente Brito, que era redator do jornal, me perguntou certa vez se eu gostaria de trabalhar aqui. Respondi que sim. Então, comecei como aprendiz de tipógrafo.

Em que ano?

Foi na década de 90. Acho que em 1992.

Você teve muitas dificuldades no início ou se adaptou rapidamente à lida com os tipos móveis?

No começo, foi difícil. Até decorar o lugar certo de cada letra na caixa, demorei um pouco. Mas, depois de muita repetição, me acostumei. A coisa ficou natural.

Como era sua relação com Plínio Saraiva?

Seu Plínio era um homem sério e discreto. Na dele. Falava pouco. Mas, quando resolvia contar histórias, se transformava. Tinha uma memória privilegiada. Tratava todo mundo da mesma maneira. Sempre com muito respeito.

O que ele fazia no jornal?

Era quase sempre o primeiro a chegar e o último a sair. Ajudava na composição, na paginação e na correção. Raramente escrevia na redação. Ele gostava mesmo era de escrever em casa, em sua máquina datilográfica, geralmente à tarde. Dicionários não podiam faltar em sua mesa. Seguidamente, ele alterava o texto duas, três, até quatro vezes, em busca de uma palavra que se encaixasse melhor.

Como é ser tipógrafo em plena era digital?

É interessante. As pessoas que vêm nos visitar ficam impressionadas com o que faço. Principalmente os mais jovens, que vivem conectados com as mais

avançadas tecnologias e, de repente, se veem num lugar totalmente estranho, arcaico. Reagem como se não acreditassem no que está diante deles.

Hoje, qual é sua rotina?

Bem, hoje sou responsável pela composição do jornal e pela impressão. Na sexta, começo a montar as páginas internas, que são impressas e desmanchadas no sábado. Na segunda, inicio a montagem da capa e da contracapa. Essas páginas são as mais demoradas. Na quarta, imprimo a prova para *O Taquaryense* ser revisado. Na quinta, ele é impresso e entregue aos assinantes e já começa a ser desmontado.

No futuro, como você vê *O Taquaryense*?

Acho que, lá na frente, para que possa sobreviver, *O Taquaryense* será obrigado a se modernizar. Nem que seja com uma linotipo, que já facilitaria, e muito, o trabalho. Os tipos, que já não são mais fabricados, vão gastando e deixam de marcar com o tempo. Comprar fontes usadas não vale a pena, a não ser que estejam em ótimo estado, o que é raro.

APÊNDICE D – Entrevista semiestruturada com Maria Ermi Bastos Praia, colunista do jornal *O Taquaryense*

Conversa com duração de 38 minutos e 49 segundos, ocorrida em 10 de junho de 2018, em Taquari

Como você se tornou colaboradora de *O Taquaryense* e o que a motivou?

Vim morar em Taquari em junho de 1959, formada professora, casada e trabalhando no Pereira Coruja. Minhas primeiras amizades foram com colegas da escola, entre elas, Helena Santos da Silveira, a Tia Helena, de talento ímpar, dedicada às artes, que escrevia muito bem. O gosto comum pelo texto nos aproximou e, no decorrer dos anos, lembro sua importante participação como colaboradora de *O Taquaryense*. *Sociais em Destaque* era o espaço em que registrava os acontecimentos da cidade e, seguidamente, trocávamos ideias sobre isso. Pouco a pouco, fui conhecendo a história e o trabalho do mais antigo jornal de Taquari e seu grande timoneiro, Plínio Saraiva. Esporadicamente, enviava algum artigo para publicação no semanário, o que era sempre muito bem acolhido por ele. Depois do falecimento da querida Tia Helena, pelo menos duas pessoas assumiram seu espaço: que me lembre Danilo Lux e, depois, David Schaffer. Até que seu Plínio me fez o convite, quando, então, criamos o *Noticiando*.

Quais as recordações mais marcantes que você guarda do jornal?

Na época em que me tornei efetiva colaboradora, não lidava com computador e nem o jornal contava com essa tecnologia. Então, semanalmente, escrevia à mão a matéria em folhas de rascunho e entregava aos tipógrafos para a montagem. Era um processo bem primário, mas que deu certo por bastante tempo.

Como era sua relação com Plínio Saraiva e do que você se lembra de mais marcante dessa convivência?

Antes de tudo, sempre nutri uma admiração enorme por seu Plínio, pela veneração dele ao jornal, por sua perseverança em mantê-lo vivo, em dar continuidade à obra de seu pai. Jamais sairá de minha lembrança a seguinte cena: ao chegar às oficinas do jornal, encontrei-o com os dedos sujos de tinta, lidando com os tipos na montagem de alguma matéria, sempre impecavelmente vestido, de terno, gravata,

então em camisa, com as mangas levemente arregaçadas e suspensórios. Emocionei-me, a ponto de tentar prender as lágrimas, para que ele não notasse. Fiquei imensamente feliz quando a escola de samba Irmãos da Opa lhe prestaria uma homenagem, escolhendo sua vida e sua obra como tema do Carnaval.

Quais as funções que você exercia inicialmente no semanário?

Acho que fazia a revisão de toda a matéria. Os tipógrafos me mandavam as páginas impressas para as necessárias correções. Depois, faziam a impressão definitiva.

Como foi assumir o posto de colunista social após a morte de Helena Santos da Silveira?

A princípio, foi com bastante preocupação, pois não seria tarefa fácil substituir a competência de Tia Helena. Com o tempo, dentro de minhas possibilidades, de meu estilo, fui adquirindo mais segurança. Sempre recebi total apoio de seu Plínio, que me incentivava muito.

Você parou de escrever *Noticiando* em 2001, deixando também o corpo de redatores. Por quê?

Acredito que foi por dificuldade de tempo, sinceramente não lembro.

Em 2007, você voltou a colaborar. Como foi esse retorno e quais atividades passou a desempenhar?

Voltar a ser colaboradora de *O Taquaryense*, sem dúvida, foi motivo de grande alegria. Voltei a ser responsável pelo *Noticiando*, creio.

Como se deu a mobilização em prol do reerguimento de *O Taquaryense*, da qual você participou como integrante do Comitê Pró-Revitalização?

Após o falecimento de seu Plínio, houve dificuldades de gestão e uma parceria não exitosa, proposta pela Univates. O jornal ficou em recesso por volta de seis meses, acredito. Então, surgiu a mobilização pró-reerguimento, iniciativa de Lauro Pereira Guimarães. Convidada para a primeira reunião, com a presença de lideranças de vários setores da comunidade, saí motivada a participar ativamente desse movimento. A partir de então, muitas reuniões foram realizadas a fim de serem encontradas saídas para a situação.

Que importância teve Lauro Pereira Guimarães para esse reerguimento?

Ele foi a coluna vertebral da ação. Seguidamente viajava a Taquari para reuniões, colaborava inclusive financeiramente para equilibrar o jornal. Em Porto Alegre, mobilizava amigos e colegas de trabalho para colaborarem também, incentivava o grupo do comitê taquariense, planejava a criação de um instituto ou fundação que pudesse garantir a sustentabilidade do semanário. Partiam dele sempre orientações muito seguras, o que nos dava especial suporte.

Como é sua relação com a diretora Flávia Therezinha Saraiva Dias e de que maneira você enxerga o trabalho dela à frente do jornal?

Falar de minha relação com a Flávia sempre envolve emoção. Nossa amizade é de pelo menos 50 anos. Nasceu pouco tempo depois que cheguei aqui. Temos afinidades pessoais, familiares, de interesse pela comunidade. Somos amigas irmãs. A causa de *O Taquaryense* solidificou definitivamente isso.

Como é sua rotina de produção?

Com as mudanças do dia de circulação do jornal, primeiro às quartas e, depois, às quintas, o prazo para captar notícias ficou mais curto, pois os eventos ocorrem quase sempre em final de semana. Então, estabeleci o seguinte cronograma: já no domingo, via e-mail, faço contato com quem possa me passar informações para notícias a serem divulgadas, pedindo que remetam até segunda-feira, à tarde.